

FACULDADES EST  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA  
CAROLINE JULIE DA ROSA COUGO

REFLEXÕES SOBRE O SAGRADO EM O VELHO E O MAR, DE ERNEST  
HEMINGWAY

São Leopoldo

2024

CAROLINE JULIE DA ROSA COUGO

REFLEXÕES SOBRE O SAGRADO EM O VELHO E O MAR, DE ERNEST  
HEMINGWAY

Dissertação de Mestrado para obtenção do  
grau de Mestre em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de Concentração: Teologia, Religião e  
Linguagens  
Linha de Pesquisa: Teologia, Religião, Arte e  
Cultura  
Pessoa Orientadora: Marcelo Ramos Saldanha

São Leopoldo

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C854r Cougo, Caroline Julie da Rosa  
Reflexões sobre o sagrado em O velho e o mar, de  
Ernest Hemingway / Caroline Julie da Rosa Cougo; orientador  
Marcelo Ramos Saldanha. – São Leopoldo : EST/PPG, 2024.  
142 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de  
Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2024.

1. Teologia na literatura. 2. Espiritualidade. 3. Literatura  
americana - história e crítica. 4. Hemingway, Ernest, 1899-  
1961. I. Saldanha, Marcelo Ramos, orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

CAROLINE JULIE DA ROSA COUGO

**REFLEXÕES SOBRE O SAGRADO EM O VELHO E O MAR, DE ERNEST  
HEMINGWAY**

Dissertação de Mestrado  
Para a obtenção do grau de Mestra em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de Concentração: Teologia, Religião e  
Linguagens

Data de Aprovação: 05 de julho de 2024

PROF. DR. MARCELO RAMOS SALDANHA (PRESIDENTE)  
Assinado digitalmente

PROF. DR. CHARLES KLEMZ (EST)  
Assinado digitalmente

PROF. DR. CÉSAR MARTINS DE SOUZA (UFPA)  
Docente visitante

Assinado  
digitalmente por:  
Marcelo Ramos  
Saldanha  
Data: 09/07/2024  
15:14:10 -03:00



Assinado  
digitalmente por:  
Charles Klemz  
Data: 09/07/2024  
18:10:56 -03:00



*Dedico esta obra a quem percebe a presença e o cuidado de Deus em diversos momentos de sua vida. Em memória de Nicolas Araújo Cougo e Valdir Saraiva Cougo.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ser meu porto seguro durante o mestrado em Teologia. Só consegui encarar este desafio porque o Senhor me deu força e coragem, e me revestiu de forças a cada dia para que eu continuasse. Em tudo vejo as obras de Deus, portanto agradeço por todo o processo, desde a aprovação, até a bolsa que recebi e enfim a capacidade para escrever tanto em meio a tantas adversidades. Deus, também te agradeço pelas pessoas que agradecerei abaixo.

Agradeço ao meu marido, Fabrício Mateus Flores, pela paciência, cuidado, compreensão e apoio. Eu sei que não foi fácil para você também, porque o mestrado é muito intenso, exige bastante e por vezes tive que estudar nos fins de semana também. Obrigada porque embora você tenha se chateado algumas vezes, foi compreensivo e realmente um companheiro. Sou realmente muito grata por isso. Amo você.

Gratidão sinto também aos meus pais, pelas orações e por entenderem que nem sempre eu conseguia me fazer presente do jeito que desejava. Além de compreenderem, eles oraram por mim todos os domingos. Meu pai, sempre querido. Minha mãe, sempre cheia de fé. Obrigada, de verdade, vocês são os melhores pais do mundo!

Minha irmã sempre se fez presente nos momentos bons e ruins e me ajudou quando eu mais precisava. Obrigada por sua bondade, disposição, ajuda e ombro amigo. Eu sou tão grata por você e pela sua companhia. Juntas choramos, rimos, dançamos. Você é a melhor irmã que existe no mundo. Obrigada também a meu irmão Patrick, porque sua presença me traz alegria e, mesmo morando longe, quando eu o vejo, sei que tenho risadas garantidas. Você também é o melhor irmão do mundo.

Sou grata a todos que tiveram paciência com minha ausência em alguns momentos por estar ocupada escrevendo monografias, artigos e lendo muitos textos. Meus sogros e minhas cunhadinhas são muito importantes para mim. Agradeço ao meu primo Lennon Araújo Cougo, que sempre estava disposto a marcar algo e tomar um cafézinho. Gratidão também se estende à minha melhor amiga, Priscila Bernhard. Nos conhecemos há 21 anos, quando éramos bem crianças. Sua presença nas férias são tão importantes para mim, principalmente sabendo que você vem da Argentina para nos visitar. Eu amo que, mesmo distantes por muito tempo, a amizade não muda e quando nos vemos parece que nada mudou. Você é minha parceira de *reels*, de *doramas* e de áudios e conversas longas. Obrigada, Adam, Carlos, Alex, Allan, Ricardo, amigos do Fabrício que também são meus amigos. A presença de vocês é muito divertida! Vocês são os melhores parceiros de jogos e de diversão.

*Deem graças ao Senhor porque ele é bom; o seu amor dura para sempre.*

Salmos 107:1

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o sagrado na obra “O Velho e o Mar” de Ernest Hemingway através do Método de Correlação de Paul Tillich. Trata-se de uma obra interdisciplinar com a união de Teologia e Literatura. Para fundamentar o trabalho, a pesquisa começou com a vida de Ernest Hemingway, considerando que ele era adepto da verossimilhança, buscando retratar a vida de maneira precisa e autêntica em suas obras. Depois, houve a abordagem da *Teologia da Cultura*, a *Teopoética* e a *Estética da Recepção*. Considerando que este é um trabalho bibliográfico, a obra de Hemingway foi analisada a partir do Método de Correlação. A análise final envolveu inicialmente a elaboração de um fichamento de leitura, seguido de citações e análises detalhadas da obra. Conclui-se que o elemento sagrado está presente na obra “O Velho e o Mar” em diversas instâncias, como textuais, poéticas e de verossimilhança. Também foi verificado o divino nos simbolismos e nos sentimentos retratados pelo personagem principal, além de nas interpretações possíveis através das lacunas intencionais do texto.

**Palavras-chave:** teologia; literatura; método de correlação; o velho e o mar; Ernest Hemingway.



## ABSTRACT

This study aims to analyze the sacred in Ernest Hemingway's "The Old Man and the Sea" through Paul Tillich's Method of Correlation. It is an interdisciplinary work that combines Theology and Literature. To support the research, it began with an exploration of Ernest Hemingway's life, considering his commitment to verisimilitude in his works. Subsequently, the study delved into the Theology of Culture, Theopoetics and Reception Theory. As this is a bibliographic study, the work was analyzed using the Method of Correlation. The final analysis initially involved the preparation of a reading sheet, followed by detailed citations and analyzes of the work. It is concluded that the sacred element is present in the work in various instances, such as textual, poetic, and verisimilitude aspects. The divine was also identified in the symbolisms and emotions portrayed by the main character, as well as in the possible interpretations through the intentional gaps in the text.

**Keywords:** theology; literature; method of correlation; the old man and the sea; Ernest Hemingway.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 HEMINGWAY E SUA LITERATURA .....</b>	<b>13</b>
2.1 ERNEST HEMINGWAY: O ROMANCE DE UMA VIDA .....	13
2.2 A LITERATURA E O AMBIENTE LITERÁRIO DE HEMINGWAY .....	20
2.3 A VEROSSIMILHANÇA EM HEMINGWAY .....	24
2.4 A RELIGIÃO NA OBRA DE HEMINGWAY.....	30
<b>3 TEORIAS E MÉTODOS DE ABORDAGEM DE LITERATURA E TEOLOGIA .....</b>	<b>35</b>
3.1 TEOLOGIA DA CULTURA .....	35
3.2 A TEOPOÉTICA NA LITERATURA.....	48
3.3 ESTÉTICA DA RECEPÇÃO: INTERPRETANDO OBRAS LITERÁRIAS .....	63
3.4 TEOLOGIA DE FRONTEIRA: MÉTODO DA CORRELAÇÃO .....	67
<b>4 A TEOLOGIA EM O VELHO E O MAR, DE ERNEST HEMINGWAY</b>	<b>77</b>
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>135</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>139</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa<sup>1</sup> tem como tema principal a análise da manifestação do sagrado no livro *O Velho e o Mar*<sup>2</sup>, escrito por Ernest Hemingway em 1952, a partir do Método de Correlação<sup>3</sup>, de Paul Tillich. Como principal fundamentação teórica, utiliza-se, aqui, a obra *Teologia da Cultura*<sup>4</sup>, também de Tillich, porque esta teoria demonstra que o elemento sagrado pode ser percebido nas obras artísticas humanas.

Ao pesquisar sobre a manifestação do sagrado<sup>5</sup> em uma obra literária, alguns problemas surgem e precisam ser resolvidos. É necessário explicar o que é a Teologia da Cultura, pesquisada por Tillich no âmbito da Teologia. Além disso, considerando que se trata de uma pesquisa literária, é necessário que haja uma explicação sobre a Teopoética<sup>6</sup>, e como unir poesia, teologia e literatura. Cabe, também, contextualizar a vida de Ernest Hemingway, considerando que suas obras têm muito de sua própria vivência e ele mesmo considerava que a literatura deveria conter verossimilhança com a vida. Ademais, é necessário, para fazer esta análise, que se explique que conceitos devem ser considerados numa análise literária, a partir da Estética da Recepção<sup>7</sup>. Por fim, há de se explicar como unir Teologia e Literatura, e isto se realiza com a explicação e aplicação do Método de Correlação, de Paul Tillich.

Algumas hipóteses dão sustentação à pesquisa. A primeira hipótese é a de que *O Velho e o Mar* reflete as maiores angústias humanas e expõe o leitor ao sentimento de impotência perante a vida e a morte. Isto pode ser verificado diretamente no enredo, visto que a história trata da batalha entre um velho homem e o maior peixe por ele já capturado, representando seu maior desafio na pesca. Esta batalha o leva a questionar se conseguirá sair vitorioso e, principalmente, vivo do desafio. Além disso, Hemingway escreveu a obra baseada em sua própria vida e suas próprias dificuldades que estavam surgindo enquanto o tempo ia passando.

---

<sup>1</sup> Este trabalho segue as normas da Faculdades EST em sua formatação.

<sup>2</sup> HEMINGWAY, Ernest. **O Velho e o Mar**. Tradução: Fernando de Castro Ferro. 105ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

<sup>3</sup> CUNHA, Carlos Alberto Motta. Teologia de Fronteira: aportes do método de correlação de Paul Tillich. **Revista Eletrônica Correlatio**, v. 15, n. 2. p. 27-51, dez. 2016.

<sup>4</sup> TILLICH, Paul. **Teologia da Cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

<sup>5</sup> Esta pesquisa tem como base de sagrado uma visão cristológica a partir da Bíblia Sagrada. Entretanto, em alguns momentos durante a análise, são feitas menções a outras religiões e a outros tipos de sacralidade, como a noção de sagrado na cultura e no cotidiano.

<sup>6</sup> BINGEMER, Maria Clara; VILLAS BOAS, Alex. **Teopoética: Mística e Poesia**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2020.

<sup>7</sup> ISER, Wolfgang. **O Ato da Leitura: uma teoria do efeito estético** vol. 2. São Paulo: Ed. 34, 1999.

Sendo uma obra surgida diretamente de uma angústia humana, é realista quanto à sua intensidade.

Outra hipótese é a de que o livro *O velho e o Mar* tem inspirações cristãs. Esta afirmação não é sem motivo. Hemingway, com o passar do tempo, vinha tendo inspirações cristãs, e conhecia bastante a Bíblia (demonstrava bastante conhecimento e citava versículos, além de lê-la frequentemente), identificando-se como católico cristão<sup>8</sup>. Além disso, *O Velho e o Mar* demonstra momentos em que o personagem principal faz rezas decoradas em uma tentativa de ser vitorioso na batalha e, recentemente, tem-se constatado também ocorrências de paralelismos hebraicos na obra de Hemingway<sup>9</sup>, possivelmente inspirados pelos seus estudos bíblicos.

A terceira hipótese, fundamentada em Tillich, é a de que uma das principais razões para que as concepções divinas possam ser verificadas e analisadas em *O Velho e o Mar*, é a de que a teologia está presente nessa obra, justamente porque o divino pode ser percebido na contemplação artística, porque este sentimento é também religioso. A cultura, por ser a forma da religião, demonstra as angústias humanas a partir da arte, e estas angústias humanas, incluindo a preocupação última, é um sentimento teológico de acordo com a Teologia da Cultura.

O objetivo geral do trabalho é analisar quais símbolos e conceitos religiosos encontrados na obra *O Velho e o Mar* apontam para o sentido último da existência, permitindo a construção de uma leitura teopoética da obra. Para que esta análise seja feita com maestria, alguns passos devem ser seguidos, que são os objetivos específicos. Necessita-se, para tanto: conceituar a Teologia da Cultura, Teopoética e a Estética da Recepção, fazendo uma correlação entre a Teologia e Literatura e explicar e fundamentar o contexto de obra e escrita de *O velho e o Mar*, considerando o contexto em que foi escrito. É de extrema importância também verificar os elementos da própria vida de Hemingway que se encontram na obra; aplicar o método de correlação para realizar a análise do livro através da teologia e da literatura e, por fim, analisar, a partir de correlações, citações e explicações as referências ao sagrado presentes na obra.

Esta pesquisa justifica-se pelo fato de haver poucas pesquisas sobre Teologia e Literatura. Considerando especificamente *O Velho e o Mar*, há apenas dois artigos publicados

---

<sup>8</sup> BAKER, Carlos. **Ernerst Hemingway**: o Romance de ma Vida. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1971, p. 215 e 567.

<sup>9</sup> COUGO, Caroline; SALDANHA, Marcelo. Os paralelismos em *O Velho e o Mar* e sua relação com o Antigo Testamento. **Tear Online**. São Leopoldo, v. 12, n. 1, p. 37-52, jan.-jul. 2023, p. 40

em 2023 pela revista *Tear Online*, da Faculdades EST<sup>10</sup>. Além destes, há um livro de 1963, chamado “*The Hidden God*”<sup>11</sup> que analisa teologicamente alguns livros, entre eles a obra de Hemingway de um modo geral. Este tema, portanto, é pouco explorado, e trata-se aqui da primeira dissertação sobre o assunto. Outra característica a se observar é que esta pesquisa se trata de um estudo interdisciplinar que permite diferentes abordagens em uma obra apenas. Em diversas áreas científicas, incluindo na Educação, vem se desenvolvendo uma motivação para que cada vez mais os trabalhos interdisciplinares sejam feitos, pois a complexidade é significativa para a ciência, e diferentes áreas podem se beneficiar a partir do contato mútuo.

Além do baixo material de pesquisas sobre este tema, há uma relevância quanto ao conteúdo. As angústias que Santiago tem durante a sua jornada refletem diretamente aos sentimentos comuns dos seres humanos, que são as dúvidas sobre o sentido da vida, o medo da morte, a ansiedade, a falta de perspectiva e até mesmo a falta de motivação. Estas emoções profundas são também teológicas, portanto, responde às principais perguntas existenciais. Sendo um livro cuja análise teológica pode colaborar para a própria compreensão de vida do leitor, tornando-se um consolo em meio ao sentimento de desespero que por vezes manifesta-se na vida, servirá como uma ajuda para lidar com estes momentos.

Trata-se de um livro que possibilitou ao autor ganhar um Prêmio Nobel em 1953, um ano após seu lançamento. A história na época causou a admiração de inúmeros leitores pois levou a muitas interpretações sobre o sentido e o simbolismo principal da obra, embora Hemingway nunca os tenha revelado. Principalmente, as publicações e as críticas da época exaltavam a história por parecer transcender os sentimentos cotidianos, levando a uma reflexão que tocava a alma e expressava concepções sagradas da vida.

A motivação da autora do trabalho tem origem em sentimentos e experiências pessoais. Experimentou a preocupação última<sup>12</sup> ao perder um primo e um tio para a COVID-19. A partir de então, nada mais parecia fazer sentido e foi experienciado uma *metanoia*<sup>13</sup> que mudou sua maneira de viver. Essa mudança é comparável às vivenciadas por Tillich e Hemingway, que também passaram por profundas alterações em suas perspectivas de vida devido às suas experiências em tempos de guerra. A busca por respostas e compreensão a conduziu a pesquisas

---

<sup>10</sup> Tratam-se de “O Velho e o Mar: quando literatura, teologia, espiritualidade e resiliência se abraçam”, escrito Júlio Cezar Adam e Odete Lieber de Almeida; e “Os paralelismos em O Velho e o Mar e sua relação com o Antigo Testamento”, escrito por Caroline Cougo e Marcelo Ramos Saldanha.

<sup>11</sup> Em português, “O Deus escondido”.

<sup>12</sup> O que Tillich resumidamente descreveria como a dúvida principal do ser humano, que se refere ao sentido da vida e o que vem após ela.

<sup>13</sup> Em grego *μετάνοια*, significa *mudança de mente*.

teológicas, leitura da Bíblia e à busca da arte e literatura como um refúgio. A pesquisa é motivada também por interesses pessoais. Como cristã, a autora já realizou a leitura completa da Bíblia, o que naturalmente se alinha ao seu campo de pesquisa literária. Adicionalmente, sua formação em Letras, com habilitação em Português/Inglês, e sua paixão pela Literatura, uma das disciplinas abordadas durante sua graduação, reforçam a base de conhecimento que fundamenta este estudo. Após esta introdução da pesquisa, segue-se a primeira fundamentação teórica da pesquisa, que trata da vida do autor, Ernest Hemingway, e seu contexto de escrita.

## 2 HEMINGWAY E SUA LITERATURA

### 2.1 ERNEST HEMINGWAY: O ROMANCE DE UMA VIDA

Este primeiro capítulo da pesquisa é baseado no livro *Ernest Hemingway: O Romance de uma Vida*, de Carlos Baker, publicado pela primeira vez em 1969 e considerado uma das biografias mais fidedignas sobre o romancista americano. Baker tinha contato direto com os familiares e os amigos mais próximos de Hemingway, tendo publicado a biografia logo após a morte do autor. Escreveu em formato de romance para homenagear Hemingway e incluiu, além de muitos detalhes da vida do artista, aspectos preciosos de sua produção literária. Por este motivo e a partir de uma percepção pessoal da pesquisadora, que considera esta a mais importante biografia sobre Hemingway, esta primeira parte do trabalho contém informações que estão todas neste livro. Portanto o texto que doravante se desenvolve limitará a referência do trabalho de Baker às citações diretas, pressupondo-se evidentemente que as demais partes do material do capítulo consistem em exposição reelaborada do conteúdo da mesma obra.

Considerando o caráter autobiográfico e a verossimilhança presente nas ficções, é necessário se conheça sobre o próprio Ernest Hemingway antes de falar de suas obras. Nascido em 1899, em Oak Park, cidade do estado de Illinois, nos Estados Unidos, tinha boas condições de vida. Seu pai, Clarence Edmunds Hemingway, era médico e sua mãe, Grace Hall Hemingway, era musicista e professora de canto. Illinois era um lugar tranquilo e garantiu a ele uma infância de natureza, pesca e caça. Em Oak Park havia muita área verde, mas também muitas construções elegantes. Já na adolescência, gostava muito de *boxe* e *rugby*, que foram adicionados aos *hobbies* de caça e pesca, herdados do pai, e à escrita, música e pintura, herdados da mãe. As influências paternas e maternas o tornaram um atleta e violoncelista nas atividades escolares. Ernest teve uma boa educação, empregados para cuidarem das questões domésticas em sua casa e bom apoio para os estudos, e apresentava facilidade para aprender diferentes áreas de conhecimento. Suas habilidades, como mencionado anteriormente, também se estendiam para a parte física, sendo sempre considerado uma pessoa atlética, graças a seu pai. Quanto à educação por parte de seus pais, sua mãe, Grace Hemingway, valorizava os estudos artísticos.

De um modo geral, Grace era mais tolerante. Dizia repetidamente querer que seus filhos gozassem a vida. Para ela, isso significava sobretudo o conhecimento das artes. Cuidou, desde o início, que todos recebessem lições de música. Assim que cresceram

o suficiente, passou a comprar-lhes bilhetes para os concertos sinfônicos, as representações de óperas e as melhores peças de teatro que vinham de Chicago, e foram incentivados desde muito cedo a familiarizar-se com as pinturas e desenhos do Instituto de Belas-Artes de Chicago. A sua crença arraigada em criatividade incutiu-lhe a ambição de desenvolver ao máximo os talentos de seus filhos<sup>14</sup>.

Por ter estímulos artísticos e físicos de seus pais, Hemingway, quase que conseqüentemente, passou a ter aptidão para duas áreas que são consideradas muito distantes uma da outra. Poucos entendiam como um homem poderia ser um escritor que expressava sentimentos profundos em suas obras e, ao mesmo tempo, ter uma pose deveras exagerada de *valentão*. Uma definição de Carlos Baker descreve perfeitamente a característica revoltada e política da personalidade de Ernest Hemingway:

Temos o feroz individualista que resistia a [*sic*] modas e bossas como a uma praga, que sustentava a necessidade do escritor ser um *marginal*, como um cigano, que acreditava ser o melhor governo aquele que menos governa, que odiava a tirania, a burocracia, os impostos, a propaganda e a oratória; que pensava estarem a cobiça e capacidade humana destruindo aquelas regiões do mundo que ele mais amava; que se irritava com as incursões da civilização moderna numa natureza cada vez mais exígua e as intrusões da máquina no jardim<sup>15</sup>.

As frequentes críticas que recebia de suas obras por vezes mencionavam a personalidade e o comportamento frequentemente confuso e exacerbado do autor. Suas mudanças de humor eram percebidas por todos, inclusive pela escritora Marjorie Rawlings, que o conheceu pessoalmente e depois compartilhou sua principal impressão.

A Sr.<sup>a</sup> Rawlings considerou Ernest um fascinante problema de paradoxos. Pensou na “grande e gentil pata” que prendera sua pequena mão com tanto carinho no primeiro encontro de ambos. Entretanto, não podia deixar de refletir que essa mesma pata era a que, esporádica mas implacavelmente, derrubava gente a soco. Ernest parecia-lhe ser “um tão grande artista” que não precisava estar sempre na defensiva, um homem “tão sólido e tão viril” que não havia razão para demonstrá-lo com os punhos. A chave do seu caráter deve residir, pensou ela, em algum “conflito íntimo entre a vida esportiva e a vida literária; entre as pessoas esportistas com quem ele convive e o artista”<sup>16</sup>.

Por outro lado, Hemingway não via com maus olhos seus próprios paradoxos. Emocionalmente falando, sim, suas mudanças de humor poderiam ser complicadas, ainda mais quando se considerava todos os momentos que ele teve humor depressivo a ponto de pensar em suicídio nos últimos momentos de sua vida. Porém, quanto ao fato de ser extremamente culto a ponto de escrever vários livros e, ao mesmo tempo, ser tão apaixonado por esportes que podiam levá-lo a um cansaço extremo, isso não era um problema nem mesmo um conflito para ele, e, inclusive, uma coisa explicava a outra:

---

<sup>14</sup> BAKER, 1971, p. 19.

<sup>15</sup> BAKER, 1971, p. 3

<sup>16</sup> BAKER, 1971, p. 330-331



Quando a Sr.<sup>a</sup> Rawlings sugeriu esta hipótese ao próprio Ernest, ele explicou que, afinal de contas, pescava e caçava desde a infância e continuava fazendo ambas as coisas porque “se divertia e sentia uma grande excitação”. Escrever era, para ele, um processo de cauterização da alma, realizado na intimidade do lar com os instrumentos da sua arte e uma clausura auto-imposta. Quando tudo corria bem, nada podia comparar-se como fruição e recompensa. No caso contrário, a menos que quisesse enlouquecer, não tinha outro recurso senão apanhar os instrumentos da sua segunda arte - as armas, as varas de pesca - e buscar outras satisfações no mar ou percorrendo florestas. Com exceção da literatura, nada lhe dava mais prazer do que matar um urso, um búfalo, um kudu, um leão de juba preta, ou lutar até à morte com um gigantesco e nobre espadarte, uma macaíra, um enorme atum, até uma baleia, se conseguisse enterrar-lhe um arpão bem fundo na carne. Seria isso um conflito? Ele achava que não.<sup>17</sup>

Sua personalidade era polêmica, e isso era demonstrado até mesmo em publicações. Como exemplo, pode-se citar *In our time*, um livro de contos publicado por ele em 1925. O livro continha contos de paródia, e, entre esses contos, havia um especialmente escrito com a finalidade de criticar Sherwood Anderson, um outro escritor que já o havia ajudado logo que ele chegou em Paris. Dificilmente alguém conseguiria explicar porque ele fez uma paródia tão polêmica e satirizada de um amigo. Nem mesmo as pessoas mais próximas aprovaram que ele publicasse tal conto, como, por exemplo, sua primeira esposa. O amigo deles, John dos Passos, também um romancista, criticou a atitude de Ernest, e “Hadley concordava com os argumentos de Dos Passos. Gostava pessoalmente de Sherwood e “achava a idéia [sic] detestável, embora concluísse bem depressa que *nada conseguisse dissuadir Ernest de enviar o livro a Liveright*”<sup>18</sup>.

Porém, como Baker explica em sua biografia, em *Paris é uma Festa*, as memórias do autor ali retratadas são, em sua maioria, boas e retratam momentos de grande diversão e prazer. O livro, porém, foi escrito décadas depois e só foi publicado postumamente. Durante a década de 1920 em Paris, ele colecionava polêmicas e brigas, porém, na década de 1960, ele lembrava-se com felicidade de tais memórias.

Tendo uma prévia de sua personalidade, cabe voltar à descrição de sua infância. Quando nasceu, ele tinha uma irmã mais velha, e depois teve mais quatro irmãos mais novos. Sua educação foi rígida por parte de ambos os pais, embora ele tivesse momentos seus momentos de distração com eles. Ernest admirava seu tanto por sua força física quanto por suas habilidades. Foi na adolescência, no colégio, que Ernest Hemingway começou a publicar alguns de seus escritos. Em 1916, dois contos seus foram publicados em *Tabula*, uma revista de sua escola, e também era repórter do *The Trapeze*, que era um jornal semanário da mesma instituição. Ele já fazia reportagens sobre seus colegas de aula, como no dia em que publicou um acontecimento: seu amigo, Lyman Worthington, companheiro de boxe de Hemingway, salvou uma pessoa de uma tentativa de suicídio em uma usina de abastecimento de águas perto

---

<sup>17</sup> BAKER, 1971, p. 331.

<sup>18</sup> BAKER, 1971, p. 187.

de onde eles moravam.

Por falar em suicídio, este era um tema constante na obra de Hemingway. Seu segundo conto publicado também no ano de 1916 contava sobre a história de um índio que tinha um melhor amigo que ele desconfiava que tinha roubado sua bolsa. O índio, chamado Pierre, fez uma armadilha para seu amigo, que se chamava Dick Haywood, que morreu com a armadilha. Mais tarde, Pierre descobriu que fora um esquilo vermelho quem havia roubado sua bolsa e então ele se matou com um tiro de rifle, por não aguentar a culpa.

Mais tarde, entre novembro de 1916 e maio de 1917, Hemingway passou a publicar com mais frequência para o *Trapeze*. Porém, com o fim do ensino médio se aproximando, Ernest se percebeu tendo que decidir o futuro próximo. Logo, o pai dele, ao perceber sua aptidão e envolvimento com a escrita, conseguiu com que o tio de Hemingway, que morava em Kansas, conseguisse para o então adolescente um estágio no jornal da cidade. A descrição sobre como Ernest sentia-se ao se aproximar do fim do ensino básico é a seguinte:

Universidade, guerra e trabalho eram as opções com que Ernest se defrontava ao graduar-se. Rejeitou a universidade, embora seu pai desejasse que ele cursasse Oberlin com Marceline, ao passo que teria certamente sido bem acolhido em Illinois por Lewis Clarahan, que estava se destacando como membro da classe de 1920. O Dr. Hemingway era contra a ideia dele ir para a guerra, em virtude de sua pouca idade, e Ernest tampouco tinha pressa. O emprego no *Star* de Kansas City só o esperava em outubro. Entrementes, havia muito a fazer na fazenda de Michigan. O grande mundo, tal como estava, poderia esperar alguns meses mais.<sup>19</sup>

Finalmente, um ano depois, 1917, Hemingway passou a morar em Kansas e foi admitido ao emprego no jornal *Star*, de *Kansas City*. Lá ele trabalhou até 1918; o trabalho durou alguns meses, mas foi de uma experiência e um crescimento pessoal sem precedentes. Ele era um dos jornalistas mais novos naquele ambiente e sua primeira impressão foi descrita em sua biografia.

Era uma sala enorme, vibrando com o martelar ininterrupto das máquinas de escrever e repleta de repórteres, redatores, revisores, comentaristas esportivos, colonistas e críticos. Mesas escalavradas estavam arrumadas em sucessivas fileiras. Não havia paredes divisórias nem gabinetes de espécie alguma e o sol de outubro, brilhando através das janelas empoeiradas, dourava todo o recinto por igual.<sup>20</sup>

Após algum tempo trabalhando como jornalista, Hemingway decidiu que queria ir à guerra, que estava ocorrendo na Itália no ano de 1917, quando tinha 18 anos. Ele não havia sido aceito pelo exército por causa de um problema de visão, mas não queria que esse problema o impedisse de participar da guerra, porque, para ele, essa experiência seria importante.

À parte a sua determinação de aprender a escrever, o principal tema das conversas de

---

<sup>19</sup> BAKER, 1971, p. 41.

<sup>20</sup> BAKER, 1971, p. 44.

Ernest era a guerra e como poderia participar nela. Seu pai ainda se opunha ao alistamento e a visão defeituosa de seu olho esquerdo parecia tornar a questão perfeitamente acadêmica. “Todos nós temos esse olho ruim, como o da Mãe”, escreveu ele à sua irmã Marceline. “Mas não posso deixar que um espetáculo como esse continue sem que eu entre nele”.<sup>21</sup>

Ernest Hemingway decidiu ir à guerra e seu colega de trabalho no *Star*, chamado Theodore Brumback, contou-lhe que já havia trabalhado conduzindo ambulâncias na França pela Cruz Vermelha, durante a Primeira Guerra Mundial. A partir de então, Ernest decidiu se oferecer à Cruz Vermelha para dirigir ambulâncias na guerra que estava ocorrendo na Europa, junto com o mesmo Theodore Brumback e com Wilson Hicks, também colega da *Star*, que acabou não indo, de fato.

Em 1918, Hemingway deixou o Missouri, alistou-se na Cruz Vermelha Italiana, tendo chegado ao front austríaco do combate. Havia sido rejeitado no exército norte-americano, provavelmente, porque tinha uma visão imperfeita; mas ainda parece surpreendente que estivesse disposto a arriscar-se na Grande Guerra, lutando por um país com o qual não possuía nenhuma ligação ou sobre o qual soubesse alguma coisa. O autor diz a Hotchner, um de seus biógrafos, que foi, acompanhando de perto o trabalho de redação do *Kansas City Star*, que Ernest decidiu oferecer-se como voluntário na Guerra. Parece ter ficado impressionado com os relatos que o jornal recebia e pensou que poderia ser uma oportunidade de ganhar experiência num evento marcante. Entretanto, não combateu diariamente nos embates contra as forças inimigas, tendo sido o seu papel dirigir ambulâncias.<sup>22</sup>

A Cruz Vermelha não tinha ideal por nenhum dos lados da guerra. Sua principal motivação era cuidar dos feridos, não importando de onde eram, mesmo que os próprios voluntários pudessem se associar mais a um lado do que a outro. Hemingway, particularmente, tinha suas preferências pela Itália, que havia se dissociado da Tríplice Aliança (composta pelo Império Alemão, o Império Austro-Húngaro e o Reino da Itália). A Itália, ao abandonar a Aliança e se juntar aos Aliados (principalmente Reino Unido, França e Rússia), acabou sendo atacada principalmente pela Prússia, e este era o contexto em que se encontrava Ernest. Ele chegou à Itália para a guerra em 1918. Ao ser ferido na guerra, o que será explicado com mais detalhes posteriormente, teve de passar muitos meses no hospital, internado, e foi quando ele teve um romance com uma enfermeira chamada Agnes Von Kurowsky, que posteriormente foi a inspiração para uma personagem de um livro seu - também inspirado na guerra, “Adeus às Armas”.

Após voltar aos Estados Unidos, da guerra, ele teve de esquecer Agnes, sua primeira decepção amorosa, após ela enviar uma carta dizendo que estava com outra pessoa. Ele, então, se mudou para Chicago e a partir de amigos em comum, seu amigo Bill e a irmã Katy, conheceu

<sup>21</sup> BAKER, 1971, p. 49

<sup>22</sup> MACIEIRA, João Arthur Basile. **Ernest Hemingway entre a Literatura e a História**. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2021, p. 27.

Hadley, sua primeira esposa. Ela apaixonou-se perdidamente por ele, e, em seus primeiros escritos sobre Ernest, elogiava todas as suas habilidades e o quanto era encantador. Eles casaram-se e Hemingway muito falava sobre sua experiência na Europa, o que fez com que ela quisesse conhecer o lugar por causa de suas descrições.

Após se casar com Hadley, em 1921, eles se mudaram para a França, pois Ernest queria ser um escritor bem-sucedido. Hemingway tinha um amigo nos Estados Unidos, Sherwood Anderson, que conhecia os melhores autores de Paris, e que o aconselhou a ir para lá, pois era onde os artistas estavam. Anderson escreveu uma carta para amigos escritores de Paris para recomendar Hemingway. Ele sabia que poderia continuar trabalhando à distância para a *Toronto Star Weekly*, enviando seus artigos por correspondência ou telegrafia para Bone, que trabalhava no jornal. Chegaram em Paris em dezembro de 1921 e em janeiro de 1922 já moravam em um apartamento alugado apenas para os dois. Seus primeiros momentos na França são descritos a seguir:

Na segunda-feira seguinte ao Dia de Ação de Graças estava tudo arranjado. Compraram passagens no *Leopoldina*, um lento e velho navio da French Line. Sherwood ofereceu-se para escrever cartas de apresentação a alguns dos famosos expatriados que ele conhecera em Paris. Uma delas era para Gertrude Stein, que vivia com uma companheira chamada Alice B. Toklas na rua de Fleurus. Ela colecionava Picasso e outros pintores modernos, parecia uma *Erdmutter* e falava como um anjo. Outra era para Sylvia Beach, uma mulher pequenina e de olhar penetrante oriunda de Princeton, Nova Jérsei. Sylvia dirigia uma livraria chamada *Shakespeare & Company*, na rua do Odéon, e conhecia toda gente que valia pena conhecer, incluindo o incomparável irlandês James Joyce. Ernest certamente gostaria de Lewis Galantière, que trabalhava na Câmara de Comércio Internacional e ocupava um acolhedor apartamento na rua Jean Goujon. Falava francês como um natural do país e estava ajudando *Madame* Marguerite Gay na tradução dos livros de Anderson. Finalmente, havia Ezra Pound, um poeta grandalhão do Idaho que vivera na Inglaterra antes da guerra e era agora uma potência nos mundos literários de Londres, Paris e New York.<sup>23</sup>

Ao chegar lá, Hemingway acabou fazendo história, pois fez parte da *Geração Perdida* em Paris do século XX. Essa *geração perdida* era formada por outros autores da época, como Scott Fitzgerald, Ezra Pound, Gertrude Stein e muitos outros. Essa geração era assim chamada pois era uma geração desiludida com a vida, tristes e extremamente céticos com as instituições políticas após a Primeira Guerra Mundial.

À época, Hemingway teve seu primeiro filho com Hadley. O nome do filho era John Hadley Nicanor Hemingway, apelidado de *Bumby*. Após esta experiência paterna, Hemingway mudou-se com a família para a Espanha, onde se apaixonou pelas *fiestas*, ou tauromaquias, as conhecidas touradas. E foi na Espanha, também, que ele se divorciou de Hadley e casou com Pauline Pfeiffer, amiga do casal e que os conhecia de Paris. Essa decisão de Hemingway não

---

<sup>23</sup> BAKER, 1971, p. 99-100.

aconteceu sem sofrimento. Até o final de sua vida, ele lembraria de Hadley, arrependido. Ao final da década de 20, com Pauline, Hemingway decidiu morar em *Key West*, na Flórida, e lá viveu por muitos anos. Durante esse tempo, ele estava escrevendo alguns romances.

No início da década de 1930, Hemingway visitou Cuba com um amigo seu, para pescar. Ele gostou tanto da viagem e da experiência, que a visita a Cuba passou a ser anual. Foi em Cuba que Hemingway teve a inspiração para o seu livro de maior sucesso, *O Velho e o Mar*. Porém, essa inspiração em nada resultou naquele momento. Apenas anos depois ele conseguiu expor em papel suas ideias e criar, de fato, a história.

Foi na mesma década de 1930 que uma nova guerra fez parte da vida de Hemingway. A Guerra Civil Espanhola ocorreu de 1933 a 1936, e Ernest se voluntariou para ser correspondente de guerra para a *North American Newspaper Alliance*. Neste contexto, ele conheceu outra jornalista correspondente de guerra, Martha Gellhorn. Ernest Hemingway defendia a República e era contra o fascismo nessa guerra civil, e acabou se envolvendo além das correspondências, participando, de fato, da guerra. Ele também, nesse momento, desenvolveu um romance com Gellhorn, que foi sua terceira esposa e o motivo do divórcio de Pauline Pfeiffer. Foi inspirado nessa experiência de guerra que, mais tarde, ele escreveu *Por Quem os Sinos Dobram*.

Ao retornar para a Cuba com Martha, ele percebeu que uma nova guerra mundial estava por vir, e virou um espião para os Estados Unidos, com o objetivo de informar para os EUA possíveis fascistas na ilha. Ele tinha, também, um iate, que ele chamava de Pilar, a bordo do qual ficava buscando por submarinos alemães. Em 1946, ele casou-se pela quarta vez, principalmente porque sentia-se deixado de lado por Martha Gellhorn, que estava sempre viajando a trabalho.

Hemingway passou a cobrir os eventos da II Guerra Mundial, em Londres de 1944. Mais uma vez, Hemingway conheceu uma jornalista, desta vez, Mary Welsh, também correspondente de guerra, e com ela viveu até o final de sua vida. Em 1952, finalmente ele conseguiu escrever sobre sua inspiração no mar de Cuba, e escreveu *O Velho e o Mar*, livro a partir do qual ganhou o Prêmio Nobel.

Hemingway viveu até 1961, quando se suicidou com um tiro. Ele já falava bastante sobre suicídio, sempre que ficava afetado com alguma situação difícil em sua vida. Seu pai havia se suicidado em 1929, enquanto Ernest ainda era casado com Pauline Pfeiffer, e sua mãe o enviou por correio a arma com a qual seu pai havia se suicidado. Isto ficou na mente de Hemingway, que não sabia o motivo de sua mãe ter enviado a ele a arma; ficou muitas vezes conjecturando se ela estava prevendo que ele também se suicidaria. Ernest, ao mesmo tempo, culpava sua mãe pelo suicídio do seu pai, embora nunca se soubesse de fato o que o fez tomar

essa atitude - muitas pessoas defendem que o maior motivo eram problemas financeiros, e, naquela época, havia poucos esclarecimentos e ajudas em relação a problemas psicológicos ou psiquiátricos.

Além de ter ficado com o suicídio de seu pai em seu pensamento, Hemingway passou por uma fase difícil, principalmente após sofrer dois acidentes de avião com Mary Welsh Hemingway em 1954. Esses dois acidentes tornaram tudo muito complicado para ele, que teve diversas fraturas diferentes e diversos problemas de saúde após isso, principalmente por ter batido a cabeça fortemente com a queda. Ainda assim, ele culpava, em partes, o prêmio Nobel por seu problema para escrever, pois acreditava que nada do que ele escrevia estava bom o suficiente para um autor que havia ganhado tal prêmio. A questão é que ele estava com vários problemas de memória, muitas dores, diversas fraturas no corpo e, por último, estava com uma depressão e provavelmente um surto paranoide, pensando que estava sendo perseguido pelo FBI. Nesse período, ele se submeteu a vários tratamentos intensivos que eram usuais naquele tempo, incluindo terapia de eletrochoque e hospitalização. Contudo, essas medidas não foram suficientes para evitar seu suicídio em 1961.

## 2.2 A LITERATURA E O AMBIENTE LITERÁRIO DE HEMINGWAY

Hemingway era um *filho do seu tempo*, um modernista, considerando que a maioria de suas obras foram criadas na primeira metade do século XX. Os artistas dessa época buscavam expressar um pensamento mais crítico, considerando que era uma época de mudanças, com o capitalismo, a primeira e a segunda guerra mundial, e diversas desigualdades no âmbito social. Pensamento crítico, aliás, era extremamente frequente nas obras de Hemingway.

Essas características não eram só presentes nele. Os modernistas, no geral, tentavam não seguir os padrões impostos pela literatura clássica, o que significa que eles tinham uma certa hesitação em seguir padrões acadêmicos, buscavam liberdade de expressão, demonstravam irreverência, crítica e ironia. Ao ter vivido em Paris na década de XX, Hemingway teve contato com diversos autores que frequentavam os bares para falar de arte. As características modernas eram expressas em suas obras, e algumas dessas são bem visíveis em Hemingway, principalmente sua ironia e a crítica em forma de texto. Essas críticas por vezes eram à própria política em si, como em *Por Quem os Sinos Dobram*. Entretanto, definir a escrita dele apenas à modernidade seria um grande erro, pois ele, com sua obra, transcende algumas noções de seu próprio tempo.

Durante a análise das obras de Hemingway, é perceptível que o autor projetava suas

inquietações, observações críticas e aspectos da realidade social, elementos típicos do modernismo. Porém, isso é percebido não só no modernismo. Afinal, autoras e autores de diversas épocas, tendem a refletir aspectos pessoais em suas obras, e isso também se aplica a Hemingway. Considerando, então, que inconscientemente autoras e autores expressam seu “eu” e suas emoções em sua arte, pode-se verificar que as dúvidas do autor e suas angústias em muito foram retratadas em suas obras.

Quando se menciona a literatura, considera-se de todas as dimensões humanas representadas na escrita. É possível que, em uma obra, problemas sociais, transtornos psicológicos e até mesmo a política sejam ali retratados. *O Velho e o Mar*, de Hemingway, retrata muito a dimensão da angústia da alma humana, mas, em outras obras suas, a política também era retratada. Como exemplo disso, há o romance referido anteriormente, *Por Quem os Sinos Dobram* (*For Whom the Bell Tolls*), que foi publicado em 1940. Neste livro, Hemingway exprime todos os sentimentos terríveis que teve de presenciar no meio da guerra, e todas as percepções que o contato com a morte iminente lhe causou. Mesmo o título desse livro tem um significado especial. Hemingway, cansado das atrocidades da guerra civil espanhola, da qual foi voluntário das forças republicanas, escreveu a história com a intenção de criticar qualquer fração de uma guerra, dizendo que mesmo que uma causa seja mais correta e nobre do que a outra, ninguém ganha quando pessoas morrem, porque todas as pessoas são partes de um todo. Por este motivo, o título do livro é em homenagem a um livro de 1624, cujo nome era *Devotions Upon Emergent Occasions*, de John Donne, que escreveu o livro quando estava doente em fase terminal. Ele escreveu uma reflexão, ou devoção, para cada dia em que esteve internado. Em uma delas, a devoção de número XVII, ele escreve o seguinte:

Nenhum homem é uma ilha, todo em si; todo homem é uma parte do continente, uma parte da terra; se um torrão de terra é levado pelo mar, a Europa é diminuída, tanto se fosse um promontório, como também se fosse uma casa de teus amigos ou a tua própria; a morte de todo homem me diminui, porque sou parte na humanidade; e então nunca pergunte por quem os sinos dobram; eles dobram por ti<sup>24</sup>

A pergunta “por quem os sinos dobram?” significava o pensamento e a pergunta cotidiana das pessoas, visto que, à época de John Donne, o toque do sino era o sinal de que alguém havia falecido, e as pessoas procuravam saber com quem havia ocorrido. Donne estava em um quarto de hospital perto da igreja e, portanto, ouvia o sino tocar. Ele, então, chegou à reflexão de que quando alguém morre, um pouco de cada pessoa ao redor morre junto. Essa foi uma reflexão essencial para Hemingway, que percebeu, ao participar da guerra, que chega um momento em que não faz mais sentido lutar por ideais e sacrificar vidas humanas para isso.

---

<sup>24</sup> DONNE, John. **Meditações**: Devoções para ocasiões emergentes. São Paulo: Editora Landmark, 2007. Meditação XVII, p. 35

Este trecho também o marcou porque ele viu pessoas morrendo ao seu lado, e sentia que um pouco de si também se ia - e por isso o nome de um dos seus livros mais famosos.

Ernest Hemingway começou a escrever com 12 anos. Seus primeiros escritos foram contos, que foram melhorando com o tempo. Na adolescência, passou a escrever para o jornal da escola e, depois, como já foi explicado anteriormente, conseguiu seu primeiro emprego, meses antes de se mudar para Paris. Durante a época do primeiro emprego, foi quando ele teve sua maior aprendizagem e um conselho que levaria para sua vida, como consta a seguir:

Contava com o *Star* para polir sua prosa e com Kansas City para educá-lo nos aspectos mais obscuros da experiência humana. De que outro modo, senão pela ampliação de seu âmbito existencial, poderia ele aperfeiçoar seus voos de imaginação [...]? Num dia desse verão, Ernest fez essa pergunta a *Trumbull White*, administrador do programa Chautauqua em *Bay View*, a colônia de férias em Little Traverse Bay, perto de *Petoskey*, onde Marceline estava passando o mês de julho a convite da família White. Trumbull White era jornalista de certo renome que se aposentara recentemente da chefia da redação do *Everybody's Magazine*. Recebeu Ernest cordialmente e disse-lhe que qualquer neófito deve aprender a escrever escrevendo. Quanto aos temas, os melhores eram os extraídos diretamente de uma experiência pessoal. Para um moço com a idade e as inclinações de Ernest, dificilmente haveria melhor conselho.<sup>25</sup>

O autor americano também aprendeu muito durante o próprio trabalho, com dicas de escrita que ficavam em todos os cantos em seu ambiente diário. Hemingway não tinha estudo formal em literatura ou inglês, portanto aprendeu também com a experiência dos colegas mais velhos:

O *Star* mantinha um departamento literário, com “recortes de revistas, fichários de citações e livros novos e antigos, e uma grande variedade de jornais americanos e estrangeiros para coleta de material que interessasse e fosse útil aos assinantes”. Trabalhar no jornal era sinônimo de aprender como “escrever frases afirmativas”, como “evitar adjetivos triviais e surrados” e como “contar uma estória interessante”. Havia também um manual de estilos que os jovens repórteres deviam, supostamente, estudar. Dizia o livro que o segredo da boa reportagem era “usar frases curtas, usar primeiros parágrafos concisos, usar um inglês vigoroso e não esquecer o esforço imprescindível para se ganhar fluência. Seja positivo, não negativo”. O manual de estilos, o departamento literário, o exemplo dos veteranos e a constante supervisão de Pete Wellington proporcionaram a Ernest a sua primeira e real educação jornalística.<sup>26</sup>

Outro momento de desenvolvimento da escrita foi na década de 1920, quando Hemingway escreveu algumas de suas obras em Paris, contando com a companhia de outros escritores famosos. Nesta época, Paris era considerada o centro cultural e intelectual do mundo, e os artistas buscavam ir para lá para encontrarem inspiração para suas produções - não apenas escritores, mas diversos tipos de artistas. Hemingway já escrevia desde 1911, ano que escreveu seu primeiro conto, aos doze anos. Ainda assim, ele não tinha facilidade com a escrita, mesmo tendo muitos anos de experiência quando chegou em Paris:

---

<sup>25</sup> BAKER, 1971, p. 42.

<sup>26</sup> BAKER, 1971, p. 46.



Escrever ficção era difícil para ele. A intensidade da sua aplicação era tamanha que, em pouco tempo, ficava literalmente exausto e um dia de trabalho, para Hemingway, não excedia normalmente as quinhentas ou seiscentas palavras [...] “Realmente”, escreveu ele em 1951, “é uma profissão dura; por muito que você a ame. Amo-a acima de qualquer outra coisa. Mas é muito difícil se um homem realmente se entrega a ela de alma e coração”.<sup>27</sup>

Logo ao chegar em Paris, sendo jovem e iniciante na escrita em comparação com outros artistas que já moravam lá, ele continuou sendo a pessoa crítica e polêmica que já era desde a infância. Hemingway tinha raiva de quem ele chamava de *poseurs*, que seriam pessoas que fingem ser o que não são para causar determinadas impressões em outras.

Tal como em Chicago, mas agora mais ferozmente, deplorava todo e qualquer pretensioso. “Artista, arte, artístico!”, gritara ele aos seus amigos, na casa de Y. K. Smith. “Nunca mais deixaremos de ouvir falar desses troços?” Sentia apenas desprezo pelos expatriados cheios de prosa que se acotovelavam no Dome e no Rotonde, aquecendo as mãos nos braseiros de carvão. Os verdadeiros artistas de Paris raramente frequentavam tais lugares. Apesar de toda a sua excentricidade, dizia Ernest, Baudelaire rejeitara a noção de que a boa poesia pudesse ser escrita nos cafés. Quando cinzelou laboriosamente *Las Fleurs du Mal*, ele devia estar suando e trabalhando sozinho.<sup>28</sup>

Na sua opinião, Paris estava cheia de impostores. Porém, não se sabe se tais pessoas eram de fato *poseurs*, ou se essa era uma impressão de Ernest, que tinha, normalmente, uma grande raiva e crítica a pessoas diferentes. Essa época foi quando ele, também, passou a ter sua visão sobre política mais definida, a partir de conselhos - que mais pareciam aulas -, de um homem chamado William Bolitho Ryall, jornalista sul-africano que estava na França trabalhando para o *Manchester Guardian*. Aos poucos, essas opiniões políticas começaram a integrar também suas obras literárias.

Foi já nesta mesma década de vinte que Ernest passou a melhorar sua prosa, a partir de suas convivências diárias com a arte francesa da época. Naquele momento, Hemingway estava dedicado em ampliar sua capacidade de prosa, alongando frases curtas em parágrafos concisos. Este esforço era cansativo, e exigia muitas tentativas. Hemingway, porém, sentia que estava no lugar certo, no momento certo. E finalmente sabia como ele queria se expressar através da escrita, e, principalmente, qual estilo ele queria utilizar:

Pela primeira vez, desde o inverno em Petoskey, ele tinha liberdade de escrever como quisesse. Estava decidido a começar tudo de novo, com padrões originais de verdade e simplicidade. “Tudo o que você tem a fazer é escrever uma estória sincera”, disse ele para si próprio. “Escreva a estória mais verdadeira que você souber”. Sobretudo deve ser “uma narrativa em estilo verdadeiramente simples e direto”, sem floreios nem linguagem sentimental de espécie alguma. Devia tratar de algo verídico, algo que ele conhecesse através de sua experiência pessoal. [...] Agora, queria colocar a sua fé

---

<sup>27</sup> BAKER, 1971, p. 4-5.

<sup>28</sup> BAKER, 1971, p. 103.

na transcrição direta do que via. Isso e nada mais. A emoção que ele queria transmitir filtrar-se-ia, de algum modo, através dos fatos narrados.<sup>29</sup>

Tempos mais tarde, ao morar no Canadá, Ernest acabou por sentir muita falta de Paris e de seu contato com a Literatura. Estava então mais uma vez trabalhando como redator de jornal. Demonstrava sua saudade em cartas direcionadas aos seus amigos franceses, onde também relatava seu desgosto com o trabalho na *Star*, que consumia sua energia e tempo. Também escreveu à época que compreendia os homens que cometiam suicídio. Ele tinha sua teoria de que a culpa disso era a imensa acumulação de tarefas de uma bagunça opressiva.

### 2.3 A VEROSSIMILHANÇA EM HEMINGWAY

Ernest Hemingway tinha seu estilo próprio de literatura. Ele defendia que o autor deveria falar sobre suas próprias experiências, mesmo que mude o nome de personagens e lugares. Porém, em suas histórias, sempre era possível ver sua própria experiência e um pouco de sua vida, e por isso ele costumava falar que seus romances também eram autobiográficos. No entanto, embora, ele defendesse que o autor narra histórias a partir de experiências, o autor deveria, segundo ele, inventar personagens. Para reiterar essa informação, ele cita o exemplo de do personagem Leopold Bloom, do livro *Ulysses*, escrito por James Joyce, um autor contemporâneo de sua época que ele muito admirava:

Bloom foi inventado. Bloom era maravilhoso. Joyce inventou a Sr.<sup>a</sup> Bloom. Ela é a maior do mundo. Assim procedia também Mac (McAlmon). Mas trabalhava perto demais da vida. É preciso digerir a vida e, depois, criar a nossa própria gente... Nick (Adams), nos contos, jamais foi ele próprio. Compunha o que inventava. Ele jamais vira, é claro, uma índia dando à luz um bebê. Isso é que lhe dava valor... Vira apenas uma mulher parindo um bebê à beira da estrada para Karagatch e tentara ajudá-la. A realidade era apenas essa.<sup>30</sup>

Hemingway tinha apenas 25 anos quando escreveu esse trecho. Porém, ele já sabia muito bem o que ele gostava na arte de escrever. Como ele achava que, primeiramente, o autor deveria escrever sobre o que vivenciava, ele dizia, portanto, que antes o autor deveria vivenciar a vida e só depois criar a partir da própria imaginação. Ao viver em Paris do século XX, Hemingway teve contato, como mencionado anteriormente, com muitos artistas, entre eles Scott Fitzgerald.

Tal como Hemingway, Fitzgerald era do Centro-Oeste, encarava muito a sério a profissão de escritor, era autoritário em suas opiniões críticas, jovem, alegre, generoso

---

<sup>29</sup> BAKER, 1971, p. 102.

<sup>30</sup> BAKER, 1971, p. 156.

e entusiástico. Vestia melhor e gozava de muito maior prosperidade do que Ernest, ao lado de cuja figura corpulenta e viril Fitzgerald parecia um frágil adolescente.<sup>31</sup>

Ainda na década de vinte, em Paris, Hemingway publicou seu primeiro romance, *O Sol Também se Levanta*. Grande parte dos personagens era inspirado em seu próprio círculo social de Paris, o que reitera, novamente, sua decisão de escrever ficção a partir do que é vivenciado no cotidiano. Quanto a isso, não faltou quem interpretasse corretamente e soubesse dizer qual era a inspiração de cada personagem:

Em Paris, muito do prazer na leitura do romance residia no jogo de identificação dos que tinham servido como modelos vivos para o elenco de personagens. Quase todo o mundo, na *Rive Gauche*, reconheceu Brett Ashley, Mike Campbell e Robert Cohn. Alguns perceberam que Braddock e sua esposa se baseiam em Ford Madox Ford e Stella Bowen. Houve um animado debate para identificar o Conde Mippipopoulos mas sem resultado.<sup>32</sup>

Sua escrita retratava a realidade principalmente porque Ernest era um grande observador do ambiente e das pessoas ao seu redor. Ele, também, costumava acordar cedo para começar sua jornada de escrita:

Gostava de escrever pelas manhãs, enquanto ele e as manhãs ainda estavam frescos, passando o resto do tempo ao ar livre, falando com qualquer pessoa cuja fisionomia ou ocupação lhe interessassem, interrogando-a minuciosamente sobre os seus antecedentes, família e profissão. Era um fanático da informação pormenorizada, observando o seu interlocutor atentamente, através dos olhos castanhos semicerrados, escutava seus mexericos e ambições, e respondia-lhe de igual para igual, com humor irreverente e rude e sem perder o ar de um homem do mundo. Com a cicatriz na testa, dizia ele, todos o tomavam por um contrabandista do Norte ou um traficante de maconha, e ninguém acreditava que ele escrevesse livros.<sup>33</sup>

Tão verdade era que Hemingway considerava importante a vivência retratada na escrita, que até em suas críticas literárias isto ganhava destaque, mesmo que ele estivesse analisando obras de seus amigos. Como exemplo disso há uma análise de Hemingway da escrita de um romance de John dos Passos. Criticava tanto os personagens com características sem semelhança com a vida real, quanto o excesso de política na obra:

Quando Dos Passos apareceu em Key West, em trânsito para o México com Katy, ele qualificou o livro de “infernamente bom” e um “modelo absoluto” ao gênero. As suas únicas reservas diziam respeito a quando o “Velho Hem” eriçava os bigodes e “desencava os rapazes” com sua filosofia pessoal. Ernest replicou com uma crítica de 1919, o mais recente romance publicado de Dos Passos. Disse que Dos Passos devia dominar o seu desejo de perfeição simbólica e manter seus personagens cheios de humanidades e defeitos. Os personagens simbólicos se autodestruíam. O Dedalus de James Joyce, por exemplo, era idealizado além de todos os limites concebíveis, ao passo que Leopold e Molly Bloom salvaram o *Ulysses* por sua humanidade comum. Dos Passos devia também evitar a pose de “bonzinho”. A única maneira de que o

---

<sup>31</sup> BAKER, 1971, p. 171.

<sup>32</sup> BAKER, 1971, p. 209.

<sup>33</sup> BAKER, 1971, p. 223.

romancista dispõe para fazer o bem é mostrar as coisas como elas realmente são. Se Dos Passos se sentia atraído para o comunismo, isso era assunto dele. Mas não devia confiar nas promessas da doutrina. A raça humana é muitíssimo mais velha do que qualquer sistema econômico, ao passo que todos os movimentos inspirados por nobres ideais acabaram degenerando, finalmente, pelo simples motivo de serem dirigidos e executados por seres humanos.<sup>34</sup>

O trecho acima também acaba por demonstrar a posição política de Hemingway. Embora, posteriormente, ele tenha se identificado mais com a posição política de esquerda, ele também demonstrava não pôr todas as suas esperanças na política, pois a raça humana é extremamente antiga e não havia encontrado ainda a solução para seus problemas organizacionais. Não seria, portanto, o Comunismo e nem qualquer outro sistema político que faria isso.

Mais à frente, Hemingway se tornou mais politizado e começou a se considerar de esquerda, fazendo obras que também refletiam seu lado político. Isto ocorreu à época em que começou a viver em Cuba. A partir de então, Hemingway, mais maduro, passou a se identificar com políticas que tinham como foco a libertação dos oprimidos. Ele acreditava que a esquerda poderia, então, ser uma válvula de escape também para os camponeses espanhóis, que estavam sofrendo muito. Hemingway, a partir de então, passou a refletir sobre as burocracias existentes na Espanha.

Acontecia por vezes também de Hemingway escrever sobre política. Ele escrevera para a revista *Esquire* uma vez que desde a guerra de 1918, durante a Primeira Guerra Mundial, prometeu a si mesmo que procuraria sempre evitar uma guerra futura. Segundo sua previsão, a Segunda Guerra Mundial ocorreria em 1937 ou 1938. Não faltavam filosofias de sua parte sobre as guerras e o que as causavam. Em sua opinião, a guerra acontecia principalmente por causa de

demagogos e ditadores, que jogam com o patriotismo do seu povo, ludibriando-o e levando-o à falsa convicção da necessidade da guerra, essa grande falácia, quando todas as suas apregoadas reformas fracassaram e deixaram descontente o povo que eles des governam. E nós, na América, tínhamos a obrigação de compreender que a nenhum homem foi concedido, por muito nobre e excelente que ele seja, ou por mais gradualmente que a concessão pretenda ser obtida, o poder de levar este país para uma guerra que está sendo agora forjada e cada vez mais próxima, com toda a premeditação de um assassinio longamente planejado. Pois quando se concedem poderes a um governante, investido de responsabilidades executivas, não sabemos quem vai preencher tal cargo ou quem o exercerá, quando chegar uma época de grave crise.<sup>35</sup>

Hemingway sabia que uma nova guerra mundial estava por vir e que as motivações da guerra nunca eram nobres e bonitas de fato, que o egoísmo e a sede por poder sempre estavam por trás delas. Era surpreendente, primeiramente, a percepção da natureza humana que ele tinha

---

<sup>34</sup> BAKER, 1971, p. 261.

<sup>35</sup> BAKER, 1971, p. 317.

e, em segundo lugar, sua previsão correta de uma Segunda Guerra Mundial que fato ocorreu. Enquanto isso, ele continuava vivendo sua vida com extremo vigor e coletando o máximo de experiências que pudesse. Essas mesmas experiências inspirariam muitos outros livros, incluindo *O Velho e o Mar*, que tem uma descrição perfeita de um pescador tentando pegar um grande peixe. Tantos detalhes na obra só são possíveis porque ele mesmo tinha a experiência de lutar com peixes:

Na véspera de seu regresso a Key West, após sessenta e cinco dias no mar, Ernest fogueou uma grande macaíra e lutou com ela durante duas horas, suando violentamente, para acabar com a macaíra libertando-se do anzol e escapar, quando ele já estava prestes a puxá-la com o arpão. Ficou tão decepcionado com essa derrota que se sentou praguejando, ofegante, por mais de meia hora, quando uma súbita pancada de chuva fria enregelou seu corpo superaquecido.<sup>36</sup>

Hemingway não poderia ser limitado a apenas um estilo literário, portanto pode-se afirmar que ele era um realista além de modernista. Ernest tinha em sua defesa um discurso próprio para explicar sobre seu hábito de sempre demonstrar a verossimilhança da vida em suas obras.

[...] ele usava as palavras normalmente empregadas pelas pessoas a cujo respeito escrevia. [...] A sua finalidade era a verossimilhança, não o choque gratuito para o leitor. Na obra de Lardner havia muito o que admirar. Mas Ernest não podia deixar de lamentar, por amor à literatura americana, que Lardner tivesse enveredado pela mera “dicção e fraseologia cômicas”, em vez de usar a linguagem real dos homens.<sup>37</sup>

Hemingway queixava-se da falta de representatividade nos vocabulários e conversas porque a semelhança com o mundo era importante em uma obra literária, considerando que a arte é uma representação da vida. Para ele, porém, a escrita era uma ação irônica, pois as pessoas nunca compreendiam totalmente a produção de um escritor. A biografia afirma que, quando ele estava na África em uma de suas viagens,

[...] numa carta para a mãe de Pauline, queixou-se da curiosa economia literária. Quando estava empenhado num livro extenso como esse, só podia ganhar pouco ou nada, e o serviço de contra-informação da família rotulava-o de vadio. Depois do livro ser publicado e ele começar realmente a vadiar, passava a ser respeitosamente olhado como o Supremo Fazedor de Dinheiro. Era uma coisa bastante irônica, disse Ernest.<sup>38</sup>

Ernest defendia não apenas que uma obra literária não apenas deveria demonstrar verossimilhança, mas que às vezes isso inclusive acontecia sem haver intenção, pois toda obra era autobiográfica de alguma maneira e que a ficção total, escrita a partir do nada e totalmente inventada, era uma ilusão isto pode ser verificado a partir de seu diálogo com Irving Stone,

---

<sup>36</sup> BAKER, 1971, p. 264.

<sup>37</sup> BAKER, 1971, p. 305.

<sup>38</sup> BAKER, 1971, p. 305.

autor de uma biografia de Vincent Van Gogh.

Ele defendia, e com muita veemência, a tese de que não existia em literatura o que se pudesse chamar imaginação pura, que simplesmente não extraímos idéias [*sic*], caracteres e conceitos do nada. Insinuou que seus próprios romances poderiam ser considerados romances biográficos e não romances de ficção pura, visto que promanavam de uma experiência vivida. Quando Stone lhe perguntou por que nunca escrevera um romance sobre a vida na América, Ernest replicou que a vida americana era muito chata. Jamais acontecia alguma coisa importante. Stone recordou-lhe a revolução econômica e social de Roosevelt. Mas Ernest rejeitou a sugestão. Não era, respondeu abertamente, o seu gênero de material.<sup>39</sup>

Hemingway, por se dedicar tanto à revisão e à reescrita de suas obras, não lidava bem com críticas. Tudo que ele escrevia era pensado, repensado, escrito, reescrito e, depois, revisado. Sua linguagem era clara e cada frase era elaborada por horas, portanto, não costumava aceitar críticas que ele achasse que não fossem dignas à sua obra. Em um dia que Robert Forsythe o escreveu dizendo justamente isso - que ele tinha muita sensibilidade para críticas, Ernest prometeu que iria quebrar-lhe os queixos quando o encontrasse.

Sua escrita seguia a teoria do *iceberg*: ele defendia que uma história contada deveria ter muitos componentes não-ditos. Segundo este pensamento, apenas um oitavo do *iceberg* aparece na superfície, e há sete oitavos escondidos na profundidade do mar. Da mesma maneira, suas histórias procuravam ser escritas de modo a permitir que o leitor pudesse pensar no que estava submerso, e criar interpretações a partir do que não se encontra na superfície da ficção. Ernest tinha todas as respostas para suas histórias, mas não revelava-as todas nos próprios romances.

Sua escrita tinha um requinte seco, pois era extremamente direta e realista. Havia, de fato, reflexões filosóficas e profundas em suas obras, mesmo que ele não escrevesse de modo a demonstrar isso. Sua escrita era simples e direta, bem inspirada pelo jornalismo, e a profundidade da obra era captada pelo leitor. Embora ele não gostasse da palavra *simbolismo*, de fato, críticos e estudiosos veem um grande simbolismo em suas obras. A escrita era simples, e as situações escritas por ele, realistas, mas havia um significado por trás da simplicidade ali relatada.

Ao revisar tanto, Hemingway sempre acabava por escolher frases claras e diretas, com cada palavra em seu lugar. Todas as palavras tinham um significado e um motivo para estarem ali, em consonância com outras. Ele gostava muito também de repetir palavras-chave para emitir um significado importante no trecho escrito, deixando claro, também, uma ênfase temática em cada parte da história. O que descreve os sentimentos e a profundidade nas histórias de Hemingway são os atos descritos na história, e não pela descrição dos sentimentos

---

<sup>39</sup> BAKER, 1971, p. 208.

e muito menos os adjetivos.

Hemingway sabia que tinha alcançado seu objetivo com a simplicidade e a objetividade quando as reações dos leitores eram de extrema emoção. O objetivo de Ernest era fazer com que as pessoas sentissem todas as emoções do personagem a partir da descrição das ações, e não com as expressões exageradamente adjetivadas. A emoção deveria vir através da simplicidade da escrita, de o leitor se sentir vivendo como se fosse o personagem, vivenciando a história. O autor Gabriel García Márquez, por exemplo, que também havia ganhado um prêmio Nobel, dizia que a beleza da escrita de Hemingway era a sensação de que estava sempre faltando alguma informação. Entretanto, embora sua escrita fosse concisa, seu esforço não o era:

Ernest planejava um livro bem mais curto do que o que estava em vias de ser completado. Por volta do final do capítulo 28, queixava-se de estar impaciente depois de tantos meses de dedicado labor. Embora soubesse que não devia se apavorar e tentar escrever com maior velocidade. Costumava dizer a Perkins que se quisesse escrever vulgarmente, como Sinclair Lewis, poderia render cinco mil palavras por dia, o ano inteiro. Seu método próprio era justamente o oposto: constante controle diário para evitar a necessidade de reescrever completamente após terminar. Seu trabalho, de acordo com o que explicava a Charles Scribner, era uma doença, um vício, uma obsessão. Para estar feliz, tinha de escrever, o que transformava o escrever numa doença. E ele encontrava prazer nisso, o que transformava a doença em vício. Uma vez que desejava escrever melhor do que todo mundo, o vício logo se tornava em obsessão.<sup>40</sup>

Ernest Hemingway, ao escrever *O Velho e o Mar*, descreveu apenas uma cena que ele observou durante sua viagem a Cuba: um velho pescando. Era isso que ele pretendia descrever ao escrever o livro. Ele disse certa vez que não pretendia criar nenhum simbolismo. Ele explicou isso também ao historiador de arte Bernard Berenson, dizendo que quando escreveu a história, não pensou em nenhum significado oculto, além de descrever uma simples cena. Porém, este foi o livro que o consagrou e esta foi considerada sua obra-prima,

Em *O Romance de uma Vida*, é possível ler o discurso de Hemingway ao ganhar o Prêmio Nobel. Seu discurso, lido por outra pessoa porque ele não foi receber o prêmio, explica sobre sua visão do labor da escrita, e demonstra o quanto ele valorizava a simplicidade neste processo:

Escrever, em sua acepção superior, é uma vida solitária. As organizações para escritores atenuam a solidão de um autor, mas duvido que melhore, a sua prosa. Ele cresce em estatura pública à medida que reparte a sua solidão e, frequentemente, sua obra deteriora. Pois ele realiza sua obra sozinho e, se for um escritor suficientemente bom, deve defrontar cada dia a eternidade - ou a ausência dela. Para um autêntico escritor, cada livro deve ser um novo começo, onde ele tenta outra vez algo que está além de suas forças, algo inatingível. Ele deve sempre tentar alguma coisa que nunca foi feita ou que outros tentaram e falharam. Então, por vezes, com grande dose de

---

<sup>40</sup> BAKER, 1971, p. 395-396.

sorte, ele conseguirá. Como seria simples fazer literatura se fosse apenas necessário escrever de outra maneira o que já foi bem escrito. É porque tivemos grandes escritores, no passado, que um escritor é impelido a ultrapassar os limites até onde podia ir, lá onde ninguém o pode ajudar. Falei demais para um homem que escreve. Um escritor devia escrever o que tem a dizer e não falar. Uma vez mais, os meus agradecimentos.<sup>41</sup>

## 2.4 A RELIGIÃO NA OBRA DE HEMINGWAY

Hemingway nunca se considerou religioso, porém, ao lermos sobre sua vida, percebe-se que, às vezes indiretamente, a religião o inspirava. Seu primeiro conto, por exemplo, foi escrito após a primeira comunhão na igreja católica. Seus pais eram extremamente devotos à igreja e educaram todos os filhos com uma educação cristã. Ele e sua irmã mais velha, Marceline, fizeram juntos a cerimônia.

No domingo de Páscoa de 1911, Ernest e Marceline fizeram a primeira comunhão numa cerimônia realizada na Terceira Igreja Congregacional, onde Grace era diretora de coros e solista. Ela estava grávida do quinto filho e seu coração estava repleto de solicitude materna e sentimento religioso. Ernest aludiu muito mais tarde ao *sentimento que se esperava ter e não se teve quando se faz a primeira comunhão*. Quaisquer que tenham sido suas emoções, foi incentivado a escrever, no dia seguinte, o primeiro de seus contos como exercício de redação para a aula de Inglês no Ginásio de Holmes.<sup>42</sup>

No início de sua carreira, Hemingway publicava principalmente contos, como em 1925, quando ele publicou o livro de paródias e sátiras *In our Time*, no qual ele critica diversas personalidades contemporâneas a ele. Quando Hemingway publicou este livro, o seu pai, Clarence Hemingway, à época, reclamava justamente da falta de profundidade de sua obra, deixando claro que faltava fazer reflexões mais sublimes em suas obras.

As notícias que chegavam de casa diziam que o pai de Ernest comprara um exemplar de *In Our Time* e lera as estórias “com interesse”. Grace estivera compilando algumas das críticas para enviá-las ao filho. Em Oak Park, o Dr. Hemingway fôra [*sic*] “muito cumprimentado” pelo último êxito de Ernest. Mas o bom doutor não pôde ocultar inteiramente a sua convicção de que o livro era, de algum modo, carente de elevação espiritual. “Espero que você observe e descreva mais uma humanidade de diferente caráter em seus próximos volumes”, escreveu ele. “Você mostrou certamente a brutalidade que há no mundo. Procure ver o que há de jubiloso, elevado, animador, otimista e espiritual no caráter das pessoas. Encontrará se procurar. Lembre-se que Deus nos faz responsáveis, a cada um, para darmos o melhor de nós próprios. Meus pensamentos e orações são para você, querido filho, diariamente.”<sup>43</sup>

Embora o Dr. Clarence Hemingway não o reconhecesse, os temas que fascinavam seu filho Ernest muito poderiam revelar sobre a vida. O mistério humano, as características do *bem* e do *mal* na humanidade, todos estes assuntos eram retratados mesmo em suas primeiras obras.

---

<sup>41</sup> BAKER, 1971, p. 600

<sup>42</sup> BAKER, 1971, p. 21

<sup>43</sup> BAKER, 1971, p. 188



Do reduto de sua cama de colchão de penas, Ernest discorria longamente sobre a importância do tema em ficção, em cartas para Fitzgerald. A guerra, dizia ele, era o melhor de todos os temas. Combina o máximo de material com o máximo de ação. Tudo é acelerado e o escritor que tiver participado numa guerra obteve um volume de experiência que, normalmente, levaria uma vida inteira para conseguir. Dos Passos, por exemplo, fôra [*sic*] feito pela guerra do Kaiser, tendo entrado nela duas vezes e crescido no intervalo. Por isso é que o seu *Three Soldiers* (Três Soldados) era um livro tão bom. Outros bons temas, segundo Ernest, eram o amor, o dinheiro, a avareza, o homicídio e a impotência. *O Sol Também Se Levanta*, que ele terá de revisar agora durante todo o inverno, só abordava o segundo e o último desses temas mas as suas esperanças no livro eram grandes.<sup>44</sup>

Logo depois, em 1926, Ernest Hemingway, ao publicar seu primeiro romance, foi criticado novamente por seus pais, que o criaram com uma educação cristã. Eles continuavam tendo a opinião de que Ernest estava publicando histórias sem profundidade, sem espiritualidade e que não havia nada que fosse sublime em sua escrita. A biografia mostra o conteúdo de uma carta de Grace Hemingway a seu filho Ernest:

Grace foi muito mais severa, como de costume. Ficava contente por saber que o seu livro estava vendendo bem, embora lhe parecesse ser “uma honra duvidosa” ter Ernest escrito “um dos livros mais obscenos do ano”. Teria deixado seu filho de interessar-se pela lealdade, a nobreza e a honra? Ele certamente conhecia outras palavras além de *raios o partam e filho da...* Assim, tornava-se-lhe difícil falar com seu filho. Mas, escreveu Grace, “não posso continuar calada, se alguma palavra minha ainda puder ajudá-lo a encontrar-se a si mesmo”. A vida, para ela, era uma dádiva maravilhosa; descobrira um paraíso na terra, ao aprender a criar coisas belas. Se Ernest estava em dificuldades familiares ou se a bebida o “escravizara”, ele devia romper seus grilhões e elevar-se para ser o homem e o escritor que Deus pretendia que ele fosse. “Eu o amo, querido filho”, escreveu Grace, “e ainda creio que você fará algo digno de apreço”. Tente encontrá-lo e ao seu verdadeiro trabalho. Deus o abençoe”. Ernest respondeu colericamente que o que a sua mãe precisava era de uma pequena lealdade familiar. Isso talvez lhe pudesse servir de anestésico contra a tão óbvia má fama de seu filho.<sup>45</sup>

Nesse caso, Grace Hemingway poderia ter uma maior compreensão, sendo ela também uma artista e tendo educado seus filhos de maneira tão culta. Ela tinha muito apreço pela arte, porém não reconhecia o quão artística poderia ser a obra de seu filho, talvez porque o ser humano não consegue ver além de si. Por outro lado, por ser ela uma artista, talvez percebesse que a arte demonstra o que o artista sente; talvez estivesse preocupada com os recônditos dos sentimentos e personalidade de seu filho. Hemingway estava vivendo o auge da modernidade, tendo contato com outros artistas modernos, e se expressando de acordo com a corrente literária de seu tempo, mesmo que nem ele se desse conta disso naquele momento. Uma das características do Modernismo era a criticidade, a linguagem que saía dos padrões literários, a paródia e outras expressões linguísticas certamente utilizadas por Ernest.

Hemingway, embora escrevesse sobre contextos religiosos, não tinha a intenção

---

<sup>44</sup> BAKER, 1971, p. 189

<sup>45</sup> BAKER, 1971, p. 210

consciente de fazer reflexões sagradas, principalmente durante a juventude. Estas reflexões passaram a ocorrer principalmente em suas obras mais maduras, quando ele se perguntava sobre a explicação para seus sofrimentos e angústias, ou o mistério do sofrimento humano, no geral.

Na infância e adolescência, Hemingway não sentia em si nenhum traço de religiosidade. Mas, ao casar com Pauline, que tinha o desejo de realizar a celebração na igreja católica, ele se converteu ao cristianismo de fato. Na biografia escrita por Baker, há uma explicação sobre como era sua religiosidade e como ele entendia seu relacionamento com Deus.

Seja qual for a duplicidade praticada por Ernest a fim de colocar a sua posição religiosa em aproximado acordo com as normas eclesásticas, o certo é que ele se considerava agora, pelo menos, um católico *in nomine*. Alguns meses depois, ele procurou explicar, de maneira muito convincente, as suas ideias a um padre dominicano que lhe enviara um questionário. Durante muitos anos, escreveu Ernest em resposta, fora católico, embora se distanciasse da prática dos deveres no período de 1919-1927, durante o qual não comungara. Mas assistira regularmente à missa em 1926 e 1927, e pusera definitivamente a sua casa em ordem (palavras dele) em 1927. Sentia-se obrigado a admitir que sempre tivera mais fé do que esclarecimento ou conhecimentos teológicos e filosóficos - em resumo, era um “católico muito estúpido”. Possuía tanta fé que “detestava examiná-la”, mas estava procurando levar uma vida digna, de acordo com os mandamentos da Igreja, e era muito feliz. Nunca dera publicidade às suas crenças porque não desejava ser conhecido como um escritor católico. Sabia a importância que tinha dar o exemplo... mas ele nunca fora um bom exemplo. O seu programa fundamental era de maior simplicidade: tentar levar uma vida digna e tentar escrever bem e com verdade.<sup>46</sup>

Era comum que Hemingway tivesse contato com Deus apenas em seus momentos mais decisivos ou tristes. Por exemplo, ao se machucar na guerra da Espanha, que ocorreu entre 1936 e 1939, ele teve de ficar internado e o único evento que o tranquilizava era a visita de uma freira:

Sem dúvida, o seu visitante favorito era, porém, a Irmã Florence, uma freira delicada e meiga que adorava beisebol e acreditava veementemente que o Senhor podia ser persuadido a intervir nas questões humanas. As suas orações tinham sido ouvidas durante o Campeonato de outubro. Ernest adorava vê-la e ouvir sua fala mansa, como se não precisasse de respirar para emitir as palavras. A par do jogador mexicano e dos programas noturnos da rádio, a Irmã Florence tornou-se a sua principal consolação nas intermináveis horas em que esteve preso à cama.<sup>47</sup>

Hemingway foi muito influenciado pela questão política e por vezes positivista e modernista acabou se afastando algumas vezes de suas raízes cristãs. Eventualmente, sentia necessidade de fazer uma oração, mas era impedido justamente por questões seculares que o incomodavam:

---

<sup>46</sup> BAKER, 1971, p. 216

<sup>47</sup> BAKER, 1971, p. 251-252

Nas três viagens à Espanha não se amedrontara nem fora ferido. Talvez por essa razão, fora intolerante, farisaico, implacável e cruel. A única maneira para poder orientar decentemente a sua vida era aceitar a disciplina da Igreja. Mas o problema, na Espanha, era que a Igreja se bandeava com o inimigo. Esse fato amargurava-o tanto que até deixara de rezar: parecia-lhe uma desonestidade ter alguma coisa a ver com uma instituição religiosa tão intimamente ligada ao fascismo.<sup>48</sup>

Sabe-se que a intenção inicial do cristianismo não era se unir ao fascismo. Inclusive, muitos discursos de Jesus poderiam ser utilizados para defender pautas de esquerda, porque Ele sempre defendia que os mais necessitados deveriam ser ajudados. Jesus Cristo não pensava tanto em economia e muito menos em nacionalismo exacerbado, nada que justificasse pensar o cristianismo como ligada ao fascismo. Porém, também é notável que as pessoas às vezes utilizam o cristianismo e outras religiões para defender suas motivações e seus próprios objetivos egoístas, por isso não é dever do leitor julgar a opinião de Hemingway. Ao contrário, a fala de Hemingway permite a observação da religião na sociedade secularizada e o quanto a humanidade pode fazer mau uso de algo santo. Como explicado anteriormente, porém, Hemingway costumava se reaproximar de Deus quando estava triste ou fragilizado. Não foi diferente quando perdeu um amigo.

Pouco depois da partida deles, chegara um telegrama com a notícia de mais uma morte. Na manhã de 11 de fevereiro, Charles Scribner morrera subitamente de um ataque cardíaco. No dia em que tomaram conhecimento disso, houve uma gigantesca tempestade elétrica, “como na Bíblia”, disse Ernest. Ele ouvia a ressaca batendo lugubrememente contra os baixios, perto donde [*sic*] haviam atracado. No dia seguinte, soprou um rijo vento norte. Os Hemingways, com o vento pela proa, voltaram para casa e foram ancorar no porto de Cojimar. Ernest escreveu a Vera Scribner que, com a morte do seu querido e bom amigo, não havia mais ninguém em quem pudesse confiar ou com quem pudesse trocar piadas fortes. A perda era irreparável.<sup>49</sup>

As perdas, conforme o tempo ia passando, eram cada vez mais frequentes e o contato cada vez mais comum com a morte foi mudando sua percepção de vida e, por conseguinte, sua literatura. Hemingway era um homem que parecia imbatível durante sua juventude, mas a velhice e as perdas foram ficando cada vez mais difíceis de compreender e suportar, e, principalmente, seu enfraquecimento físico. Não era sem razão que, por vezes, Hemingway visitava livros bíblicos, incluindo Eclesiastes, que tinha um tema tão triste e de desilusão com os momentos bons da vida. Nesse sentido, Hemingway era parecido com Salomão, que teve todos os prazeres que um ser humano pode ter, mas que ainda assim não parecia ser o suficiente para preencher o vazio e a procura pela necessidade última da alma. Ele passava pelo de perder pessoas próximas conforme o tempo passava.

A morte de sua mãe e a doença do pai de Mary tinham servido para aguçar a sua consciência da morte, que nunca deixava de aflorar à superfície. As mortes ocorriam

---

<sup>48</sup> BAKER, 1971, p. 381

<sup>49</sup> BAKER, 1971, p. 567

às lufadas, lembrou Ernest, usualmente com resultados funestos para ele próprio. O telégrafo e os telefonemas interurbanos ganharam o aspecto de instrumentos diabólicos, visto que as notícias que transmitiam eram invariavelmente más.<sup>50</sup>

Afinal, em seus últimos dias, depois da publicação de *O Velho e o Mar*, Hemingway, quando foi internado em um hospital, quando pediu seus livros, apresentou como necessário um exemplar da Bíblia *King James*, e o *Oxford Book of English Verse*. Isso demonstra que ele, mais ao final de sua vida, após sessenta anos de experiência, estava menos irascível e cada vez mais procurando um sentido maior a tudo que ele vivenciou após tanto sofrimento.

Até aqui, a vivência e a experiência de Hemingway foram apresentadas, para que diversas análises de *O Velho e o Mar* sejam melhor compreendidas. Na próxima seção deste trabalho há a descrição de teorias que ajudam a compreender a obra, principalmente porque algumas perguntas podem surgir a partir do primeiro capítulo, como “se Hemingway não se considerava um exemplo cristão, como sua obra poderia ter elementos sagrados?”, “em que momentos específicos de sua obra podem ser observados tais elementos?”, “como o leitor pode usar a teoria do *iceberg* de Hemingway para interpretar seus livros?” e “há algum estudo da Literatura que permita isso?” A próxima seção apresenta métodos que servirão de resposta a todos estes possíveis questionamentos.

---

<sup>50</sup> BAKER, 1971, p. 564

### 3 TEORIAS E MÉTODOS DE ABORDAGEM DE LITERATURA E TEOLOGIA

Neste capítulo, há a explicação das teorias e o método utilizado para a pesquisa, que tem como fundamentação a Teologia e a Literatura, e, portanto, é uma pesquisa interdisciplinar. É necessário que haja um aprofundamento de cada uma das teorias, para que depois seja explicado como será feita a aplicação. Por conseguinte, em ordem, há a fundamentação de Teologia da Cultura, de Paul Tillich, seguida por Teopoética e seus principais teóricos, a Estética da Recepção, que se trata de uma teoria da área de Literatura, e, finalmente, o método que permitirá a união dessas áreas, o Método de Correlação.

#### 3.1 TEOLOGIA DA CULTURA

A Teologia do século XX foi marcada por mudanças na abordagem do evangelho. Embora cada teólogo tivesse sua maneira de entender a Teologia e discordassem entre si de um modo ou de outro, foi comum entre a maioria deles a concepção de que a Teologia não deveria continuar sendo uma área presa às paredes da igreja. Com uma evolução tecnológica e com as mudanças da sociedade, os teólogos do século XX passaram a entender que o sagrado poderia também ser encontrado na cultura. Paul Tillich foi um dos maiores defensores desta ideia, por entender que a noção de Deus estava no interior de cada pessoa, e que esta noção e este sentimento da eternidade era passada às obras artísticas.

A tendência humana de buscar o eterno ou até mesmo uma explicação para a existência vem principalmente da consciência de nossas limitações humanas. Há uma totalidade nessa busca, que envolve todos os sentidos e perspectivas humanas. A partir disso, há uma definição sobre como a noção de Deus se apresenta no interior de cada ser humano. Tillich chama esta noção de *preocupação última*<sup>51</sup>, ou *interesse último*, dependendo da tradução:

O interesse último tem uma dupla vertente: subjetiva e objetiva. É acima de tudo o interesse o *último* do sujeito, que transforma todos os outros interesses em interesses preliminares, destituídos de significado último; é o interesse *incondicionado* do sujeito, porque independente dos condicionamentos da experiência concreta; é o interesse *total* do sujeito, na medida em que envolve o sujeito em sua totalidade espiritual. O termo interesse indica, justamente, o caráter existencial da experiência religiosa e é termo da derivação kierkegaardiana: o que é “último” suscita - segundo Kierkegaard - “paixão e interesse infinitos”. O interesse, que é último na vertente subjetiva, é também último na vertente objetiva: é interesse pela realidade última, pelo incondicionado, pelo absoluto, pelo infinito; é o interesse, em que se exprime -

---

<sup>51</sup> Nesta pesquisa, optou-se por utilizar preocupação última, porque é mais fiel ao termo original, *ultimate concern*.

agostinianamente - a inquietação do coração, que está à procura do que transcende a experiência do relativo e do transitório.<sup>52</sup>

Lê-se na citação anterior o termo *incondicionado*. Tillich usava este termo, cunhado por Immanuel Kant, filósofo do século XVIII, porque vai de encontro à tendência humana de buscar respostas além da experiência. O conhecimento humano é limitado, então busca-se a transcendência. Sendo Tillich um teólogo que também era da área da Filosofia, ele conseguia unir termos de diferentes áreas que se complementam. Portanto, ao unir Filosofia e Teologia, o *incondicionado* é equivalente ao interesse último, uma chave para entender a eternidade de Deus e ter acesso a Ele.

Tillich esclarece: “O termo ‘incondicionado’ [...] indica o elemento de toda experiência religiosa que a torna propriamente tal. Todo símbolo do divino exprime uma exigência incondicionada, como no solene mandamento: ‘Ama o Senhor teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma e com toda a tua mente’. Não se admite que se possa amar a Deus de maneira parcial, limitada e condicionada. O termo ‘incondicionado’ ou o adjetivo substantivado ‘o incondicionado’ são abstrações originadas das máximas bíblicas ou da grande literatura religiosa. O incondicionado é uma qualidade, não um ser. Caracteriza aquilo que é nosso interesse último e, por isso, incondicionado, quer o chamem Deus, o ‘Ser como tal’, o ‘Bem como tal’, o ‘Verdadeiro como tal’ ou quaisquer outros nomes. Seria um grave erro encarar o incondicionado como um ser cuja existência possa ser posta em discussão; quem fala da ‘existência do incondicionado’ de modo algum compreendeu o significado desta palavra. Pois o incondicionado é uma qualidade que se experimenta no encontro com a realidade, por exemplo no caráter absoluto da voz da consciência, tanto lógica como moral.<sup>53</sup>

Para Tillich, não é possível questionar a existência de Deus porque sua natureza é *incondicionada*, e sua presença pode ser percebida na consciência, na lógica e na moral. Se só se pode pensar em *incondicionado* através da existência humana, e se o ser humano existe e percebe algo além de si, não é um termo passível de questionamento. Este é também um termo adequado ao considerar que a humanidade é condicionada ao tempo e espaço. Nasce-se em um mundo, como humanos, em determinado lugar e em determinado tempo e a isso se é condicionado. Além da questão das condições de vida, há, também, as condições sociais, que são tão evidentes na pós-modernidade: posição social em que se nasce, possibilidades de formação e todo o contexto, lugar e cultura de criação. Quando se pensa em algo *extra nos*, algo que explique a existência humana, sempre refere-se a algo ou alguém que não está nas mesmas condições de dependência, e por isso *incondicionado* é um termo que descreve exatamente a sensação e a noção do que é *extra nos*.

Deus é incondicionado ao tempo, ao espaço e é transcendente a tudo, sendo onisciente, onipotente e onipresente. Por vezes, as pessoas se deparam com esta noção quando se deparam

<sup>52</sup> GIBELLINI, Rosino. **A teologia do século XX**. São Paulo: Edições Loyola, 1998, p. 88.

<sup>53</sup> GIBELLINI, 1998, p. 87.

com situações difíceis, quando a preocupação última se faz presente na vida de uma pessoa, seja por um momento difícil pela perda de alguém próximo, ou por um momento de quase-morte da própria pessoa. Durante estes momentos, a preocupação última vem juntamente com insegurança, ansiedade, e também preocupação e falta de sentido.

O *incondicionado* pode ser percebido e retratado por meio de simbolismos. A fé às vezes é representada por meio de símbolos e Deus pode ser retratado mesmo em igrejas a partir de representações que aproximam Deus à humanidade, por vezes fazendo Deus de modo semelhante ao ser humano, como em diversas obras de arte famosas.

A consciência imediata do incondicionado não tem caráter de fé, mas é autoevidente. A fé contém certo elemento contingente e exige risco. Combina a certeza ontológica com a incerteza a respeito de todas as coisas condicionadas e concretas. Naturalmente, isso não significa que a fé seja o mesmo que a crença em algo dono de maior ou menor grau de probabilidade. O risco da fé não quer dizer a aceitação de asserções a respeito de Deus, do ser humano e do mundo, incapazes de verificação, que talvez possam ser comprovadas no futuro. O risco da fé baseia-se no fato de que o elemento incondicional pode se tornar questão de preocupação suprema somente se aparecer de forma concreta. Pode ser visto em símbolos mitológicos purificados e racionalizados, como Deus retratado como ser supremo e pessoal, além de muitos outros conceitos teológicos tradicionais. Pode surgir em atividades rituais e sacramentais para os seguidores de religiões autoritárias e sacerdotais. Pode ainda aparecer em fórmula e comportamentos especiais que expressem o inefável, como se vê no misticismo. Manifesta-se nas exigências proféticas e políticas em favor da justiça social quando se tornam preocupações supremas tanto religiosas como seculares. Ocorre também na devoção honesta e absoluta dos que se dedicam à verdade científica. Além disso, aparece no universalismo da ideia clássica de personalidade e na atitude estoica (antiga e moderna) de superação das vicissitudes da existência. Em todos esses casos, trata-se de um risco existencial, no qual o significado e a realização de nossas vidas estão em jogo, e não mero julgamento teórico aberto, a ser refutado mais cedo ou mais tarde<sup>54</sup>.

A noção do *incondicionado* só foi constatada por Kant porque suas pesquisas apontavam para a filosofia a partir da natureza da humanidade em questões históricas também. Há registros de costumes religiosos desde o início da humanidade. Em escavações frequentemente são encontradas ossadas com algum elemento religioso que pudesse ajudar as pessoas na travessia que teoricamente ocorreria após a morte<sup>55</sup>. A religião é tão histórica quanto a humanidade, o que prova mais uma vez esta busca pelo *incondicionado* em todas as pessoas.

Para Tillich, a religião é uma dimensão necessária da vida espiritual do homem. Ele tem consciência de que se trata de uma tese contestada tanto por teólogos como por filósofos. É contestada pelos teólogos dialéticos, que opõem fé/revelação a [*sic*] religião: para eles, o homem é capaz de cultura, mas diante de Deus é apenas receptor e, portanto, incapaz de, por si mesmo, estabelecer alguma relação com Deus. E é contestada também pela crítica da religião da filosofia moderna, para a qual, por vários motivos, a religião não passa de uma criação transitória do espírito humano. [...] Ao invés, a religião é uma dimensão necessária, não uma função especial, uma atividade

<sup>54</sup> TILLICH, 2009, p. 65-66.

<sup>55</sup> GUIMARÃES, Filipe (org.). **Arqueologia da Religião: método e interpretação do produto artístico da religião**. Macapá: UNIFAP, 2018. p. 21.

distinta ou um aspecto particular da vida espiritual, e sim, a dimensão da profundidade de todas as funções e atividades.<sup>56</sup>

A Teologia da Cultura também explica em que outros momentos diários a noção do eterno ocorre - o que pode acontecer em diferentes âmbitos. Tillich explica que, quando a pessoa se depara com uma obra de arte que a comove, por exemplo, isso é a percepção do eterno influenciando o que é sentido. E esta percepção vai além da cultura e se torna também religiosa, o que significa que a religião está presente até mesmo em obras que não sejam originalmente feitas com uma intenção divina:

No escrito autobiográfico *Na fronteira*, Tillich escreve: “Se se perguntasse a uma pessoa que tivesse ficado impressionado com os mosaicos de Ravena ou com as pinturas da cúpula da Capela Sistina ou com os retratos do último Rembrandt, se sua experiência teria sido religiosa ou cultural, ela acharia difícil responder a tal pergunta. Poderia ser correto dizer que essa experiência é cultural na forma e religiosa na substância. É cultural porque não está vinculada a um ato ritual específico, mas é religiosa porque toca o problema do Absoluto e os limites da existência humana”. É aqui expressa de modo descritivo a tese central da teologia da cultura de Tillich: “A religião enquanto interesse último é a substância que-dá-sentido [*sic*] à cultura, e a cultura é a totalidade das formas por meio das quais o interesse fundamental da religião exprime a si mesmo. Em resumo: a religião é a substância da cultura, a cultura é a forma da religião”. É a tese da teonomia da cultura, que afirma a imanência recíproca entre religião e cultura.<sup>57</sup>

Portanto, para Tillich, a religião dá sentido à cultura e a cultura exprime o interesse último da religião. Esta afirmação poderia ser considerada polêmica para quem viveu no século XIX, por causa do positivismo que imperava à época. No entanto, foi no século XV que começou a secularização, em passos muito lentos. O que ocorreu no século XIX foi um salto que distanciou ainda mais a humanidade de sua essência sagrada. Isto porque o Positivismo considerava a ciência como suprema acima de todos outros conhecimentos. O empirismo passou a importar mais do que as experiências subjetivas ou religiosas. Desde então, ainda é visível na cultura, nesta pós-modernidade, um resquício de uma tendência a crer apenas no que pode ser visto, tocado ou provado. Isto foi assim até mesmo quando Tillich escrevia sobre a Teologia da Cultura. Entretanto, o que se tem visto na atual pós-modernidade é a ressuscitação da espiritualidade na sociedade; os ideais científicos estão começando a ser menos valorizados, porque o ser humano percebeu que a ciência não dá conta de provar tudo e, quando pensa ter comprovado, pode acabar se contradizendo ao encontrar outra resposta que desmente à primeira.

Com a contribuição de Paul Tillich e a partir da pós-modernidade, pode-se refletir sobre a presença do sagrado em toda a cultura, e com cultura considera-se sobre toda a dimensão

---

<sup>56</sup> GIBELLINI, 1998, p. 86.

<sup>57</sup> GIBELLINI, 1998, p. 89-90.



humana. Neste sentido, a religião não é uma função especial da vida, mas é a própria profundidade que está presente em todas as áreas.

Nessa situação, sem lugar próprio, sem ter onde habitar, de repente a religião percebe que não precisa de nada disso. Dá-se conta de que já possui seu lugar próprio em todos os lugares, principalmente nas profundezas das funções da vida espiritual humana. A religião é a dimensão da profundidade em todas elas. É o aspecto dessa profundidade na totalidade do espírito humano.<sup>58</sup>

Mesmo à época que o positivismo e a secularização estavam tomando conta das academias, ainda assim, teólogos como Tillich observavam que a própria secularização é uma afirmação da religião, pois somente passou a existir porque a religião tinha atingido níveis elevadíssimos na cultura, quando a igreja católica a tudo comandava, inclusive no âmbito político. Considerando tudo isto, Tillich considerava como ideal uma cultura *teônoma*, que não ficaria presa à autonomia da ciência e nem à submissão eclesiástica, e, sim, valorizaria a vivência humana, compreendendo que o elemento divino faz parte da humanidade.

Uma cultura autônoma é uma cultura secularizada, desenraizada do fundamento e esvaziada de sentido; uma cultura heterônoma é uma cultura eclesiasticizada ou ideologizada e endurecida em seus conteúdos; uma cultura teônoma exprime, na autonomia de suas formas, um conteúdo religioso, fonte de criatividade e de significado. A religião como dimensão da profundidade é a base da cultura, o princípio que dá significado último a todas as formas da cultura e a tarefa de uma teologia da cultura é “decifrar o estilo de uma cultura autônoma em todas as suas expressões características e encontrar seu significado oculto”<sup>59</sup>

Quando menciona-se religião, então, deve-se deixar de levar em consideração apenas elementos eclesiásticos do cristianismo, pois, embora se possa crer que Cristo é também Deus, também sabe-se que Deus, e também Cristo, podem se revelar de modos que vão além da igreja, pois sendo Deus o criador do mundo, ele pode utilizar diversos meios para mostrar a transcendência divina.

A essa altura, a ideia de um meio é deliberadamente muito genérica. [...] Um meio poderia ser um evento ou um personagem sagrado da história cuja vida e doutrina transmitem idéias [*sic*] e valores transcendentos. Uma coletânea de escritos poderia ser um meio religioso. Até mesmo uma experiência da própria natureza como um todo, por assim dizer, pode tornar-se um meio que traz à tona uma experiência religiosa da transcendência. Um meio consiste em qualquer fragmento finito da realidade mundana e histórica pelo qual se determina a concepção que se tem da transcendência.<sup>60</sup>

Embora a secularização faça parte da sociedade atual, Cristo não deixou de influenciar toda a sociedade. Deus utiliza diferentes meios para se revelar, incluindo as obras de arte,

---

<sup>58</sup> TILLICH, 2009, p. 44.

<sup>59</sup> GIBELLINI, 1998, p. 90-91.

<sup>60</sup> HAIGHT, Roger. **Dinâmica da teologia**. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 83.

porém não é somente de modo “escondido” que o Eterno se faz presente. Jesus Cristo também é muito citado em todas as obras de arte, mesmo quando o autor de tal obra o cite de modo a demonstrar que não acredite nele. Mesmo na biografia de Ernest Hemingway, há momentos em que são mencionadas frases em que Ernest falava sobre suas opiniões sobre o cristianismo - nem sempre tão positivas, mas sempre presentes.

Isso ocorre principalmente porque o mundo foi extremamente cristianizado, desde a influência da Igreja Católica no mundo e sendo, atualmente, a maior religião do mundo. Isto poderia ser visto como um acaso histórico, ou, poderia-se entender este fenômeno como o cumprimento de uma profecia bíblica antiga, que explicava que o nome de Jesus seria conhecido por todos os povos. Além da visão histórica e política, percebe-se Cristo a partir de uma visão divina e central na humanidade:

Cristo está no centro da existência humana, na medida em que está entre o homem velho e o homem novo: é ele quem concede ao homem a justificação; Cristo está no centro da história, na medida em que está entre a promessa e o cumprimento dessa mesma promessa: é nele que a história encontra seu sentido; Cristo está no centro da criação, na medida em que a natureza escravizada encontra nele o anúncio de sua libertação. Cristo é assim mediador da justificação para o homem, da reconciliação para a história, da libertação para a criação e, como mediador, está no centro.<sup>61</sup>

No modernismo, é comum ver momentos em que a religião se expressa na literatura, principalmente em forma de crítica ou ateísmo, desde a influência do positivismo. Porém, não se pode negar que a religião sempre esteve presente na humanidade e em suas obras artísticas. Isto era tão perceptível para Tillich que o fez começar a pensar, durante seus anos como professor de Teologia Sistemática, em aprofundar mais seu estudo sobre a cultura:

Apesar de durante a maior parte de minha vida adulta eu ter sido professor de Teologia Sistemática, o problema da relação entre religião e cultura sempre esteve no centro de meus interesses. A maioria de meus escritos tenta definir a maneira como o cristianismo se relaciona com a cultura secular.<sup>62</sup>

Ao entender isto, ambos os termos, *incondicionado* e *preocupação última* estão em constante relação, porque a *preocupação última* aponta para o conhecimento do que é *incondicionado*. Este interesse ao sentido último da existência ocorre principalmente quando a humanidade passa a se perceber como um ser que pode vir a não existir. Sabendo de suas limitações, a pessoa passa a buscar o que pode gerar segurança em sua vida.

Toda esta descrição pessoal sobre a preocupação última é só um exemplo de como a preocupação última pode se manifestar no interior de uma pessoa. Diversas pessoas a experimentaram de diferentes maneiras. Paul Tillich, por exemplo, quando se deparou com a

---

<sup>61</sup> GIBELLINI, 1998, p. 109.

<sup>62</sup> TILlich, 2009, p. 33.

preocupação última, assim o fez porque presenciou a morte perto dele no *front* da guerra. Da mesma maneira, Hemingway se deparou com este sentimento nas guerras em que participou e, no fim da vida, com as debilitações e limitações decorrentes da velhice e de um acidente de avião. Cada vez mais idoso e limitado para fazer atividades cotidianas, Hemingway se deparou com a brevidade da vida e, semelhantemente a Salomão<sup>63</sup> em Eclesiastes, passa de reflexões gerais para reflexões que incluíam a preocupação última. Salomão, Hemingway, Tillich... pessoas em diferentes épocas inspiradas literária e teologicamente pela mesma preocupação última. Nestes momentos horríveis, a pessoa encontra, às vezes, um consolo e consegue perceber a beleza da vida; a beleza da vida, dos pássaros, da natureza, de absolutamente tudo o que cerca a humanidade.

Ao perceber esta beleza, o ser humano percebe também que o divino está em tudo, que a divindade faz parte da cultura, que o eterno está em todos. E então, pode surgir um questionamento: se Deus está no mundo e pode-se perceber Sua presença nos pequenos milagres da vida, por que se age como se a religião estivesse separada da vida cotidiana?

Mas surge a pergunta: como se situa a religião no sentido restrito e mais comum da palavra, seja na sua forma institucional ou na piedade pessoal? Se a religião está presente em todas as funções da vida espiritual, por que a humanidade a desenvolveu como se fosse uma entre outras atividades, no mito, no culto, na devoção e nas instituições eclesiais? A resposta é simples: por causa da trágica alienação da vida espiritual em face de seu fundamento e profundidade. Segundo o visionário que escreveu o último livro da Bíblia, não haverá templos na Jerusalém celestial, pois Deus será tudo em todos. Não haverá domínio secular nem religioso. A religião será novamente o que ela sempre foi essencialmente: a determinação fundamental e a substância da vida espiritual.<sup>64</sup>

Tillich, ao falar sobre a religião, reconhece sua importância e beleza, porque a religião inclui simbolismos, artes e é o que revela a profundidade da vida durante os ruídos e barulhos do trabalho secular. Durante o dia a dia corrido de uma sociedade pós-moderna que vive o imediato, trabalhando em um mundo comercial para garantir seu sustento e que, ao final do dia, se sente grato por mais distanciamento da profundidade da vida, quando não pensa em nada profundo e apenas consome ainda mais em distrações - seja jogos, redes sociais, *selfies*, *memes* e vídeos. Às vezes, o único contato com a profundidade da vida e com Deus é o momento de culto religioso. Por isso, Tillich em nenhum momento afirma que a religião é desnecessária; as instituições são extremamente relevantes por seus simbolismos, palavras profundas e reflexões eternas. Ele explica que a religião institucional “dá-nos a experiência do

---

<sup>63</sup> Há teorias de que o Rei Salomão teria escrito Provérbios e Eclesiastes e acredita-se que o Rei Ezequias pode ter editado tais obras.

<sup>64</sup> TILLICH, 2009, p. 45.

sagrado, intangível, tremendamente inspirador, significado total e fonte de coragem suprema”<sup>65</sup> durante o dia a dia.

Entretanto, mesmo com a necessidade da religião institucional e com a beleza de seus símbolos, Tillich fala sobre a vergonha da religião quando esta passa a ser intolerante, e desprezar o mundo secular, que é um lugar onde o divino também pode ser achado. Segundo ele, há vergonha na religião também quando faz dos mitos e doutrinas verdades indiscutíveis, e quando a intolerância passa a ser perseguição com quem não concorda com seus dogmas, como se pudessem limitar a Deus, como dizia Rubem Alves<sup>66</sup>. Quanto a isso, Tillich também afirma que estas atitudes religiosas é o que divide as pessoas; que fazem o secular e o religioso se separarem.

É por isso que o mundo secular reage tão apaixonadamente contra a religião, muito embora acarretando trágicas consequências para si mesmo. Pois a religião e o mundo secular estão no mesmo barco. Não deveriam andar separados, pois tal separação é apenas ocasional. Ambos fundamentam-se na religião, em seu sentido mais amplo, isto é, na experiência da preocupação suprema. À medida que nos damos conta disso, os conflitos entre religião e mundo secular desaparecem, e a religião redescobre seu verdadeiro lugar na vida espiritual humana, a saber, na sua profundidade, a partir da qual concede substância, significado último, julgamento e coragem criadora para todas as funções do espírito humano.<sup>67</sup>

A divisão entre a religião e o mundo secular poderia não existir. Se os religiosos aprendessem a ver Deus em toda a cultura e não brigassem tanto com quem não segue seus dogmas, isto cessaria a irritação de quem vive na secularidade e eles passariam a aceitar os simbolismos e a religião com mais facilidade. Isto vai de acordo com a mensagem de Jesus sobre amar o próximo. Amar o próximo é também compreendê-lo; é ter empatia com suas experiências e percepções.

Paul Tillich também mencionava sobre Deus ser o Outro; o estranho<sup>68</sup>. A humanidade é semelhante a Ele, mais do que pode imaginar, mas, enquanto terrenos e seculares, não pode-se saber como de fato Ele é, e só é possível fazer “comentários *prováveis* a seu respeito”<sup>69</sup>

Uma outra consideração relevante de Tillich a respeito da Filosofia da Religião, é considerar dois modos desta: o modo ontológico e o cosmológico. O modo ontológico é quando o religioso busca superar a alienação de Deus, e o modo cosmológico é quando o ser humano busca separar o terreno e o divino; a filosofia e a religião. A Teologia da Cultura, baseada

<sup>65</sup> TILLICH, 2009, p. 45.

<sup>66</sup> GOLIN, Luana Martins. A Teopoética em Rubem Alves. **Estudos de Religião**, v. 31, n. 2, p. 240-259. maio-ago 2017.

<sup>67</sup> TILLICH, 2009, p. 46.

<sup>68</sup> SOUZA, Elton Sadao; SOUZA, Vitor Chaves de (org.). **Paul Tillich e a Linguagem da Religião**. Santo André: Kapenke, 2018.

<sup>69</sup> TILLICH, 2009, p. 47.

também no mundo secular, permite a reconciliação entre o secular e o religioso. Esta concepção faz perceber que Deus não pode ser negado, pois sua concepção é inerente ao ser humano.

A escola franciscana escolástica do século XIII, representada por Alexandre de Hales, Boaventura e Mateus de Aquasparta desenvolveu o pensamento de Agostinho e o transformou em princípio teológico, mantendo, apesar de algumas influências aristotélicas, o tipo ontológico de filosofia da religião. A ênfase recai no conhecimento imediato de Deus. Segundo Boaventura, “Deus é verdadeiramente presente na alma e imediatamente conhecido”; é conhecido sem intermediação alguma, pois é comum a todos. É o princípio do conhecimento, a primeira verdade, a luz sob a qual tudo é conhecido, como diz Mateus. Dessa forma, é a identidade de sujeito e objeto. Não está sujeito à dúvida, pois a subjetividade e a objetividade não estão separadas. Naturalmente, a dúvida é possível psicologicamente, mas logicamente o absoluto é afirmado no próprio ato da dúvida, porque está implícito em todas as afirmações sobre as relações entre sujeito e predicado. *Ecce tibi est ipsa veritas. Amplexere illam.* (A verdade é tua; abraça-a) Tais princípios e conhecimentos supremos independem das mudanças e reatividades da mente individual; são os axiomas lógicos e matemáticos e as primeiras categorias do pensamento. Não são criações de nossa mente, a presença da verdade e, portanto, de Deus *em* nossa mente. O método tomista de conhecimento por meio da percepção sensorial e da abstração pode ser útil para procedimentos científicos, mas nunca chegará ao absoluto. Antecipando o desenvolvimento posterior, Mateus<sup>70</sup> afirmava sobre o método aristotélico-tomista: “Se, por um lado, abre caminho para a ciência, por outro, destrói [*sic*] completamente a via da sabedoria”. Sabedoria, *sapientia*, significa o conhecimento dos princípios, da verdade em si. Tal conhecimento é imediato, e se não for assim, não existe. Difere da *humana rationatio*, raciocínio humano, e da *scripturarum autoritas*, autoridade das Escrituras. Trata-se da *certitudo ex se ipsis*, certeza das coisas sem mediação alguma. Alexandre de Hales dizia que a percepção e a aceitação da verdade eterna são a mesma coisa.<sup>71</sup>

Para Tillich, às vezes a fé também pode representar um risco. Este risco é o de haver uma elevação dos símbolos ao nível do incondicional; quando os símbolos se tornam adorados mais do que a própria essência divina. Diversos líderes religiosos podem conhecer esse perigo. Sendo assim, a teologia tem uma missão e função: ser “a guardiã permanente do incondicional contra as aspirações de suas manifestações religiosas ou seculares”<sup>72</sup>. Agostinho, então, é importante para o estudo da Teologia da Cultura, porque, com seu método ontológico, pode superar a distância entre religião e cultura através da reflexão.

A Teologia da Cultura também tem uma concepção sobre a estrutura da existência: o tempo e o espaço são essenciais à vida, pois existir significa ser finito - e isto em um espaço e um tempo definidos. Por isso, o tempo é medido a partir do espaço e o espaço por meio do tempo. Por isso, “O movimento, que caracteriza universalmente a vida, precisa de tempo e de espaço. A mente, que parece estar presa ao tempo, precisa de corpo para existir e, conseqüentemente, de espaço”<sup>73</sup>.

Ao refletir sobre o espaço e o tempo, Paul Tillich em *Teologia da Cultura* chega a um

<sup>70</sup> Refere-se a Mateus de Aquasparta, século XIII

<sup>71</sup> TILLICH, 2009, p. 50-51

<sup>72</sup> TILLICH, 2009, p. 67

<sup>73</sup> TILLICH, 2009, p. 69

ponto importante da humanidade: há o desejo do ser humano de controlar o tempo e o espaço. O tempo se tenta controlar a partir de tentativas de deixar uma memória e uma noção de uma vida mesmo após sua partida ou através de produtos e procedimentos para que uma pessoa possa envelhecer com mais lentidão. O espaço, tenta-se controlá-lo por meio de guerras e nacionalismos. O poder do espaço por vezes toma conta do desejo da humanidade. Foi tanto o desejo por espaço que nações, povos e identidades nacionalistas foram criadas. O ser humano acaba por querer possuir o lugar onde vive, o presente, e diversas desavenças podem ser criadas a partir daí.

Espaço significa mais que mero solo. Inclui tudo o que se caracteriza por separação. Exemplos de conceitos espaciais são sangue e raça, clã, tribo e família. Sabemos quão poderosos são os deuses que dão dignidade e valor supremos a raças especiais e a comunidades de sangue. Em todos predomina a separação. A cultura humana baseia-se nessas realidades, e não nos surpreende que elas sejam adoradas, conscientemente ou não, pelos seus membros que sempre acham que elas têm validade universal.<sup>74</sup>

Mesmo na mitologia grega, era possível ver a briga pelo espaço. De maneira a, talvez inconscientemente, retratar os sentimentos humanos, a mitologia grega falava sobre os deuses do Olimpo. Eles mesmos brigavam por espaços. A mitologia grega, com o tempo, passou a ter a cultura e a religião asiática. E, no misticismo, tudo se sujeita à morte e ao nascimento. Assim, a salvação está fora do tempo e, então, é independente de toda e qualquer época. A salvação “é o eterno presente acima de todos os tempos presentes”.<sup>75</sup>

A mensagem profética por vezes acaba por superar o tempo e o espaço. Como exemplo disso, há, no Novo Testamento, uma mensagem profética que explica que Deus não pode ser adorado em montanhas, e sim em Espírito e em Verdade (Jo 4,21-24)<sup>76</sup>. Esta mensagem, sendo verdade e sendo importante, segundo Tillich, se tornou perigosa quando os indivíduos que seguiram passaram a se tornar pessoas alienadas do tempo, e, principalmente, alheias ao espaço físico e às suas realidades em seu redor.

Novamente relacionando as teorias aqui trabalhadas com a Bíblia, poderia ser mencionado sobre as profecias relacionadas ao fim dos tempos. Tillich dizia que Deus é Deus da história<sup>77</sup>. A Bíblia já falava, a partir das profecias, sobre um fim. A ciência descobriu que a Terra está se expandindo e que o meio ambiente habitável pelo ser humano está se encaminhando a um fim, assim como também agora estudos ambientais sugerem o mesmo. Quanto a isso, a Filosofia da Religião também tem suas considerações:

---

<sup>74</sup> TILLICH, 2009, p. 72.

<sup>75</sup> TILLICH, 2009, p. 74 .

<sup>76</sup> **NOVO TESTAMENTO: BÍBLIA**, N. T. JOÃO. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021. p. 1733.

<sup>77</sup> SOUZA; SOUZA, 2018, p. 27.

O Deus do tempo é o Deus da história. Significa, antes de mais nada, que é o Deus que age na história conduzindo-a a [sic] seu destino final. A história tem rumo: algo novo vai ser criado nela e por meio dela. Esse fim é descrito por diferentes termos: bem-aventurança universal, vitória sobre os poderes demoníacos representados pelas nações imperialistas, a vinda do Reino de Deus a história e além dela, a transformação da forma deste mundo etc. Há inúmeros símbolos, alguns mais imanentes como no antigo profetismo e no protestantismo moderno; outros, mais transcendentos como no apocalipse tardio e no cristianismo tradicional, mas em todos esses casos tempo significa direção, criação, algo novo ou “nova criatura” no dizer de Paulo. Supera-se o círculo trágico do espaço. Existem, claramente, o começo e o fim da história.<sup>78</sup>

Para a Teologia da Cultura, a religião é a preocupação última com a própria vida humana e tudo que a envolve e que é cheio de mistérios ainda não desvendados. O momento e o estado em que a humanidade é tomada pela preocupação última pode-se considerar como uma manifestação de fé. Esta é a compreensão existencial da religião. É a maneira de analisar e conceitualizar a religião a partir do solo; da existência. Esta é a religião que não depende de instituições religiosas ou dogmas para existir. De certa maneira, todos, então, são crentes em uma transcendência, todos são religiosos, pois todos estão conscientes de sua finitude e são, em algum momento, tocados pelo sentimento de preocupação última, e exercem a fé neste momento.

Por vezes, o sentido real da existência e a religião se dão no meio de um momento de vazio, como quando percebe-se, no meio desta sociedade industrial, o existencialismo, que é um protesto contra a sociedade atual; uma maneira de reiterar o valor, de voltar a ver a profundidade da existência.

O existencialismo, em sentido amplo, é o protesto contra o espírito da sociedade industrial a partir dela mesma. O protesto dirige-se contra a posição do ser humano no sistema de produção e consumo. Achamos que somos mestres do mundo e de nós mesmos. Mas, na verdade, fazemos parte da realidade que criamos, objetos entre objetos, coisas entre coisas, parte da engrenagem da máquina universal, à qual devemos nos adaptar para que ela não nos esmague. Essa adaptação nos transforma em meios para fins que também, por sua vez, são meios, sem finalidade alguma. Resultam daí experiências de vazio e falta de sentido, de desumanização e alienação. Não mais achamos sentido na realidade que, em suas formas e estruturas, nada nos diz.<sup>79</sup>

A contemporaneidade demonstra sua falta de profundidade nas obras artísticas atuais. Quando Tillich constatou isso, ainda era o século XX e a cultura ainda não tinha atingido o ápice da falta de profundidade. O tempo atual apresenta músicas sem grandes momentos de inspirações, repetições de letras, e falta de sentido e preocupação últimas nas letras, visto que tudo remete ao imediatismo e às futilidades do prazer momentâneo e corporais. O máximo de distrações possíveis tanto em questão de batidas e ritmos são combinados com *takes* rápidos.

---

<sup>78</sup> TILLICH, 2009, p. 77.

<sup>79</sup> TILLICH, 2009, p. 87.

Esta tentativa de não-ser, segundo Tillich, também é uma demonstração teológica; é fazer teologia.

Além de ver a presença do divino na poesia, no cotidiano, na cultura e seus símbolos, como explicado anteriormente, há também a visão divina na humanidade. O ser humano carrega consigo o divino. E assim como a vida influencia a arte, a arte influencia o ser humano.

Se a literatura é influenciada por seu meio, ela exerce também uma influência sobre as pessoas, sobre a sociedade à qual ela é dirigida ou com a qual ela dialoga. Há aqui uma interação dialética de influências. A literatura, sobretudo a de ficção, não nos separa do mundo; antes, ao contrário, pode colocar-nos em relação mais direta com ele; seja como criatividade, pois não existe ficção sem experiência do mundo, seja como crítica, pois, da mesma forma, não existe ficção sem negação do mundo.<sup>80</sup>

A ficção pode enfeitar, negar e representar de diversas maneiras o mundo. É pura expressão humana, e, sendo o humano também um portador do divino, também é o próprio divino se manifestando em palavras e em arte. A literatura tem sua própria forma de representar o mundo. Não é como a ciência, que representa em números, exatidão e cálculos. A literatura representa por meio de simbolismos. Manzatto também diz que a literatura é a compreensão do homem e da mulher; “apresenta-o, critica-o, mostra o homem vivendo”<sup>81</sup>. Sendo a ocupação da literatura sempre a humanidade, ela é um retrato confiável, um *lugar privilegiado* para a revelação sobre a realidade humana; por isso é considerada antropocêntrica. Não é apenas realista sobre a humanidade, mas é também idealista: de acordo com Manzatto, a literatura mostra o que homens e mulheres poderiam, deveriam e são chamados a ser. Deste modo, não é a historicidade que deve ser levada em conta ao analisar o ser humano a partir da literatura, e sim a significação: através da reflexão, dos símbolos e das imagens, os livros literários são lugares onde é, de fato, confiável tirar informações sobre pessoas e fazer antropologia, pois são criações humanas pensando sobre vidas humanas e criando histórias humanas, que refletem o que o autor sente e deseja.

A antropologia é essencial na reflexão sobre Deus. A revelação do divino é capacitadamente demonstrada por meio desta, e isto porque Deus se revela na história humana e através da humanidade. A antropologia é também central na disseminação da religião. No Antigo Testamento, por exemplo, Deus se comunicava através do povo. Era tendo contato com Moisés e sua sensibilidade espiritual, que Deus comunicava o que esperava do povo monoteísta. No Novo Testamento, Deus se fez homem para que a comunicação fosse mais efetiva - porque Ele sabia que somente falando entre seres humanos é que ele conseguiria

---

<sup>80</sup> MANZATTO, Antônio. **Teologia e Literatura: Reflexão teológica a partir da Antropologia contida nos romances de Jorge Amado**. São Paulo: Edições Loyola, 1994, p. 8

<sup>81</sup> MANZATTO, 1994, p. 8.



demonstrar Seu amor, visto que as pessoas se sentiriam representadas. Por isso, no cristianismo, Deus é considerado um ser pessoal. Nenhuma pessoa sabe como Deus é em sua forma verdadeira, mas o imagina humano - assim como há a tendência humana de pensar no diabo como uma pessoa. A humanidade tem como ponto de referência a si própria - o humano é antropologia. Tudo o que é perceptível da vida na Terra é a partir de seu corpo, e por isso Deus se revelou pessoalmente à humanidade através de Cristo.

Há, também, a Antropologia científica. Diversas ciências poderiam ser consideradas antropológicas, como a Psicologia, Educação Física, Medicina - todas centradas nas pessoas e suas características. Quanto a isso, Manzatto explica:

É verdade que as ciências também podem revelar uma antropologia. Mas as ciências não são capazes de tudo ver. Elas, também, têm seus limites, que são os da racionalidade positiva. Esta pode captar a estrutura de base e global do ser humano, mas não pode captar todas as nuances que somente a experiência direta pode perceber. Existem, pois, esferas do real que escapam à análise das ciências. E, aqui, a literatura pode ajudar a completar a visão que se tem do homem, na medida em que ela apresenta também uma compreensão do que significa ser humano no mundo, a partir de um outro horizonte, diferente do das ciências. Isso não significa oposição entre literatura e ciências, mas sim, complementaridade.<sup>82</sup>

Manzatto afirma que a teologia tem um discurso antropológico legítimo, pois “No centro da fé cristã se encontra Jesus Cristo, Deus e homem, revelador de Deus e do homem<sup>83</sup>”<sup>84</sup>. A Teologia, portanto, está à serviço da humanidade. A Literatura, como foi mencionado mais acima, também está a serviço da humanidade; é um dos melhores recursos para acessar os sentimentos, as necessidades e as percepções humanas - pois é feita por pessoas a partir de percepções e sentimentos legítimos. Inclusive, é por retratar tantos sentimentos e percepções pessoais que muitos defendem que a literatura não é feita para ensinar, mas para sentir; para deleitar. Entretanto, pode-se, sim, perceber a leitura como algo a ser ensinado, principalmente por sua relevância, pois sensibiliza o leitor e a leitora, motiva nele a empatia (ao se colocar no lugar do personagem principal) e amplia a percepção de mundo. Muitas vezes, ao ler um livro fictício, quem lê é tentado a concordar com o personagem, põe-se em seu lugar, amplia sua compreensão. Neste sentido, a literatura é convincente, mas não o é com retórica e argumentos, mas por pura representação da realidade.

A literatura também demonstra muito a percepção das pessoas em relação a si mesmas. Em diversos momentos, a fragilidade se faz presente na literatura. Quanto a isso, pode-se fazer uma reflexão como Gibellini afirmava que a insignificância do ser humano foi provada

---

<sup>82</sup> MANZATTO, 1994, p. 9

<sup>83</sup> A citação foi feita tal qual foi escrito originalmente. Porém, quando usa-se o termo “homem” a referência é à humanidade em geral - incluindo mulheres.

<sup>84</sup> MANZATTO, 1994, p. 41

inclusive pela ciência e cosmologia e como isso afetou em como a humanidade vê a si mesma:

Ficou comprovada a *insignificância* do ser humano na imensidão do espaço. No conjunto das miríades de galáxias, é como grão de areia no grande mar. Também em termos de tempo, é porção desprezível. Sua história compreende apenas irrisória fração dos bilhões de anos transcorridos desde a explosão cósmica inicial. Diante da magnitude do universo, a grandeza humana se desfaz. O ser humano é elemento marginal no cosmo.<sup>85</sup>

Entre muitos teóricos que centravam a fé e a teologia no ser humano estava Schleiermacher, que afirmava que a fé acontecia e se sustentava nas experiências. Da mesma maneira, teólogos que usam as considerações da antropologia defendem que a experiência da fé nunca acontece independentemente das pessoas e da cultura; a fé surge em *alguém*, em determinado *lugar*, em determinado *contexto*. Neste sentido, antropologia, teologia e literatura se encontram como lugares e considerações ideais para ver a representação de sentimentos e percepções humanas, inclusive a fé. E, mesmo que a literatura em determinada história retrate apenas o imaginário, este parte das experiências vivenciadas pelo autor. A teologia, unida com a literatura, então, pode permitir uma reflexão sobre Deus a partir das experiências humanas vivenciadas, não apenas a partir de dogmas e instituições - o que vai de encontro com a Teopoética, que será mais aprofundada a seguir.

### 3.2 A TEOPOÉTICA NA LITERATURA

Há alguns séculos, talvez os teólogos não acreditassem, mas é possível fazer um diálogo teológico a partir de obras literárias seculares. Esta leitura que permite verificar elementos divinos e religiosos na poesia e na ficção é possível a partir de diferentes âmbitos, entre eles, a Teopoética, que permite verificar tanto o poder transformador dos próprios textos bíblicos como também verificar a profundidade teológica existente em textos literários, analisando que maneira a literatura pode mostrar o elemento sagrado.

Amos Wilder, também estudioso do século XX, contemporâneo de Tillich, foi o primeiro a considerar o termo Teopoética, em 1976. Ele acreditava que um estudo que embarcasse teologia e poética era necessário, porque o simbólico e pré-racional é relevante na experiência. Segundo ele, também, a humanidade se motiva e se entende melhor com imagens e fábulas do que com ideias e conceitos. Ele acreditava que a teologia deveria ser retratada com criatividade e imaginação, porque a verdade que este estudo traz não é pedante nem explicável

---

<sup>85</sup> BRAKEMEIER, Gottfried. **O Ser humano em Busca de Identidade: Contribuições para uma antropologia teológica**. 3ª ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2002, p. 9-10.

somente por meio de um trato abstrato e rígido, embora muitas pessoas assim o vejam. A experiência, na verdade, deve fazer parte do fazer teológico. Este conceito, iniciado por Wilder, foi posteriormente seguido por vários teólogos, inclusive latinos:

Para outro importante teólogo latino dos EUA, Alejandro Garcia-Rivera, a teopoética traz como contribuição à teologia o fato de ser uma teologia vivente e dinâmica em contraposição a uma teologia de textos e racionalista. O louvor, a celebração, o canto, os rituais não são acessórios na vida cristã, mas a fundação mesma da identidade desta. A liturgia e o rito revelam aquilo em que realmente a fé crê e professa, e visibiliza para o mundo a relação do ser humano com Deus e com o mundo. Como a Igreja louva, celebra e canta deve ser um testemunho profético da verdade que professa. A estética, a beleza, a gratuidade atrai para a Beleza maior e infinita d'aquEle que é o centro da vida.<sup>86</sup>

Karl-Josef Kuschel, um dos maiores estudiosos sobre teopoética na atualidade, acredita que a mais possível relação entre teologia e literatura ocorre por meio da recontextualização de poetas, dramaturgos e mesmo romancistas, pois a literatura, sendo uma forma de arte que representa a angústia humana, suscita questões para nós e Deus. Ele defende, portanto, que a melhor maneira de falar sobre Deus é o silêncio, pois Deus é um mistério e acaba sendo muitas vezes incompreensível, e, de tanto falar, às vezes o ser humano pode esquecer de quem está se referindo.

Outro autor que muito falou da teopoética foi Rubem Alves<sup>87</sup>, que foi um teólogo e educador brasileiro. Alves, porém, começou a falar de teopoética tardiamente, quando começou a se dedicar mais à poesia do que à teologia. Por muitos anos sendo um teólogo no início de sua carreira, Rubem Alves foi desencantando com a área e foi encaminhando sua pesquisa cada vez mais para a Educação. Sua Teologia era diferente do que se poderia considerar eclesial e por isso encontrava muita resistência de outros teólogos mais conservadores, mesmo que ele mesmo fosse contemporâneo de outros teólogos que estudavam a cultura e a arte. Porém, em suas últimas obras, ele falava sobre Deus, e o que explicava era que O via muito mais fora da igreja do que dentro.

Em sua concepção, Deus estava em tudo e não apenas em instituições, por isso ele costumava dizer que, se queria se aproximar ou pensar sobre Deus, ele lia os poetas, e não os teólogos. Sua visão romantizada o permitia ver algo divino nos poetas, pois eles por certo entendiam da beleza da vida, e a representavam por meio de palavras. Considerando isso, a Teopoética é como se fosse uma das formas mais acuradas de fazer teologia, porque a Bíblia diz que o próprio Deus criou o mundo através da palavra, e Rubem Alves menciona a *palavra fundadora*.

<sup>86</sup> BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Teopoética: uma maneira de fazer Teologia? **Interações: Cultura e Comunidade**, vol. 11, núm. 19, jan-jun. 2016, p. 5.

<sup>87</sup> GOLIN, 2017 e REBLIN, Iuri Andréas. Outros Cheiros, Outros Sabores... **O pensamento teológico de Rubem Alves**. São Leopoldo: Oikos, 2014.

Mas há uma palavra que brota do silêncio, a Palavra que é o começo do mundo. (...) É fácil distinguir a Palavra das palavras. (...) Mallarmé desejava escrever um livro de uma só palavra. Pensei que ele fosse louco... Mas agora, observando a aranha, penso que compreendo: ele desejava capturar a primeira Palavra, que é o início de todas as outras. Esta é a essência da poesia: retornar à Palavra fundadora, gerada no abismo do silêncio.<sup>88</sup>

Esta citação pode ser relacionada a logo no início das escrituras sagradas, em Gênesis, demonstra a maneira como Deus foi formando a Terra, e tudo era por meio de seus dizeres:

No princípio criou Deus o céu e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e *havia* trevas sobre a face do abismo. E o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. E disse Deus: Haja luz; e houve luz. E viu Deus a luz, que isto era bom; e Deus separou a luz das trevas. E chamou Deus à luz Dia, e às trevas ele chamou Noite. E houve a tarde e a manhã, o primeiro dia. E disse Deus: Haja um firmamento no meio das águas, e deixe que separe as águas das águas. (Gn 1,1-16)<sup>89</sup>

Ao citar o início da Bíblia e descrever a criação do mundo, a intenção aqui não é dizer que tudo aconteceu literalmente, desta maneira. Há diversas interpretações possíveis, e alguns defendem que esta maneira de descrever a criação não deve ser levada de modo literal. Entretanto, a mensagem mais importante deste primeiro trecho é demonstrar que a palavra tem uma função vital e que, para Deus, esta é poderosa. A linguagem é tão relevante que há linguistas que defendem que o mundo só é compreendido através das palavras, e que o sentido geral de frases é construído por meio do uso delas; como a área de Linguística Cognitiva defende. Esta concepção não é apenas linguística, porém. Na área da Filosofia, Ludwig Wittgenstein defendia uma “linguagem como construtivismo” ou “linguagem como construção da realidade”<sup>90</sup>. O que acontece, na ciência, é que, por vezes, diferentes áreas constataam a mesma verdade, sem saber se outra área de conhecimento já verificou a mesma comprovação científica. Por isso, é comum que termos que significam e comprovam a mesma coisa existam, por exemplo, na Antropologia e na Educação, ou na Teologia e na Linguística.

O que pode ser percebido através destes diferentes termos científicos de diferentes áreas de conhecimento é que há um certo consenso na ciência de que a linguagem é importante na concepção do mundo - o que já tinha sido revelado no Antigo Testamento bíblico. Maria Clara Bingemer, uma pesquisadora da Teologia Sistemática que também pesquisa Teopoética, explica sobre a função da palavra na religião e na vida humana, principalmente considerando que a Bíblia e a Literatura são feitas por meio da palavra e da linguagem, e estas são essenciais para refletir a experiência e os sentimentos humanos. Ela fala sobre as “Religiões do livro”,

<sup>88</sup> ALVES, Rubem. **A Festa de Maria**, 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003, p. 23

<sup>89</sup> **Antigo Testamento: BÍBLIA**, A. T. GÊNESIS. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 6-8.

<sup>90</sup> SÁ, Márcio. Construtivismo Bourdieusiano como Linguagem: uma interpretação pragmática. **Configurações**, Pernambuco, vol. 16, p. 115-128, dez 2015, p. 123

que são o cristianismo, o judaísmo e o islamismo, e que nasceram da palavra. São religiões que acreditam que a concepção do mundo veio por meio da linguagem e que a maior transmissão de suas crenças são por meio de livros que remontam o início da escrita humana; religiões que dependem da linguagem escrita para que as liturgias ocorram. Bingemer, então, explica que a Bíblia é uma fonte de revelação e o início da teologia, além de ser o próprio Livro da Vida<sup>91</sup>.

Há mais um trecho bíblico que vai de encontro à mesma concepção: é o momento em que Jesus é descrito como o verbo. Ele era a palavra. O apóstolo João explica isso logo no início de seu evangelho, como maneira de explicar que Jesus era Deus. Ele explica que Jesus era filho e Deus ao mesmo tempo (Jo 1,1-5). Esta sua descrição pode ser relacionada com a criação descrita, em , no Antigo Testamento:

No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens. E a luz brilha nas trevas, e as trevas não a compreenderam.<sup>92</sup>

Cada Evangelho (Mateus, Marcos, Lucas e João), embora contem o mesmo evento, têm suas próprias características textuais. Como foram escritos anos após a crucificação de Jesus Cristo, há distinções na descrição de cada evento, pois a memória não era a mesma para todos os autores. Enquanto Lucas, que era um médico, descrevia os fatos com mais atenção à descrição das enfermidades das pessoas curadas, o Evangelho de João era muito mais espiritualizado, com o foco na comprovação da divindade de Cristo. Ao falar que Jesus era a Palavra, João enfatizava a relação de Jesus e sua presença na criação do mundo principalmente porque, também no primeiro capítulo de Gênesis, versículo 26, a escrita está no plural quando Deus diz que o homem deveria ser feito à Sua semelhança: “E disse Deus: Façamos um homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e que eles tenham domínio sobre os peixes do mar, e sobre as aves do céu, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre toda a coisa rastejante que rasteja sobre a terra”. (Gn 1,26)<sup>93</sup>. Alguns teóricos acreditam que Deus estava, neste momento, descrevendo sua multiplicidade (*trindade*)- o fato de Ele ser Pai, Filho e Espírito Santo. Sendo assim, o Filho também estava na criação; e ele também era o Verbo.<sup>94</sup>

---

<sup>91</sup> Esta noção é percebida através dos livros de Maria Clara Bingemer sobre Teopoética. É o assunto central do grupo de pesquisa coordenado por Bingemer: “A experiência do divino nas religiões do Livro”, na PUC-Rio.

<sup>92</sup> **Novo Testamento: BÍBLIA, N. T. JOÃO.** In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 1723.

<sup>93</sup> **Antigo Testamento: BÍBLIA, A. T. GÊNESIS.** In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 8.

<sup>94</sup> Aqui, a autora toma a liberdade de fazer uma interpretação cristã dos textos judaicos de Gênesis, principalmente porque o cristianismo é uma religião que veio do judaísmo, crendo que Jesus é o cumprimento da promessa messiânica judaica. A autora está ciente de que, na exegese, diversas teorias defendem que um texto deve ser mantido em sua cultura, respeitando sua origem - principalmente quando nos referimos ao judaísmo, que é uma religião independente do cristianismo. Entretanto, a partir da Teoria da Recepção, área da literatura, há a defesa

Esta constatação tanto bíblica quanto científica da importância da palavra é também estudada na Teopoética. Como explicado anteriormente, Rubem Alves cria que havia algo de divino no poeta, ou, ao menos, algo em comum entre Deus e o poeta. Esta constatação também se faz presente quando é constatado que Deus soprou seu espírito no ser humano durante sua criação: “E o SENHOR Deus formou o homem do pó da terra, e soprou nas suas narinas o sopro da vida; e o homem se tornou uma alma vivente” (Gn 2,7)<sup>95</sup>. Em hebraico, o sopro da vida é escrito como *neshamah*. Esta palavra significa fôlego de vida. Quanto isso, também Schroeder explica:

Todos os animais recebem um espírito vivente, um *nefesh* em hebraico. O animal que se tornaria Adão não foi exceção. Entretanto, na forma física que continha o *nefesh* de Adão, o Criador insuflou um outro espírito, ou alma, o *neshamah*. Foi isso que distinguiu a humanidade dos outros animais. “Deus então modelou o homem [*adam*] com o pó do solo [*adamah*], insuflou em suas narinas um hálito de vida [*nefashamah*] e o homem tornou-se um ser vivente [*nefesh*]” (Gênesis 2:7)<sup>96</sup>

Quando Deus fala que o homem foi feito do pó da terra, diversas relações são feitas, entre elas, a constatação de que o homem volta ao pó quando morre. Isto Jô já havia constatado: “Lembra, eu te suplico, de que fizeste-me como o barro; e me farás voltar ao pó novamente?”<sup>97</sup>. A humanidade é feita de algo além de carne, e por isto tantas religiões falam sobre a alma, e criam teorias sobre o que acontece com ela após a morte. Isto porque a humanidade tem uma essência divina. Quando, porém, dá seu último suspiro, não há mais nada ali que lembre os sentimentos e percepções da pessoa, a não ser seu corpo. A teoria é que Deus, ao soprar o sopro da vida nas narinas do homem ou da mulher, ali concede sua alma<sup>98</sup> ou o espírito de vida. Se há um tempo determinado para a vida humana e se ela está em total controle de Deus, as teorias divergem; não é consenso, e nestas diferentes interpretações, há defesas a partir de *calvinismo* e *arminianismo*, o que não é o foco aqui.

Quanto à criação de vida na Terra a partir de uma visão da cosmologia, pode-se citar Schroeder, que é um físico judeu que buscava aproximar os fenômenos do início do universo com Gênesis. Sobre a ideia de que a vida humana teria surgido a partir do acaso, o seguinte é explicado:

---

de que há a liberdade de interpretação do leitor diante de um texto. Portanto, a autora crê ser legítima a interpretação cristã de textos do Antigo Testamento, incluindo as profecias de Isaías.

<sup>95</sup> BÍBLIA, 2021, p. 9.

<sup>96</sup> SCHROEDER, Gerald L. **O Gênesis e o Big Bang**: A descoberta da harmonia entre a ciência moderna e a Bíblia. São Paulo: Editora Cultrix, 1990, p. 178-179

<sup>97</sup> **Antigo Testamento**: BÍBLIA, A. T. JÓ. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 841

<sup>98</sup> Isto é escrito sabendo que uma das primeiras concepções sobre a noção de alma vem da cultura greco-romana. A ideia aqui é descrever como *alma* algo divino que concede a possibilidade da vida no ser humano.

Para se atingir as condições de probabilidade para *uma* proteína ter se desenvolvido por acaso, seria preciso que  $10^{110}$  tentativas fossem efetuadas *a cada segundo* desde o início do tempo! Para se realizar essas tentativas concomitantes, o material para alimentar as reações consumiria  $10^{90}$  gramas de carbono. Mas a massa total da Terra (todos os elementos juntos) é apenas  $6 \times 10^{27}$  gramas! Na realidade,  $10^{90}$  gramas excede em muitos bilhões de vezes a massa estimada do Universo inteiro! Diante de tais probabilidades, fica claro que o acaso não pode ter sido a força motriz que produziu proteínas semelhantes nas bactérias e nos seres humanos. Mas o fato é que *há* proteínas semelhantes nas bactérias e nos seres humanos.<sup>99</sup>

Após haver uma análise comparativa entre os textos da Bíblia e a noção teológica da palavra, cabe também mencionar sobre a *ruah*<sup>100</sup>, que tem diversas traduções na Bíblia. Esta palavra hebraica foi interpretada por tradutores como *ar, alma, espírito, sopro, fôlego, respiração, expressões do espírito e Espírito Divino*. Rubem Alves, em sua visão romântica da teologia, dizia que quem experimenta a beleza está com comunhão com o sagrado<sup>101</sup>. Poderia-se interpretar a *ruah* como a beleza do sopro de Deus, que cria a criatividade, a arte e a poesia, e a humanidade só consegue ver esta beleza porque foi contemplada com o espírito de Deus. Ao soprar a *ruah* nas narinas de Adão, ele e todos os seres que vieram após ele se tornaram uma mistura de corpo e espírito. Há quem defenda que este é o motivo pelo qual a humanidade tem dificuldade de aceitar e falar sobre a morte: pois essência da humanidade é eterna, e se encontra presa em um corpo finito. Quanto a isso, o teólogo Gottfried Brakemeier escreveu:

Esse saber a respeito da fatalidade da morte lança sombras sobre toda a existência humana. Aparentemente *a vida inclui sua própria negação*. A morte questiona o valor da vida, aniquila o sentido da mesma, dá-lhe o aspecto do absurdo. Ela humilha o ser humano e o desapropria de modo radical. Há ainda outros agravantes. A morte corta as relações sociais, joga as pessoas no mais absoluto abandono, introduz num estado de completo não-relacionamento. Ela provoca perdas dolorosas. Quanto maior o amor, tanto mais pesado o morrer. Também isto é tipicamente humano. Enfim, não deveria ser esquecido que o óbito de uma pessoa inviabiliza em definitivo qualquer possibilidade de reparação ou indenização. Ele conclui a vida, fazendo com que nada lhe possa ser acrescentado ou tirado.<sup>102</sup>

Como explicado anteriormente, o Espírito de Deus concede não apenas o dom da vida, mas também a percepção sobre tudo o que é belo, a capacidade do fazer poético; e isto era central na teologia de Rubem Alves. Ao falar sobre uma conexão do Espírito de Deus com a poesia, cabe explicar como houve a ruptura da visão espiritual e como o ser humano acaba se reconectando a Deus. Menciona-se aqui a noção da queda e da ruptura com a presença de Deus. Alguns teólogos não consideram que houve queda original, e preferem ver a humanidade e o mundo como uma progressão contínua. Outras Teologias não negam a queda e o pecado

<sup>99</sup> SCHROEDER, 1990, p. 137.

<sup>100</sup> רוּחַ no alfabeto hebraico.

<sup>101</sup> ALVES, Rubem. **Rubem Alves Essencial**: 300 pílulas de sabedoria, 1. ed. São Paulo: Planeta, 2015, p. 195.

<sup>102</sup> BRAKEMEIER, Gottfried. **O Ser humano em Busca de Identidade**: Contribuições para uma antropologia teológica. 3ª ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2002. p. 174.

original, mas não querem pôr o foco total nisto.

A partir do momento que os primeiros representantes da humanidade, os primeiros da espécie humana - Adão e Eva - decidiram usar seu livre arbítrio para ter acesso também ao que não era especificamente de Deus, o mal, o diabo, como Lutero chamava, entrou no mundo. A Teologia tem diversas áreas e visões diferenciadas sobre cada tema, visto que a Bíblia permite diversas interpretações e linhas de raciocínio. Inclusive, há linhas teológicas que defendem que o Diabo não seja um ser pessoalizado, mas sim o mal, de modo geral. O que é interpretado, porém, é que o ser humano escolheu não seguir as instruções iniciais de Deus, sendo a árvore do conhecimento literal ou não.

E é a partir desta primeira desobediência e da escolha de conhecer também o mal, que toda a espécie de maldade começou a ser possível no mundo - inclusive a prática de usar a Bíblia para a maldade humana e, principalmente, a morte física e a separação da humanidade de Deus - e, por isso, corpo e alma são distintos. Inclusive é da palavra latina *religare* que surge religião, como forma de dizer que a humanidade está separada de Deus, desde a escolha inicial, e a Ele precisa se reunir. “E o SENHOR Deus ordenou ao homem, dizendo: De toda árvore do jardim tu poderás comer livremente; mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela tu não comerás. Pois no dia em que dela comeres, tu certamente morrerás.” (Gn 2,16-17)<sup>103</sup>.

A morte não era uma ameaça aleatória: com o conhecimento do mal, tudo de ruim seria de conhecimento para o homem e a partir deste momento, a comunhão com Deus não poderia ser mantida de modo total, estando agora, a humanidade dividida entre sua carne e espírito. A partir desta ação, também chamada de queda, a morte se fez presente, assim como tudo o que é distante de Deus. A essência de Deus é a bondade, a beleza e o amor. Em Sua tentativa de se reconectar com a humanidade e passar a ela seu caráter, Deus foi demonstrando quem era aos poucos, primeiramente com os dez mandamentos, que revelavam o que era do desejo de Deus (principalmente, amor e empatia com o próximo) e o que era abominável para Ele (morte, ódio, roubo), e, depois, com Jesus, que resumiu todos os mandamentos em amor (Mt 22,34-40) - demonstrando que esta a característica principal de Deus e seus mandamentos:

Mas os fariseus<sup>104</sup>, quando ouviram que ele fizera emudecer os saduceus, eles se reuniram. Então um deles, que era mestre da lei, perguntou-lhe, provando-o, dizendo: Mestre, qual é o grande mandamento na lei? Respondeu-lhe Jesus: Tu amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de toda a tua mente.

<sup>103</sup> **Antigo Testamento: BÍBLIA, A. T. GÊNESIS.** In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 11.

<sup>104</sup> Fariseus ou saduceus, sendo grupos judaicos, não devem ser assimilados a nenhuma característica negativa. A intenção é dizer *quem e qual grupo religioso* era a pessoa que estava confrontando Jesus. Com o tempo, os judeus foram mal vistos na sociedade, e *fariseu* começou a ser usado como um adjetivo pejorativo. Isto é apenas antissemitismo e não deve ocorrer. Como eles tinham suas próprias culturas e crenças, era normal que questionassem quem ia contra o que eles criam.



Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo é semelhante a este: Tu amarás o teu próximo como a ti mesmo. Desses dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas.<sup>105</sup>

Este resumo de Jesus é realmente definidor dos dez mandamentos, porque, ao amar alguém, uma pessoa não irá querer fazer mal a ela - nem matá-la, nem roubá-la; também nenhum ser humano gostaria de fazer mal a si mesmo. Amando o outro como a si mesmo, a humanidade cria empatia, necessária para a convivência mundial. Essa é a tentativa de Deus reconectar as pessoas com Ele; esta é a religião em seu sentido inicial. Se estes mandamentos fossem inteiramente seguidos e se a empatia e o amor fossem parte do caráter humano, diversos problemas mundiais não teriam ocorrido, porque, pensando no próximo como a si, nenhum mal seria feito - como guerras, assassinatos, roubos etc.

A queda afastou a humanidade de Deus, mas, embora o ser humano tenha contato com o mal diariamente, este também tem contato com a beleza de Deus por diversos momentos - principalmente nos momentos de contemplação poética. A Teologia, dependendo da área estudada, diz que a *parusia*, também chamada como a segunda vinda de Cristo, pode ser uma falácia, e alguns interpretam não como se algum evento fosse ocorrer no futuro para redimir as pessoas, porque o ser humano deve buscar a felicidade e a progressão na própria terra; neste mundo, e não no mundo vindouro - pois este pode não existir, e o discurso da possível redenção pode apenas corroborar discursos que aceitam o sofrimento humano e a depredação natural de maneiras diversas.

Porém, é possível, sim, acreditar na *parusia*, mas isto não endossa quaisquer atos de sofrimento a outros seres humanos na terra; estas são más interpretações e mau uso da Bíblia - o que só pode acontecer devido à essência humana voltada ao mal. Nisto, deve-se defender a interpretação que permite o uso do amor de Deus para melhorar a vida das pessoas à margem da sociedade, porque isto está de acordo com o próprio cristianismo. Há menções sobre isso no Antigo Testamento, quando Deus fazia questão de que vítimas dos problemas da sociedade (estrangeiros, viúvas, pobres etc) fossem acolhidos pelos hebreus: “Não afligirás um estrangeiro, nem o oprimirás, pois fostes estrangeiros na terra do Egito. Não afligireis nenhuma viúva, nem o órfão. Se os afligidos de alguma maneira, e eles clamarem a mim, eu certamente ouvirei o seu clamor” (Êx 22,21-23).<sup>106</sup> Mais à frente, em Êxodo 22:26-27, também há o seguinte trecho:

---

<sup>105</sup> **Novo Testamento: BÍBLIA, N. T. MATEUS.** In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 1587.

<sup>106</sup> **Antigo Testamento: BÍBLIA, A. T. ÊXODO.** In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 138.

Se emprestares dinheiro a qualquer de meu povo, que é pobre junto a ti, não serás para ele agiota nem lhe imporás usura. Se tomares a veste de teu próximo por penhor, tu lho restituirá antes do pôr do sol, porque esta é sua única cobertura, é a veste da sua pele, em que dormirá? E acontecerá que, quando ele clamar a mim, eu o ouvirei, pois sou benevolente.<sup>107</sup>

Há muitos versículos mencionando isto também no Novo Testamento, porque também Jesus dizia que as pessoas deveriam dar alimentos aos pobres, cuidar de quem sofre e exercer a empatia, como no seguinte trecho de Mateus 25:31-40:

Quando o Filho do homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, então ele se assentará no trono da sua glória. E diante dele serão reunidas todas as nações; e ele separará umas das outras, como o pastor separa suas ovelhas dos bodes. E ele colocará as ovelhas à sua mão direita, mas os bodes à esquerda. Então o Rei dirá aos que estiverem à sua mão direita: Vinde, benditos do meu Pai, herdai o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Porque eu tive fome, e deste-me de comer; eu tive sede, e destes-me de beber; eu era um estrangeiro, e me acolhestes; despido, e me vestistes; eu estava enfermo e me visitastes; eu estive preso, e fostes até mim. Então os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, e te alimentamos? Ou com sede, e te demos de beber? E quando nós te vimos estrangeiro, e te acolhemos? Ou despido, e te vestimos? E quando te vimos enfermo ou na prisão, e fomos visitar-te? E, respondendo o Rei, lhes dirá: Na verdade eu vos digo que quando o fizestes ao menor destes meus irmãos, a mim o fizestes.<sup>108</sup>

Jesus também ensinava que, ao fazer o bem, não deveria ser esperado recompensas nem nada em troca, ensinando o amor genuíno e sem interesses, como Lucas retratou em seu Evangelho (Lc 14,12-14):

E ele disse também ao que o havia convidado: Quando deres um jantar ou uma ceia, não chames os teus amigos, nem os teus irmãos, nem os teus parentes, nem os teus vizinhos ricos, para que não aconteça que eles também te tornem a convidar, e te seja recompensando. Mas, quando tu deres um banquete, chama os pobres, aleijados, mancos e cegos; e tu serás abençoado; porque eles não podem te recompensar; pois tu serás recompensado na ressurreição dos justos.<sup>109</sup>

Embora deva-se praticar o amor ajudando a quem necessita, há de se perceber que uma noção de *salvação* terrena e progressiva não é possível sem uma intervenção divina. A queda permitiu trouxe diversos males, inclusive a sede pelo poder e o uso errado da própria palavra de Deus, além da morte, distanciamento de Deus e até mesmo a destruição da terra como um lugar habitável. A melhoria deve sempre ser buscada e a justiça social deve ser feita, entretanto, não se pode negar totalmente a necessidade de uma intervenção divina na Terra ou um Reino vindouro. Isto porque a vida na Terra não tem muito futuro e o ser humano criou sua própria destruição com a sede pelo poder. Esta não é uma afirmação religiosa somente, mas também

<sup>107</sup> BÍBLIA, 2021, p. 138

<sup>108</sup> **Novo Testamento:** BÍBLIA, N. T. MATEUS. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p 1593

<sup>109</sup> **Novo Testamento:** BÍBLIA, N. T. LUCAS. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 1692.

científica.

Em alguns anos, a Terra se tornará inabitável e só será possível minimizar os impactos. O físico Stephen Hawking publicou em 2018, pouco antes de sua morte, suas previsões para o futuro na Terra:

A Terra sofre ameaças em tantas frentes que é difícil permanecer otimista. Os perigos são grandes e numerosos demais. Primeiro, o planeta está ficando pequeno para nós. Nossos recursos físicos estão se esgotando a uma velocidade alarmante. A mudança climática foi uma trágica dádiva humana ao planeta. Temperaturas cada vez mais elevadas, redução da calota polar, desmatamento, superpopulação, doenças, guerras, fome, escassez de água e extermínio de espécies; todos esses problemas poderiam ser resolvidos, mas até hoje não foram. O aquecimento global está sendo causado por todos nós. Queremos andar de carro, viajar e desfrutar um padrão de vida melhor. Mas quando as pessoas se derem conta do que está acontecendo, pode ser tarde demais. Estamos no limiar de uma Segunda Era Nuclear e de um período de mudança climática sem precedentes; os cientistas têm a responsabilidade, mais uma vez, de informar o público e aconselhar os líderes sobre os perigos enfrentados pela humanidade. Enquanto cientistas, compreendemos os perigos das armas nucleares e seus efeitos devastadores, e estamos aprendendo como as atividades e tecnologias humanas afetam os sistemas climáticos de maneiras que podem transformar para sempre a vida na Terra. Enquanto cidadãos do mundo, temos o dever de partilhar esse conhecimento e alertar o público sobre os riscos desnecessários com os quais convivemos atualmente. Um grande perigo nos espreita se governos e sociedades não tomarem uma atitude imediata para tornar as armas nucleares obsoletas e impedir a continuidade da mudança climática.<sup>110</sup>

Quando este livro foi publicado, em 2018, este ainda não era um assunto tão divulgado. No momento em que esta pesquisa está sendo escrita, 2023, este já é um assunto mais divulgado, estando presente também em vídeos curtos da *internet*, como os *reels* da rede social *Instagram* - especialmente um perfil chamado @criancaenatureza, que tem como iniciativa a defesa do meio ambiente visando a uma vida melhor para as crianças. Entre os *posts* desta rede social, destacam-se vídeos que mostram a reação de líderes mundiais ouvindo e vendo pela primeira vez sobre a crise climática; e um vídeo educativo que fala a situação global atual - que a nomenclatura mais aproximada da realidade é “ebulição global”, e não “aquecimento global”, divulgando que julho de 2023 foi o mês mais quente da história da humanidade, e a tendência é continuar aumentando o calor na terra. Recentemente, também, o bilionário Elon Musk, um dos homens mais ricos do mundo, anunciou sua ideia de possibilitar a vida humana em Marte, pois sabe que é a pessoa com mais recursos para fazer alguma diferença na situação atual.

Coincidência ou não, a Bíblia menciona diversos acontecimentos a partir da revelação do apóstolo João. Ao escrever Apocalipse, o apóstolo explica sobre as revelações que teve sobre o futuro mundial. Entretanto, nem tudo o que está escrito pode ser interpretado literalmente, mas o calor excessivo atual também havia sido descrito neste livro, verificado em uma visão por João: “E o quarto anjo derramou a sua taça sobre o sol, e foi-lhe dado poder para

---

<sup>110</sup> HAWKING, Stephen. **Breves Respostas para Grandes Questões**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018, p. 176.

queimar os homens com fogo. E os homens foram queimados com grande calor, e blasfemaram o nome de Deus, que tem poder sobre estas pragas; e eles não se arrependeram para lhe darem glória”. (Ap 16,8-9)<sup>111</sup>. Também no Evangelho de Mateus há menções a acontecimentos atuais - e quando se menciona atuais, leia-se algo que vem acontecendo há alguns séculos, como as guerras (Mt 24,4-8):

E Jesus, respondendo, disse-lhes: Fiquem atentos para que nenhum homem vos engane. Porque muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo; e enganarão a muitos. E ouvireis de guerras e de rumores de guerras; olhai, para que não vos perturbeis; pois todas essas coisas devem acontecer, mas ainda não é o fim. Pois se levantará nação contra nação, e reino contra reino; e haverá fomes, e pestes, e terremotos em vários lugares. Todos estes são o princípio das dores.<sup>112</sup>

São inúmeras as interpretações de cristãos dizendo que a humanidade encontra-se diante do cumprimento de profecias bíblicas<sup>113</sup>. Como, então, poderia ser afirmado que o futuro aqui e que a ideia final é melhorar progressivamente a vida na Terra até que se chegue à perfeição humana terrena? Respeitadas as diferentes interpretações, ainda assim surge a pergunta sobre como haveria de ter progresso um mundo que está à beira do caos ambiental. Como poderia ser esta a mensagem da Bíblia? Note-se, entretanto, que esta percepção não legitima o descaso com as minorias e muito menos uma resignação. Enquanto a humanidade estiver na Terra, deve lutar pela justiça, pelo amor e pela manutenção ambiental. Quanto a isso, há inclusive também uma área da Teologia, chamada de Ecoteologia. Porém, se há o objetivo de pensar na salvação da humanidade à luz da Bíblia, a reflexão leva à uma compreensão de vida e justiça também além do ambiente vivido na Terra - crendo também, na espiritualidade e redenção.

A ideia deste trabalho não é defender apenas uma teoria teológica e dizer qual está correta ou não; estão sendo feitas relações entre a atualidade e alguns versículos bíblicos. Tendo feito esta reflexão, sobre o mundo não ter apresentado melhora desde seu desenvolvimento e desde o surgimento da humanidade, e tendo a tecnologia não obtendo êxito em salvar o ambiente, não é esperado que se tenha tanta esperança em uma salvação progressiva no ambiente atual na Terra, a menos que uma intervenção divina ocorra. Isto tudo se relaciona à Teopoética principalmente porque esta fala sobre a capacidade de ver a beleza no mundo - que

<sup>111</sup> **Novo Testamento: BÍBLIA, N. T. APOCALIPSE.** In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 2134.

<sup>112</sup> **Novo Testamento: BÍBLIA, N. T. MATEUS.** In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 1589.

<sup>113</sup> Não apenas teólogos afirmam isso, como também a população em geral. O cristianismo já está tão enraizado na sociedade de alguns países (inclusive no Brasil), que a primeira associação feita a eventos catastróficos é à volta de Jesus Cristo. Frequentemente, o *twitter* apresenta como *trending topics*, os assuntos mais comentados do dia, “Jesus Cristo”. Neste ano, “Jesus Cristo” virou *trending topics* nos seguintes momentos: enchentes, notícia sobre o aumento do calor e a guerra recente em Israel.

um poeta tem. A Teopoética defende que as propriedades divinas, a *ruah*, proporciona ao ser humano o vislumbre da beleza da visão de Deus, e estando Deus em todos, um pouco de seu Reino pode ser visto em criações artísticas humanas, expressões do divino. Quanto a isso, leia-se o seguinte trecho também de Gerald L. Schroeder, sobre a formação humana a partir de uma visão judaica:

Com base no significado literal de Gênesis 2:7 e 2:19, o homem, os animais terrestres e as aves foram *formados* - e formados da mesma substância: argila ou terra. Há entre os dois versículos uma importante diferença no modo como o verbo *formar* é escrito. Embora nos dois versículos o tempo e a pessoa do verbo sejam idênticos, e a própria estrutura dos versículos seja idêntica, quando é descrita a formação da humanidade, uma letra hebraica gramaticalmente supérflua, *yôd*, é acrescentada ao verbo. *Yôd* é a primeira letra do nome hebraico de Deus, e é também usada como uma abreviação do nome de Deus. O acréscimo desse *yôd* extra está dizendo que na formação da humanidade Deus tocou o ser humano de uma maneira única e singular.<sup>114</sup>

O mundo está cercado da *ruah*, o espírito de Deus. Estando o mundo cercado por *ar*, e sendo todos - plantas, animais, seres humanos, todos presenteados com o mesmo ar e tendo uma mesma origem, há uma certa unidade com o próprio ambiente terreno, por isso é dever humano cuidar deles. Quando Jesus fez uma oração logo antes de ser crucificado, ele menciona que os cristãos não são do mundo, mas também menciona uma unidade na qual todos pertencem. É possível uma interpretação que relacione também a própria dualidade do corpo e espírito presentes desde Gênesis, quando a humanidade escolheu tanto o divino quanto o terreno. Um pouco antes da crucificação de Jesus, ele faz uma oração e fala uma unidade, como pode ser lido em João 17:11-23:

E agora eu não estou mais no mundo; mas eles estão no mundo, e eu vou para ti. Pai santo, guarda em teu próprio nome aqueles que tu me deste, para que eles sejam um, assim como nós somos. Enquanto eu estava com eles no mundo, eu guardava-os em teu nome. Tenho guardado aqueles que tu me deste, e nenhum deles se perdeu, senão o filho da perdição, para que a escritura pudesse se cumprir. E agora eu vou para ti, e estas coisas eu falo no mundo, para que eles tenham a minha alegria consumada em si mesmos. Eu dei-lhes a tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, assim como eu não sou do mundo. Eu não oro para que tu os tires do mundo, mas que tu os guardes do mal. Eles não são do mundo, assim como eu não sou do mundo. Santifica-os pela tua verdade; tua palavra é a verdade. Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo. E por causa deles eu santifico a mim mesmo, para que também eles sejam santificados pela verdade. E oro não somente por estes, mas também por aqueles que, pela sua palavra, hão de crer em mim; para que todos sejam um, como tu, ó Pai, estás em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste. E dei-lhes a glória que tu me deste, para que sejam um, como nós somos um; eu neles, e tu em mim, para

---

<sup>114</sup> SCHROEDER, 1990, p. 180.

que eles possam ser perfeitos em **unidade**<sup>115</sup>; e para que o mundo conheça que tu me enviaste, e que os amaste, assim como me amaste<sup>116</sup>.

Poderia-se interpretar que a humanidade é uma unidade. Esta também pode ser a unidade de quem crê em Jesus como o Messias. Pode se referir também à criação em comum, convivendo todos com a *ruah*, o espírito divino. E quando Jesus menciona que a humanidade não é do mundo assim como ele também não é, há a referência à origem humana e a intenção de Deus, de que a humanidade não escolhesse se separar dele. Portanto, a vida eterna com Deus, a essência de vida do ser humano, não é terrena, embora esteja na terra durante a vida de cada pessoa. Há, então, um pouco de natureza em cada pessoa. Essa questão de que há, no mundo inteiro, uma essência divina, novamente leva à teopoética de Rubem Alves.

Rubem Alves dizia que “toda poesia é um ato de feitiçaria cujo objetivo é tornar presente e real aquilo que está ausente e não tem realidade”<sup>117</sup>. A humanidade denominava *magia* o que era feito por meios desconhecidos por eles. Alves considerava a poesia pura magia, porque traz o que está ausente (sentimentos, cheiros, memória) em instantes, sem que estes mesmos atributos estivessem presentes antes da leitura de uma obra artística.

Falando também sobre a magia<sup>118</sup>, o teólogo e educador falava que, como mágica, às vezes um universo continha em um poema: “Na literatura, frequentemente o curto é muito maior que o comprido. Há poemas que contêm um universo”<sup>119</sup>. Para Rubem Alves também era motivo de, no mínimo curiosidade, - para não dizer espanto - quem afirmava com todas as letras saber tudo sobre Deus. Ele afirma que isso é como uma idolatria - acreditar ser possível prender Deus a certas definições e palavras.

Para Alves, Deus deu asas para que a humanidade pudesse voar, e a religião deu gaiolas. Considerando esta visão, é possível afirmar que as interpretações teológicas são livres, e a teopoética não limita o leitor e também não defende apenas uma opção correta de leitura sagrada. Por este motivo, este trabalho também contém interpretações, tanto entre a Bíblia quanto com noções divinas da teopoética, sem, entretanto, afirmar como totalmente verdadeiras; defendendo, antes, todas as próprias interpretações como *possíveis*. Afirmar uma veracidade sem deixar a liberdade de interpretação do leitor usando a teopoética seria, no

---

<sup>115</sup> Grifo da autora

<sup>116</sup> **Novo Testamento: BÍBLIA, A. T. JOÃO.** In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 1762.

<sup>117</sup> ALVES, 2015, p. 227.

<sup>118</sup> Magia é tudo aquilo que ultrapassa o conhecimento humano considerado natural. Magia vem do grego μάγος (*magos*), que eram sacerdotes de diferentes religiões. Magia, no contexto desta pesquisa, refere-se ao que ultrapassa o cotidiano humano físico e terreno, que envolve saberes desconhecidos e considerados místicos e/ou divinos.

<sup>119</sup> ALVES, 2015, p. 118.

mínimo, incoerente a partir de uma visão teológica e literária.

A visão de Rubem Alves sobre a palavra ser magia faz sentido quando pensa-se que os magos faziam suas magias a partir de recitações de palavras e frases. A magia sempre foi associada, portanto, à linguagem. Por isso, para Alves, os poetas, mágicos e feiticeiros tinham mais em comum do que imaginavam<sup>120</sup>. Relacionando Rubem Alves com sua teopoética à passagem de João já citada anteriormente, pode-se mencionar que o educador criou sua própria versão dos primeiros capítulos de João, sobre a criação do mundo e sobre a essência divina de Jesus:

Cristologia: um poema que se recita diante do Vazio. E eu imagino que um novo prólogo para o evangelho de João poderia ser escrito (...) Antes que todas as coisas existissem havia o silêncio. E então, repentinamente, ex nihilo uma Palavra foi ouvida, e o mundo começou... No vazio, versos, universos, “(...) e eles falaram – Como poetas, como mágicos, como amantes, como teólogos, porque teologia é a Palavra falada diante do vazio, como uma invocação do Ausente... moramos no esquecimento.<sup>121</sup>

Outro ponto para compreender a visão teológica e linguística de Rubem Alves é a importância da obscuridade. Quando há um mistério, há beleza. Não se sabe tudo sobre a vida, e por isso cria-se ciência, e por isso há a fé. Semelhantemente, quando uma história literária é lida, o fato de não saber de fato o que vai acontecer é o que motiva continuar a leitura. Quando, também, a teoria literária da recepção defende que a literatura tem vazios que devem ser preenchidos pelo leitor, está, na verdade, demonstrando a importância da beleza do mistério na arte. Os poemas também, de modo geral, podem trazer diversas brechas, por assim dizer, que permitem diferentes interpretações.

No livro *Lição de Feitiçaria: Meditações sobre a poesia*, Rubem Alves explica, à sua maneira, a Reforma Luterana. Ele diz, neste livro, que esta Reforma aconteceu quando a magia da poesia foi redescoberta e quando houve a democratização desta. Ele lamentava, porém, que após a Reforma, percebeu-se que o vento poderia ser perigoso, e as instituições religiosas novamente puseram um fim à liberdade interpretativa por meio de dogmas, doutrinas e confissões.

Outros teóricos, como Wolfgang Iser<sup>122</sup>, afirmavam que a linguagem poética permite construir diferentes mundos, idealizar momentos, lugares e acontecimentos ideais. Sem a esperança e a possibilidade de invenção de outros mundos, o mundo perderia o sentido, ou, senão, a felicidade, a beleza, o brilho. O poder da palavra, da ficção e da poética é permitir que

---

<sup>120</sup> ALVES, Rubem. *Variações sobre a Vida e a Morte ou o Feitiço Erótico-herético da Teologia*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 55.

<sup>121</sup> ALVES, Rubem. *A Festa de Maria*, 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003. p. 54-55

<sup>122</sup> ISER, Wolfgang. *O Ato da Leitura: uma teoria do efeito estético*, vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1996. p.

as pessoas - tanto as que escrevem quanto as que leem - estejam no mundo e, também, fora dele.

As considerações a respeito da teopoética também incluem a própria instituição religiosa. Em suas obras, Alves comenta sobre a eucaristia - também chamado de momento da ceia. Neste momento, durante o culto, há, a partir do poder da palavra, a transformação do pão em corpo de Cristo e o suco de uva torna-se o sangue dado em favor das pessoas.

Outra consideração de extrema importância é a função da teopoética como beleza. Para Alves, a beleza estava na poesia e na teologia, porque a transcendência e o belo se encontram. Sendo assim, há como palavras-chave termos como *Deus*, *Beleza* e *Mistério* na teologia de Rubem Alves; termos essenciais para a compreensão do Eterno e sua expressão literária. O teólogo teopoético também falava sobre o momento bíblico em que Deus não mostrava a Sua face a Moisés, pois ele não conseguiria suportar tanta glória. Fazendo um paralelo com isto, Rubem Alves afirma que Deus tem uma face visível, e que esta é a beleza<sup>123</sup>. Sendo assim, quando um teólogo fala de Deus, fala também da beleza. E tudo quanto é belo neste mundo também pode ser entendido como Divino.

Com a exclusão da beleza no fazer teológico, a teologia ficou reduzida a: 1) uma discussão ética moral individualizada e 2) uma discussão política. Onde estaria a Beleza nessa discussão? Seria a estética desnecessária? Na tentativa de responder a essa importante questão, Rubem Alves utiliza as palavras do existencialista russo Nikolas Berdjajev: “no Paraíso não existe nem ética nem política; somente estética” (*apud* ALVES, 2014, p. 110, grifos do autor). Berdjajev é citado por Rubem Alves em outros momentos. Um deles é acerca do Reino de Deus: “O Reino de Deus só pode ser pensado como um reino de beleza. A transfiguração do mundo é um fenômeno de beleza. E toda a beleza no mundo é ou uma lembrança do paraíso ou uma profecia de um mundo transfigurado” (Berdjajev, 1965, p. 319, *apud* ALVES, 2003, p. 172).<sup>124</sup>

A teologia de Rubem Alves também é chamada de Teologia do Cotidiano, pois ele defende a visão da beleza no dia-a-dia. Uma citação que resume bastante esta noção é a que foi escrita publicada no livro *300 Pílulas de Sabedoria*, onde Alves escreve que algumas pessoas fecham os olhos para orar e ver a Deus. Ele, pelo contrário, via Deus até mesmo na feira, onde tinha uma cebola e ele então constatava que aquele alimento era um milagre de Deus. Sim, a cebola é um milagre, assim como a humanidade o é porque, como mencionado anteriormente, a chance de haver seres humanos conscientes na Terra era ínfima e mesmo assim ocorreu. A humanidade é um milagre e tudo o que ela construiu através de sua cultura também é - e deve-se começar a enxergar a beleza neste nosso cotidiano. Segundo Alves<sup>125</sup>, tudo o que vive é a

<sup>123</sup> ALVES, 2015, p. 30.

<sup>124</sup> GOLIN, Luana Martins. A Teopoética em Rubem Alves. *Estudos de Religião*, v. 31, n. 2, p. 240-259. maio-ago 2017, p. 255.

<sup>125</sup> ALVES, 2015, p. 222.



pulsção do Sagrado, e cada som da natureza é, então, a música do Divino.<sup>126</sup>

### 3.3 ESTÉTICA DA RECEPÇÃO: INTERPRETANDO OBRAS LITERÁRIAS

Foi explicado aqui sobre a beleza poética e a presença divina na cultura, mas pode surgir a pergunta se há mesmo uma teoria literária que permita esta interpretação, e a resposta está nesta seção. A dúvida sobre até onde ia a compreensão e análise do leitor foi um problema amplamente discutido na academia. As análises literárias, até o século XX, mais especificamente até a década de 1970, concentravam-se apenas na mensagem a ser transmitida pelas obras, e pouco consideravam o que o leitor tinha a dizer. Foram Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss, da escola de Konstanz, os precursores da Estética da Recepção, teoria da literatura que permitia que a interpretação e a visão do leitor de uma obra fossem reconhecidos e de fato considerados. Durante uma leitura, o receptor ou receptora de uma obra literária não lê sem fazer relações entre o que é lido e o que já foi vivido ou visto por ele ou ela.

Toda a bagagem de vida que o leitor carrega consigo é considerada o seu horizonte de expectativas. Alguns exemplos do que pode fazer parte do horizonte de expectativas de um leitor são: os outros textos já lidos, os jogos já jogados anteriormente, os códigos sociais e morais, as suas experiências de vida, e mais todo tipo de conhecimento prévio. É o horizonte de expectativas que define a capacidade de interpretação dos leitores. Essa capacidade pode variar entre os tipos de leitores.<sup>127</sup>

Para um leitor ou leitora apreciar uma obra, é necessário que ele ou ela compreenda a obra e encontre prazer e admiração estética por esta, além de criar uma identificação com a história. Ao argumentar sobre esta experiência estética, Jauss teve como fundamento o hermeneuta Hans Georg-Gadamer.

Há alguns pontos principais na Estética da Recepção, e cabe explicar cada um deles. Primeiramente, é necessário, obviamente, que se considere *o leitor e sua experiência estética*. A experiência estética do leitor está diretamente ligada ao psicológico dele ou dela; portanto é necessário compreender se quem lê a obra está transpondo a experiência leitora para sua própria vivência.

[...] no processo da leitura interagem incessantemente expectativas modificadas e lembranças novamente transformadas. Todavia, o texto não formula as modificações da expectativa, nem a capacidade relacional do que foi lembrado; assim, o produto

<sup>126</sup> ALVES, 2015, p. 234.

<sup>127</sup> FLORES, Fabrício Mateus. **A Estética da Recepção em um jogo como obra de arte: A análise de *The Witcher 3: Wild Hunt***. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras: Português) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS): São Leopoldo, 2019, p. 12 *apud* ZILBERMANN, 1989, p. 63

que resulta dessa ligação [...] propicia uma primeira ideia da maneira como o texto se traduz, pela atividade sintética da leitura, num correlato de consciência.<sup>128</sup>

O leitor, ao se deparar com uma história, por vezes, se depara com uma iluminação e percebe sua própria vida e seus próprios anseios no que é lido. Algumas analogias podem ser feitas também em relação à autoria e, conseqüentemente, à leitura de uma obra. O autor de uma obra se revela nela, assim como o leitor se revela durante a leitura da mesma.

Gadamer, sendo quem inspirou os Jauss e Iser na Estética da Recepção, de fato tinha considerações importantes a fazer sobre os leitores de uma obra. Ele se referia às obras de arte como aparelhos que ajudam a refletir sobre a vida. Somente a partir da leitura as pessoas podem ter a possibilidade de ampliar suas visões de mundo e passar conhecimentos, reflexões e filosofias adiante. E, durante a leitura, há como se fosse uma conexão de almas entre o pensamento de quem escreveu uma obra e quem a lê, sendo, então, possível uma comunicação atemporal. Jauss defendia, além disso, que, durante a leitura há três estágios percorridos:

Na primeira leitura, o leitor percebe uma tensão provocada pela estrutura da obra, o que tornará palpável “a expectativa de consciência lírica essencial para a percepção estética”. Numa segunda leitura, ocorreria o desenvolvimento de uma interpretação. Essa interpretação se daria a partir do horizonte retrospectivo da compreensão da obra de arte. Finalmente, a terceira e última leitura traria a interpretação histórica. Iser diz ocorrer nessa leitura a formação do objeto estético. Esse objeto seria algo que não está formulado no texto. Iser propõe em *O Ato da Leitura* que a antiga questão – formulada por todos nós em um ou outro momento de angústia ante uma obra de arte – acerca do significado, por exemplo, de um poema, romance ou drama, deveria ser substituída pela pergunta mais apropriada: o que acontece ao leitor?<sup>129</sup>

Iser, por sua vez, defendia que uma obra literária contém vazios, que são momentos em que o autor ou o texto deixam espaços para que o leitor crie sua própria interpretação do que pode ou não ocorrer. Por vezes, o autor cria esses vazios esperando que o leitor crie uma interpretação específica; às vezes estes não são intencionais. A questão é que é neste momento que o leitor age e cria seus próprios significados e interpretações.

O que não foi dito é constitutivo para o que o texto diz; e o não-dito, ao ser formulado pelo leitor, suscita uma reação às posições manifestas do texto, posições que normalmente apresentam realidades fingidas. Quando a *formulação* do não-dito se torna reação do leitor ao mundo apresentado, isso significa que a ficção transcende sempre o mundo a que se refere.<sup>130</sup>

Portanto, um texto só tem um significado quando há um leitor que o atribua. Então, mesmo o que não é escrito contém significado na Estética da Recepção. Entretanto, toda a obra literária

<sup>128</sup> ISER, Wolfgang. *O Ato da Leitura*: uma teoria do efeito estético, vol. 2. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 17

<sup>129</sup> UNES, Wolney. A estética da recepção - Hans-Robert Jauss e Wolfgang Iser. *Estudos* (Universidade Católica de Goiás), Goiânia, v. 30, n. 4, p. 753-766, 2003, p. 760.

<sup>130</sup> ISER, 1999, vol. 2, p. 125.

tem um horizonte, portanto há um limite de interpretações que o leitor pode ter, considerando todo o contexto ficcional da obra. Os esteticistas da recepção, afinal, defendem a importância da leitura na sociedade principalmente porque ela tem poder para mudar percepções de vida; um leitor nunca será o mesmo após terminar de ler uma obra. A própria percepção de mundo muda após uma leitura; uma nova memória é criada e novas relações e contextos são criados na imaginação de quem lê.

Quando se afirma que a obra é maior do que autor, pode-se falar tanto do fato de que o autor revela mais de si do que pode perceber quanto pode-se referir ao poder do texto ultrapassar totalmente o autor a ponto de o autor poder ser totalmente desconsiderado e a história do livro fazer história por si só, de acordo com diferentes vivências de diferentes leitores. Quanto a isso, pode-se considerar o próprio Hemingway.

A partir do momento que Ernest publicou *O Velho e o Mar*, ele já não tinha mais total controle das interpretações. O leitor, ao ler uma história metaforicamente torna-se o dono dela, porque ele é livre, segundo a Estética da Recepção, para criar a sua própria interpretação. Embora, como mencionado aqui, é possível saber muito do autor pela obra - principalmente no caso de Hemingway, que descreve suas obras como também biográficas - também é verdade que o leitor também é um criador da obra, a partir de suas vivências. Isso explica em muito porque as reações das pessoas pareciam muito além do que o próprio Ernest esperava.

Se Ernest viu essa crítica da sua novela não deu mostras disso. Mas, nas cartas desse período, discorrer repetidamente sobre “que estranha estória deve ser essa”, capaz de afetar profundamente tantas pessoas, inclusive ele próprio. A sua tradutora italiana escreveu dizendo que chorara uma tarde inteira, enquanto lia o livro. Esta e outras reações semelhantes, de outros leitores, corrobora a sua convicção de que conseguira obter um efeito “superior ao que eu pensava”. A estética subjacente era exteriormente simples e interiormente complexa. “A emoção foi feita com ação”, disse ele, orgulhosamente. Rejeitou a idéia [*sic*] de que tivera a intenção de retratar a malignidade da natureza. É verdade, evidentemente, que o oceano pode nos ludibriar com sua aparência tão pura e atraente; mas o homem que se deixasse cair na cilada era um idiota. Também negou que tivesse empregado “aquilo a que costumam chamar Naturalismo”. Um tratamento naturalista poderia facilmente chegar às mil páginas, repletas de história e sociologia da aldeia de Santiago e toda a sua população, as suas corridas de botes, as atividades dos contrabandistas, as revoluções e todos os aspectos cotidianos da vida rural. A sua tarefa, pelo contrário, tinha sido transmitir a experiência de Santiago tão exata e diretamente que se tornasse uma parte da experiência do leitor, carregada de todas as implicações que o leitor pudesse inculcar-lhe - dentro ou fora da moldura que o livro proporcionava.<sup>131</sup>

Ele se perguntava que obra era essa, que fazia as pessoas chorarem ao ler, e causava tanta comoção a tantas pessoas diferentes ao mesmo tempo. A verdade é que ao criar uma história que permite tantas interpretações e simbolismos diferentes, as interpretações vão se adaptando ao que o leitor vivenciou em sua vida, e cada um interpreta o ato de pescar com tanta

---

<sup>131</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 573.

dificuldade, aos seus próprios problemas e desafios. A Estética da Recepção defende que a obra de arte se emancipa do autor, podendo ser recebida de maneira diferente por cada apreciador:

O texto literário se origina da reação de um autor ao mundo e ganha o caráter de acontecimento à medida que traz uma perspectiva para o mundo presente que não está nele contida. Mesmo quando um texto literário não faz senão copiar o mundo presente, sua repetição no texto já o altera, pois repetir a realidade a partir de um ponto de vista já é excedê-la. Em princípio, a reação do autor ao mundo, que se manifesta no texto, rompe as imagens dominantes no mundo real, os sistemas sociais e de sentido, as interpretações e as estruturas. Por isso, cada texto literário comporta-se seletivamente quanto ao mundo dado, no interior do qual ele surge e que forma sua realidade de referência.<sup>132</sup>

Cada leitor interpreta a obra de acordo com seu horizonte de expectativas, que pode ser tanto outras leituras quanto sua própria vivência<sup>133</sup>. O próprio Hemingway queria afastar sua personalidade e autoria da obra, dando poder ao leitor sem nem ao menos perceber, principalmente porque ele não queria que o foco fosse ele, considerando sua personalidade extremamente polêmica.

Disse a Charles Scribner que lhe estavam fazendo muito mais publicidade do que era bom para ele. Queria “coisas escritas com mais verdade” sobre a sua obra e menos mentiras, mitos, “episódios falsos”, citações erradas e fatos desvirtuados sobre a sua vida. Achava que a situação chegara agora a um ponto em que as pessoas começavam perguntando aos seus botões como era possível que um sujeito vagabundo, com um linguajar de índio Choctaw, os miolos socados de tanto murro, podia ganhar milhões de dólares escrevendo livros.<sup>134</sup>

Até mesmo a atitude de Hemingway foi diferente no lançamento de *O Velho e o Mar*. Ao contrário do lançamento dos outros livros, ele tinha certeza que cada palavra estava em seu devido lugar nessa obra, e queria garantir que, no momento da publicidade deste livro, o foco não estivesse nele nem em sua personalidade, queria ser visto apenas como um escritor, e nada além disso. Entre tantas reflexões que vieram desde o lançamento do livro, muitas delas eram religiosas, mas fica a pergunta se esta era a intenção de Hemingway. Talvez não conscientemente, mas inconscientemente, seu interior estava com questionamentos espirituais, principalmente por causa do momento que ele estava passando em sua vida.

Independentemente de Hemingway estivesse consciente dos simbolismos que motivariam tantas interpretações, a interação entre o texto e o leitor é importante, porque a interpretação de uma obra não depende apenas do texto em si, mas também das experiências, expectativas e valores do leitor, que tem papel ativo na construção do significado. Ao invés de considerar a obra como um objeto estático com um significado fixo, a Estética da Recepção

<sup>132</sup> ISER, 1996, vol. 1, p. 11.

<sup>133</sup> ZILBERMAN, Regina. **Estética da Recepção e História da Leitura**, 1989, p. 54.

<sup>134</sup> BAKER, Carlos. **Ernest Hemingway: o romance de uma vida**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1971, p. 565

ênfatiza a importância do contexto de leitura, das experiências individuais do leitor e das negociações de significados que ocorrem durante o processo de interpretação.

A Estética da Recepção confrontou diversas teorias literárias da época, porque ia contra uma interpretação objetiva e universal de uma obra, destacando a diversidade de leituras possíveis e a relatividade dos significados atribuídos. Ao considerar a recepção como um processo ativo e em constante evolução, essa abordagem enriquece o entendimento das relações entre texto, leitor e contexto cultural.

Esta teoria convida a refletir sobre a complexidade e a riqueza da experiência de leitura, destacando a importância do leitor como co-construtor de significados e valorizando a diversidade de interpretações que uma obra pode suscitar. A seguir, há uma explicação sobre o método que permite a correlação entre teorias literárias e teológicas.

### 3.4 TEOLOGIA DE FRONTEIRA: MÉTODO DA CORRELAÇÃO

Ao fazer uma pesquisa sobre Teologia e Literatura é indispensável que o teólogo esteja disponível a deixar as duas áreas conversarem. Estar entre fronteiras é saber dar a devida importância entre duas áreas completamente diferentes. Paul Tillich foi uma pessoa que, vivendo entre fronteiras durante toda a sua vida, soube, enfim, fazer com que a fronteira virasse um método de estudos. Tillich, tendo estudado Filosofia e Teologia, fez com que as duas áreas conversassem entre si porque, para ele, a Teologia não deve se fechar em uma redoma e ficar presa às paredes eclesiais. Segundo esta ideia, para que o Evangelho faça sentido, deve conversar com a contemporaneidade; caso contrário, não será relevante à atualidade.

Quando Paul Tillich fala sobre a Teologia ser como uma ciência fronteira<sup>135</sup>, ele usa, como *fronteira*, o termo *boundary* e não *frontier*. Isto porque, na língua inglesa, *frontier* é como se fosse uma fronteira que dá a ideia de muro intransponível; no qual a pessoa que está de um lado tem de fato um obstáculo que o impede de atravessar para a outra parte. O termo *boundary*, por sua vez, é mais usado para se referir a limites imaginários, como, por exemplo, quando uma pessoa fala “vamos pôr um limite nisso”; em inglês “*let’s put a boundary in this*”. O termo *boundary* passa a ideia de um limite que permite conversas, negociações e influências. Mesmo o termo, também usado, de método da correlação dá a ideia de conversa, pois o prefixo “co” já indica que é mais de uma. Portanto, quando a Teologia se permite relacionar com outras áreas,

---

<sup>135</sup> TILLICH, Paul. **A Era Protestante**. São Paulo: ASTE, 1996, p. 53.

também permite se deixar influenciar. É mais uma conversa do que uma imposição e mais um relacionamento do que um limite. Paul Tillich também sempre foi considerado um “filósofo de fronteira”, porque a maneira que ele estudava Filosofia era essencialmente teológica.

Para estudar a partir da fronteira, deve-se posicionar de maneira que o encontro seja frutífero para ambas as áreas, permitindo um amplo horizonte. A teologia de Paul Tillich permite uma dinamicidade entre diversas áreas do saber, incluindo socialismo, psicologia, arte, ciência, religião, e mais. Entretanto, ainda que sua teologia permita tantos saberes diferentes, há um assunto transversal em todos esses saberes: a dimensão religiosa que integra toda a cultura; e este é o motivo pelo qual ele se considera, antes de tudo e acima de todos os saberes que possui, um teólogo: porque defende que a religião em todos as áreas e a noção de Deus é intrínseca a todos os saberes.

A metodologia da correlação é de extrema importância até hoje, e Tillich se tornou um dos teólogos mais importantes do século XX; e isso não é sem motivo: uma das razões de encanto em sua teologia é a sua noção da profundidade religiosa em toda a existência humana, além de apresentar uma religiosidade ecumênica que ia além da limitação eclesiológica. Ademais permite, sem problemas, a dúvida e os movimentos sociais contemporâneos, ao contrário do que o dogmatismo defendia. Desta maneira, o método da correlação permite ao teólogo ser fiel ao passado ao mesmo tempo que interpreta de modo significativo a contemporaneidade. Teólogos como Jürgen Moltmann<sup>136</sup> acreditam que a Teologia é pública em sua natureza, pois o evangelho deve ser sempre feito em correlação, sendo sempre de acordo com a Escritura e ao mesmo tempo contextual, compartilhando os sofrimentos da atualidade.

Paul Tillich era contemporâneo do teólogo Karl Barth, e, portanto, se encontrava na fronteira até mesmo no posicionamento teológico da época, sendo, inclusive, chamado de um “liberal corrigido”. Isto porque, inicialmente, fez parte da Teologia Dialética de Karl Barth para combater o liberalismo teológico, que estava se afastando cada vez mais do cristianismo em si ao relativizar tudo em nome da ciência<sup>137</sup>. Entretanto, após se opor ao racionalismo de Harnack, também acabou por discordar da fé extrema de Barth, que acabava por esquecer da ciência, focando-se apenas no querigma. O método da correlação é uma busca por equilíbrio, uma conversa entre diferentes saberes.

A crítica que Tillich fez à teologia querigmática de Barth é devida ao fato de que ela levava mais em conta o anúncio, o querigma, sem dar o devido valor o outro polo, o destinatário, representado por todas as várias formas culturais que exprimem a interpretação da existência por parte do ser humano moderno. Daqui nasce o projeto

---

<sup>136</sup> MOLTSMANN, Jürgen. **Experiências de Reflexão Teológica: caminhos e formas da teologia cristã**. São Leopoldo: Unisinos, 2004, p. 75.

<sup>137</sup> TILLICH, Paul. **Teologia da cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009, p. 62

tillichiano de completar a “teologia querigmática” com uma “teologia apologética”, ou seja, uma “teologia que-dá-repostas [*sic*]” (*answering theology*).<sup>138</sup>

Portanto, segundo Tillich<sup>139</sup>, a teologia de Barth era criticável por ter em alta conta o querigma, a ponto de não considerar o destinatário e sua situação e contexto, sendo mais um monólogo do que um diálogo. Para Tillich, o sistema teológico deveria afirmar a mensagem cristã ao mesmo tempo que a interpretasse para novas gerações; a maioria das teologias que Tillich conhecia até então ou acabavam por sacrificar elementos da verdade ou não conseguiam se comunicar de fato com a atualidade.

A fronteira entre saberes é a maneira ideal de estudar, principalmente porque permite mais conhecimentos do que apenas uma área; o conhecimento é dialógico, portanto, se beneficia do conhecimento de diferentes áreas:

A existência na fronteira, em uma situação de limite, é cheia de tensão e movimento. Não é estática, mas, ao contrário, é uma travessia e retorno, uma repetição de retorno e travessia, um vai-e-vem, cujo objetivo é criar uma terceira área além dos limites territoriais, uma área onde se pode permanecer por um tempo sem ser encerrado em algo hermeticamente limitado<sup>140</sup>.

Mesmo a fronteira geográfica é ideal para explicar o tipo de conhecimento que Tillich defende. Isto porque há uma diferença entre pessoas que nascem em um lugar fronteiriço. Como exemplo, cito a minha própria experiência<sup>141</sup>. Meu pai é de Bagé, uma cidade localizada no interior do Sul do estado do Rio Grande do Sul. Eu nasci nesta mesma cidade mas vim para São Leopoldo quando ainda era um bebê. De qualquer maneira, sempre foi perceptível a identidade diferenciada de um gaúcho da região metropolitana para um gaúcho “da fronteira”. A fronteira permite tanta dinamicidade de culturas, que um gaúcho da fronteira frequentemente tem, em seu vocabulário, palavras em espanhol e mesmo a vestimenta e a comida tem muito das duas culturas; é, de fato, um lugar um pouco uruguaio e um pouco brasileiro; o próprio “mate” e a vestimenta de “bombacha” muito tem a ver com a cultura do Uruguai. Portanto, da mesma maneira que uma pessoa na fronteira é influenciada por duas culturas diferentes, também um estudo que engloba dois saberes pode se enriquecer de dois tipos de conhecimento distintos:

A fronteira é ambiente de mobilidade, andança, no qual se permitem encontros com “o novo e o diferente”. Não há espaço na fronteira para diálogos relativos e/ou absolutos. O ambiente fronteiriço é lugar de diálogo relacional, para uma vivência aberta à interação entre os dialogantes, possibilitando assim o deslocamento dos seus

<sup>138</sup> CUNHA, Carlos Alberto Motta. Teologia de Fronteira: aportes do método da correlação de Paul Tillich. In: **Revista Eletrônica Correlatio**. v. 15, n. 2 - Dez. 2016, p. 34-35

<sup>139</sup> TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. 5.ed. São Leopoldo: Ed. Sinodal, 2005, p. 22

<sup>140</sup> TILLICH, Paul. **The Future of the Religions**. New York: Harper & How Publishers, 1996, p. 53

<sup>141</sup> Neste parágrafo, tomo a liberdade de usar a primeira pessoa do singular para falar sobre meu exemplo e experiência em relação ao assunto.

próprios lugares enunciativos para um “terceiro espaço” em que emerge a novidade. A fronteira é espaço de abertura e criatividade.<sup>142</sup>

A fronteira de conhecimentos é um lugar de travessia, mas também é um lugar de retorno, onde a riqueza do conhecimento vive em constante movimento. Estudiosos do Método da Correlação explicam que este princípio não foi inventado pelo Tillich, existindo desde a época de Platão e Aristóteles; a diferença é que, utilizando a correlação a partir de Tillich, tem-se uma profundidade maior, pois ele observava a correlação em toda a realidade e em todas as dimensões do ser humano, considerando que mesmo a realidade é uma correlação entre diferentes saberes. Para Tillich, a mensagem cristã é a resposta às perguntas existenciais humanas, porque “só as pessoas que experimentaram o choque de transitoriedade, a angústia na qual se tornam conscientes de sua finitude, a ameaça do não-ser, podem entender o que significa a palavra de Deus”.<sup>143</sup>

A Teologia deve caminhar de mãos dadas com outros saberes não apenas porque é uma área de conhecimento como outras áreas (e todas necessitam do diálogo), mas também porque o próprio Jesus Cristo é correlacional; a mensagem cristã explica que Deus era Deus e se fez homem para habitar entre a humanidade e a salvar. O próprio Deus veio ao encontro da humanidade para ter um relacionamento com ela, e, quando Jesus esteve na Terra, fez questão de andar com pessoas extremamente diferentes dele. Ao final de sua missão na Terra, disse que todos que nele criam tinham que ir ao mundo e pregar o evangelho da mesma maneira que Ele o fez (Mc 16,15)<sup>144</sup>. Da mesma maneira que Jesus participou da vida humana, o teólogo deve unir as áreas teológicas às áreas humanas e não viver separado em um grupo, distante de todas as outras pessoas e áreas do conhecimento.

O teólogo, para dialogar com as culturas, não precisa abandonar a Igreja. Pelo contrário, Tillich diz que a Igreja é o lar do teólogo. É a partir da Igreja, nela enraizado, sem se levar pelo ostracismo, que as fontes e as normas da teologia têm existência real. Só neste lugar a experiência pode converter-se em meio da teologia. O teólogo sem senso de pertença perde o lugar de trabalho. A Igreja “é seu lugar mesmo que ele trabalhe e proteste contra ela. O protesto é uma forma de comunhão [...] Para ser uma norma genuína, não deve ser uma opinião privada do teólogo, mas a expressão de um encontro da Igreja com a mensagem cristã”<sup>145</sup>.

A missão do teólogo não é intraeclesial, pois a igreja, antes de existir para sua própria fortificação, tem uma missão profética, com uma vocação social em favor da humanidade. E,

<sup>142</sup> CUNHA, Carlos Alberto Motta. Teologia de fronteira: aportes do método da correlação de Paul Tillich. In: **Revista Eletrônica Correlatio**. v. 15, n. 2 - Dez. 2016, p. 37

<sup>143</sup> TILLICH, Paul. Teologia Sistemática. 5.ed. São Leopoldo: Ed. Sinodal, 2005, p. 75

<sup>144</sup> **Novo Testamento: BÍBLIA, N. T. MARCOS**. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 1646.

<sup>145</sup> CUNHA, Carlos Alberto Motta. Teologia de Fronteira: aportes do método da correlação de Paul Tillich. In: **Revista Eletrônica Correlatio**. v. 15, n. 2 - Dez. 2016, p. 47



além de ter uma missão social, o objeto de estudo da Teologia é Deus, e, enquanto o pesquisador estuda a Deus, também é modificado por Ele. Quem estuda a Deus dá significado para sua própria noção de Deus ao mesmo tempo que é modificado pelo que estuda:

O “objeto” da teologia passa pela verificação do sujeito que participa efetivamente do processo. É uma relação, mediada por um labor inconcluso e uma linguagem aproximativa, em que o sujeito (que percebe) e o objeto (o que é percebido) modificam um ao outro. O sujeito modifica o objeto, pois lhe atribui significado, e o objeto modifica o sujeito, pois altera a subjetividade humana. A teologia que daí emerge não se contenta com regras hermenêuticas rígidas (epistemologia) e nem pela busca pelo sentido do sentido (ontologia), mas o sentido para a sua práxis em uma operatividade social.<sup>146</sup>

Paulino<sup>147</sup> explicou, em sua pesquisa relacionando considerações da teologia com o livro literário *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, que construir um diálogo não é tarefa fácil. Muitos erros podem ocorrer no processo - entre eles, há o risco de o teólogo não dialogar. Em seu afã de ver a teologia em tudo, pode esquecer-se da literatura, suprimindo-a. Supervalorizando a teologia, esquece-se de ver os elementos literários e acaba por deixar a interpretação literária muito rasa. O estudioso que faz o diálogo teologia-literatura, pode ficar tentado a trazer seus dogmas e sua maneira de crer à análise. Alex Villas Boas, por exemplo, na obra “Teologia em Diálogo com a Literatura”, explica que a Teologia não deve exercer tentativas de doar sentido indiscriminadamente à literatura. Se ela fizer isso, o mistério se desfaz e ela só encontra o que já conhece; deve-se permitir que a Literatura também fale por si, caso contrário, haverá monólogo e não diálogo<sup>148</sup>. Um protestante, por exemplo, pode ficar tentado a, durante uma análise, corrigir ou criticar a crença católica exposta em um livro cujo autor escreve sobre santos. O pesquisador não deve trazer suas percepções e correções e não deve fazer juízo de valor à maneira que o autor expressa a religião em sua obra. Outro risco do diálogo entre as duas áreas é a possibilidade de o pesquisador pensar que a única e mais correta forma de buscar o transcendente é a partir da literatura, passando a julgar quem faz parte de confissões e as seguem. As expressões religiosas confessionais também são importantes - e são ideais para algumas pessoas. São diversas as maneiras que as pessoas podem crer, e não há problema se alguém se sente mais próximo de Deus em uma confissão religiosa específica, porque deve haver respeito às pessoas e suas diversas maneiras de se conectar a Deus.

Independentemente dos riscos que possa oferecer, um diálogo entre duas áreas distintas

---

<sup>146</sup> CUNHA, 2016, p. 49

<sup>147</sup> PAULINO, Clademilson. **Liberdade e Sofrimento: Um diálogo entre Juan Luis Segundo e Guimarães Rosa**. Campinas: Editora Saber Criativo, 2019, p. 13

<sup>148</sup> MARIANO, Alex Villas Boas Oliveira. **Teologia e Literatura como Teopatódiceia: Em busca de um pensamento poético teológico**. 2013. 491 f. Tese (Doutorado em Teologia) - Programa de Pós-graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, 2013.

é indispensável. Tais riscos devem ser enfrentados, pois ambas as áreas têm muito a contribuir e crescer uma com a outra se houver a correta abordagem. Durante o aprendizado de qualquer que seja o objeto ou área de estudo, quem está aprendendo o faz também por meio de associações, representações e relacionamentos. Ao ensinar, um professor costuma dar exemplos, relacionar o que está sendo ensinado com algo do conhecimento do aluno. Ao aprender a tocar um instrumento, como o violão, por exemplo, uma pessoa deve acessar e aprender diversos conhecimentos ao mesmo tempo. Começa com um conhecimento sobre postura física, a melhor maneira de segurar o instrumento; passa por um conhecimento matemático, como métrica e contagem do tempo musical; e também passa por um conhecimento linguístico, dependendo se a música tiver letra, por exemplo. Este conhecimento linguístico pode se apresentar em diversas línguas, inclusive estrangeiras.

A relação entre diferentes áreas do saber são não somente possíveis como necessárias. Lendo poesia, entende-se sobre Deus. Falando sobre Deus, fala-se também sobre o homem. Falando de Teologia, menciona-se também sobre poesia e mencionando sobre poesia também fala-se sobre Deus. Tudo é um só e o mundo é um só com o Divino, e por isso nada pode ser considerado em uma noção individualista, com separação de áreas. No mundo, as noções se relacionam, e isto vai de encontro tanto a Jesus, que falava sobre a unidade a ser buscada, como também às noções de Rubem Alves, que em seu livro *A Filosofia da Ciência*, reclamava sobre as ciências terem se tornado cada vez mais especializadas, cada vez mais individuais, deixando de lado as relações possíveis.

O mundo e a ciência devem ser considerados em unidade, e, portanto, um diálogo entre duas áreas de saber é o esperado de um conhecimento completo e confiável. Portanto, Teologia e Literatura não só podem como devem conversar.

Contudo, apesar dessa possibilidade de fazer um diálogo não dialogando entendo, como pesquisador, que esse diálogo mesmo correndo tais riscos necessita ser feito. A teologia não pode deixar de lado um material tão vasto sobre a condição humana (antropologia) e sua visão de Deus (teologia). Pois, como disse Juan Luis Segundo, no texto citado acima, os temas teológicos são muito bem apresentados por literatos. Os mesmos refletem, para usar a mesma frase de Segundo, “[...] os elementos condicionantes mais populares do modo de pensar de uma época [...]”, tanto com relação a si mesmo (como humano no mundo), como de sua relação com o transcendente (a religião)<sup>149</sup>.

É comum quem pense que a literatura pode afastar a humanidade do próprio mundo, considerando que os conhecimentos criados pela literatura são fictícios, poéticos, levam o leitor a outras realidades etc. Entretanto, ao contrário, a literatura é antropocêntrica, portanto põe o

---

<sup>149</sup> PAULINO, Clademilson. **Liberdade e Sofrimento: Um diálogo entre Juan Luis Segundo e Guimarães Rosa**. Campinas: Editora Saber Criativo, 2019, p. 14

ser humano em relação mais direta com o próprio mundo, criando visões, sensações e percepções diferentes. Manzatto<sup>150</sup> também relaciona outras áreas, demonstrando a globalização de saberes: para ele, a ficção e a poesia retratam homem e mulher - deles vem noções de psicologia, antropologia, sociologia e filosofia. A teologia também deve ser considerada neste processo.

Como explicado anteriormente, porém, não se pode desvalorizar as duas áreas ao fazer um diálogo. Teologia e Literatura devem ser devidamente reconhecidas e valorizadas. São áreas complementares. Da mesma maneira que a Literatura não pode diminuir a Teologia, a Teologia também não pode desconsiderar o sentido da Literatura. Nem sempre o teológico estará presente na obra literária, e isto também deve ser respeitado - o teólogo não pode ter como costume atribuir a noção do divino quando não há esta noção de fato. Quanto a isso, Paulino explica:

Manzatto salienta que essa reflexão (textos literários) da condição do homem brasileiro não é uma reflexão teológica; a literatura não é e não faz teologia, essa reflexão é antropológica, e a antropologia, como já se sabe, tem um valor fundamental para a teologia, não como oposição, mas como complementaridade. O antropológico, o psicológico e o sociológico do texto literário colocam o teólogo diante da “realidade humana vivida e sentida”.<sup>151</sup>

Paulino<sup>152</sup> também faz a pergunta sobre como pode o teólogo menosprezar o diálogo com a literatura, considerando que ambas estão tão intrinsecamente ligadas, e que, mesmo se o cristão considerar que nada é fictício ou mítico na Bíblia; mesmo que haja a crença de literalidade em todas as histórias ali relatadas, ainda assim, o poético está presente com frequência no texto bíblico. Para citar somente alguns exemplos:

- a) Jesus contava parábolas para ensinar. Muitas das parábolas não tinham acontecido de fato, mas Jesus sabia que a melhor maneira de ensinar era por meio da relação de fatos cotidianos de pessoas, e por isso ele contava parábolas que se relacionavam às vidas de quem o ouvia<sup>153</sup>;
- b) As canções são partes essenciais do texto bíblico. Quando Moisés e o povo hebraico consegue se livrar da escravidão do povo egípcio, Miriã, uma profetisa e líder do povo

---

<sup>150</sup> MANZATTO, Antônio. **Teologia e Literatura: Reflexão teológica a partir da Antropologia contida nos romances de Jorge Amado**. São Paulo: Edições Loyola, 1994, p. 8-9

<sup>151</sup> PAULINO, Clademilson. **Liberdade e Sofrimento: Um diálogo entre Juan Luis Segundo e Guimarães Rosa**. Campinas: Editora Saber Criativo, 2019, p. 23-24

<sup>152</sup> PAULINO, 2019, p. 26

<sup>153</sup> Esta tática de ensino de Jesus em muito pode motivar a reflexão. Pesquisas podem ser feitas para relacionar o método de ensino complexo e multidisciplinar com o costume de Jesus de ensinar relacionando parábolas com o cotidiano dos ouvintes. Muitas das parábolas, inclusive, incluíam outros tipos de conhecimento, como conhecimento de cuidado financeiro (parábola dos talentos), conhecimento sobre agricultura (joio e trigo), conhecimento antropológico e psicológico - considerando também a empatia, como na parábola do bom samaritano.

hebraico, entoava uma canção que expressa a vitória. Nota-se aí uma presença poética e musical nos textos sagrados;

- c) Os poemas são essenciais na construção do saber teológico. O livro de Salmos é composto por poemas que retratam tanto sentimentos de tristeza, como de gratidão, cansaço, dúvida e até mesmo orações. Muitos desses poemas de Salmos eram entoados, cantados, e alguns são decorados como oração até hoje;
- d) A Bíblia tem uma maneira poética própria de escrita. Esta poesia bíblica é também presente nos povos antigos que viviam próximos ao povo hebreu à época. Os textos bíblicos, portanto, eram escritos por meio de paralelismos anafóricos, de repetição e diversos outros, como os de relação de ideias, com a segunda parte de um versículo aumentar a intensidade e a ideia da primeira<sup>154</sup>.
- e) O livro de Provérbios é como se fosse a noção atual de ditados ou axiomas, que contêm verdades e sabedorias obtidas através da experiência. Sendo assim, a teologia tem uma relação essencial com a literatura. Em seu livro, que analisa *Vidas Secas* a partir da Teologia, Paulino descreve como essencial a relação entre as duas áreas, explicando isso a partir da história do cristianismo - história essa com seus pontos positivos e também negativos:

“Intrínseca”, assim é a relação entre teologia e literatura segundo Magalhães. *Primeiro* porque o cristianismo é uma religião do livro; “possui os fundamentos de seu conteúdo traduzidos em livros, cartas, contos, alegorias, poesias etc”. *Segundo* porque boa parte de seu poder de conquista está ligado ao ser literatura e, ao mesmo, também ser influenciado pela literatura. O êxodo, como texto literário, é o grande influenciador das conquistas cristãs: “Nesse processo, judeus e gentios se tornam os novos cananitas. Seus espaços devem ser conquistados, seus adeptos convertidos, suas lembranças apagadas, suas histórias transformadas”; os antigos povos da América Latina que o digam. Além disso o cristianismo, principalmente na figura de seus missionários soube recontar suas histórias de modos diferentes e penetrantes nas culturas: “[...] seus personagens e narrativas foram transmitidos, contados com novas cores e disseminados dentro de novas tramas”<sup>155</sup>

Novamente defendendo o fazer teológico além de instituições religiosas (sem, porém menosprezá-las e desconsiderá-las), uma teologia que considere a vida é necessária. Porém, há de se lembrar que a queda adveio da falta de confiança em Deus; ao desobedecer as orientações de Deus, o homem e a mulher demonstraram que não consideravam as ideias divinas. Entretanto, antes mesmo da queda, desfrutar da criação, nunca foi um problema - inclusive, era o que Deus esperava da humanidade: que eles desfrutassem e ficassem felizes com o que encontravam no mundo feito divinamente.

<sup>154</sup> COUGO, Caroline; SALDANHA, Marcelo. **Os Paralelismos em O Velho e o Mar e sua Relação com o Antigo Testamento**. Tear Online, vol. 12, núm. 1, p. 37-52j, an.-jul. 2023, p. 40

<sup>155</sup> PAULINO, Clademilson. **Liberdade e Sofrimento: Um diálogo entre Juan Luis Segundo e Guimarães Rosa**. Campinas: Editora Saber Criativo, 2019, p. 26

Há, ainda, resquícios de Deus neste mundo, portanto, não há necessidade de o odiarmos como se fosse apenas o mal, porque Deus ainda está presente nele - embora tenha havido a inserção do mal na sociedade. Inclusive, Jesus prometeu o Consolador, que seria enviado ao mundo quando Jesus ascendesse: "Todavia, digo-vos a verdade: Convém-vos que eu vá; porque se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas se eu for, eu vo-lo enviarei." (João 16,7)<sup>156</sup>. Sabe-se, portanto, que o divino ainda faz parte do mundo, e o próprio Espírito Santo está presente aqui; não tendo havido nenhum abandono da parte de Deus em relação ao mundo. Sendo assim, é possível ver o divino na cultura, na poesia, no cotidiano, na arte e em tudo que é belo no mundo, como explica os estudos da teopoética.

A partir do Método de Correlação, a análise relaciona não apenas diferentes áreas, mas também diferentes pontos de análise. A relação de estudo para a aplicação da pesquisa na próxima seção será a seguinte:

- a) Identificação das questões humanas: visa examinar as perguntas fundamentais que surgem da experiência humana, como o sentido da vida, a busca por significado, questões éticas e a angústia existencial.
- b) Análise dos símbolos e conceitos religiosos: são identificados e analisados símbolos, textos sagrados, rituais e doutrinas presentes na obra ou relacionados a ela. Estes elementos são cruciais, pois representam expressões da resposta humana à busca pelo incondicional, simbolizado por Deus.
- c) Estabelecimento de correlações: busca estabelecer a relação entre as questões humanas identificadas e os símbolos religiosos analisados. Por exemplo, investiga-se como a ideia de Deus se relaciona com a busca por sentido da vida de Santiago, ou como a noção de graça se conecta à necessidade humana de redenção.

Estes passos serão postos em prática na última seção da pesquisa, durante a seção dedicada à análise de *O Velho e o Mar*, de Ernest Hemingway. Entretanto, não será um método a ser seguido em ordem. Ao contrário, cada passo do método será feito em consonância e de modo misturado. A seguir, verifica-se a aplicação desta metodologia na análise de *O Velho e o Mar*.

---

<sup>156</sup> **Novo Testamento: BÍBLIA, N. T. JOÃO.** In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p, 1760.



## 4 A TEOLOGIA EM O VELHO E O MAR, DE ERNEST HEMINGWAY

Começa-se neste capítulo a partir de uma explicação das características principais da obra abordada, seguido pela análise desta. *O Velho e o Mar* trata-se de uma novela, sendo, então, um livro de tamanho relativamente curto. É escrito em terceira pessoa, tendo um narrador onisciente. A história é realista, do gênero realismo crítico, de narrativa objetiva e simples, pois o autor prezava por uma linguagem de fácil compreensão e leitura e, principalmente, era inspirado pela escrita jornalística, que foi como ele começou sua carreira. A narrativa tem mais verbos do que adjetivos, pois a ideia é mais descrever as ações do que reflexões, portanto, as maiores reflexões que são desprendidas da obra, vêm das falas simples, profundas e breves do velho consigo mesmo. E é durante essas reflexões que o Velho tem seus maiores devaneios e considerações sagradas, e sua preocupação última aparece.

O autor Ernest Hemingway estava passando por um período difícil em sua vida quando escreveu *O Velho e o Mar*. Havia 10 anos que ele havia publicado seu último sucesso, *Por Quem os Sinos Dobram*. Foi uma década sem sucesso literário. Paralelamente, Santiago, o personagem principal de *O Velho e o Mar*, está há 84 dias sem pescar nenhum peixe. Como já mencionado anteriormente, na primeira parte deste trabalho, Ernest Hemingway costumava utilizar inspirações de sua própria vida para escrever seus romances. Após 10 anos do lançamento de *Por Quem os Sinos Dobram*, Hemingway lançou *Na Outra Margem, entre as Árvores*. Este livro não foi um sucesso; pelo contrário, recebeu muitas críticas e Hemingway se viu então desafiado a escrever um sucesso. Dois anos depois, ele lançou sua grande obra-prima, livro com o qual ele ganhou o Prêmio Nobel de Literatura e sobre o qual esta pesquisa é inspirada. A narrativa do livro poderia ser considerada monótona, por ter apenas um personagem, muitas vezes conversando sozinho, com os peixes, com suas mãos, e enfrentando o mar por dias sozinho. Pela genialidade da escrita simples e revisada de Hemingway, entretanto, a história traz no leitor um misto de sentimentos, como aflição, apreensão e expectativa do que pode acontecer.

Cabe explicar a história de forma resumida antes de passar para a análise. *O Velho e o Mar*, de Ernest Hemingway, foi publicado em 1952. A história conta sobre Santiago, um homem também referido apenas como Velho, talvez porque Hemingway gostaria de simplificar ou talvez fosse uma crítica ao etarismo, quando uma pessoa, ao envelhecer, já não é mais conhecida como uma pessoa brilhante e com sonhos, e acaba sendo resumida a um adjetivo

relacionado à sua idade<sup>157</sup>. Santiago era um homem que foi um forte e habilidoso pescador a vida inteira, mas que estava em idade avançada sem ter adquirido nada, morando em uma cabana cuja cama era forrada com jornal. Ele já havia sido casado e sentia saudades de sua esposa, porém a história não conta o que sucedeu com ela. Seus *hobbies* se baseiam em pesca, *baseball* e a leitura jornal - especificamente, a parte de notícias de *baseball*. O Velho tinha um ídolo: o jogador de *baseball* Dimaggio e sobre ele conversava com seu melhor amigo, Manolin.

Ao contrário do que se pode esperar, Manolin não tinha uma idade parecida com o Velho. A narrativa não menciona a idade dele, mas o chama de menino e informa que ele pesca com o Velho desde os 5 anos de idade, tendo aprendido com ele. A estima de Manolin por Santiago é imensa: ele o admira, acredita que ele é o melhor pescador do mundo e deseja sempre estar em companhia, ajudando o Velho, levando-o jornais, cervejas, café e comida. A grande admiração de Manolin por Santiago demonstra não apenas um amigo, mas também um discípulo. O tempo que Manolin passa com o velho demonstra quase como um ato de religiosidade, um discipulado. Entretanto, a história começa informando que Manolin não continua pescando com Santiago por um motivo específico: seus pais não mais o permitem fazer isso. E o único motivo pelo qual seus pais não o deixam mais pescar com Santiago é a maré de azar na qual o Velho se encontra: está há 84 dias sem pescar nenhum peixe. Dessa vez, porém, Santiago está decidido e crente de que conseguirá pegar um peixe neste seu 85º dia de pesca.

Ao entrar em alto mar, o Velho fica devaneando: saudades de suas épocas de ouro, quando era um homem forte, ganhava quedas de braço, e via os leõezinhos na África. Ele já havia sido o melhor. É neste momento que ele percebe que um peixe muito maior do que todos que ele já tinha pescado na vida morde sua isca. Com espanto, ele percebe que precisa vencer essa batalha, que é narrada em diversas páginas. Sua luta com o peixe acontece entremeada por reflexões, medo, fé e coragem e muita resiliência, como pode ser visto no seguinte trecho:

Ele faz rezas, deseja o garoto perto dele, quase morre de fome... tudo de uma forma muito bonita e poética. Enfim, o Velho consegue vencer a batalha contra o peixe. Quando, feliz, ele o leva do alto mar até sua casa, é atacado por tubarões que comem o marlim<sup>158</sup>, embora Santiago tentasse ao máximo defender o peixe. E, quando chega à costa, depois de três dias, ele chega com apenas os ossos e a cabeça do peixe. Não tendo mais forças por não ter se alimentado direito e tendo travado uma batalha imensa, cai desmaiado na areia. Seu amigo Manolin o

---

<sup>157</sup> Outra hipótese é que Hemingway estava apenas reproduzindo o etarismo cotidiano da vida real, sem nem ao menos perceber. Principalmente porque, na época, não havia muitas discussões sobre o assunto.

<sup>158</sup> Conhecido também como *espadarte*.



encontra e cuida dele. O velho, então, vai dormir. Porém, dorme feliz, por ter vencido a batalha contra o peixe, mesmo que sua vida não tenha mudado o quanto teria se ele tivesse chegado com o peixe intacto. A seguir, na análise do livro, as referências em sua maioria serão do livro *O Velho e o Mar*, portanto as referências limitam-se a citação direta.

No trecho a seguir, logo no início do livro, é possível verificar a descrição inicial de Santiago, e, logo neste primeiro parágrafo, Manolin é apresentado e pode-se perceber a sua grande amizade com o velho. Mesmo que seus pais tivessem-no proibido de pescar com o velho, o garoto todos os dias ajudava ele com o que podia.

Ele era um velho que pescava sozinho em seu barco, na *Gulf Stream*. Havia oitenta e quatro dias que não apanhava nenhum peixe. Nos primeiros quarenta, levava em sua companhia um garoto para auxiliá-lo. Depois disso, os pais do garoto convencidos de que o velho se tornara *salao*, isto é, um azarento da pior espécie, puseram o filho para trabalhar noutro barco, que trouxera três bons peixes em apenas uma semana. O garoto ficava triste ao ver o velho regressar todos os dias com a embarcação vazia e ia sempre ajudá-lo a carregar os rolos de linha, ou o gancho e o arpão, ou ainda a vela que estava enrolada à volta do mastro. A vela fora remendada em vários pontos com velhos sacos de farinha e, assim enrolada, parecia a bandeira de uma derrota permanente.<sup>159</sup>

A descrição da aparência de Santiago demonstra muito bem a fragilidade e a percepção da idade mais avançada de uma pessoa:

O velho pescador era magro e seco, e tinha a parte posterior do pescoço vincada de profundas rugas. As manchas escuras que os raios de sol produzem sempre, nos mares tropicais, enchiam-lhe o rosto, estendendo-se ao longo dos braços, e suas mãos estavam cobertas de cicatrizes fundas, causadas pela fricção das linhas ásperas enganchadas em pesados e enormes peixes. Mas nenhuma destas cicatrizes era recente.<sup>160</sup>

Todas as cicatrizes de Santiago serviam para demonstrar a experiência dele com o mar. Mais à frente, o livro explica que sua experiência era tanta que este era um dos motivos que deixava o velho tão deprimido: ele não estava mais conseguindo ser tão esplendidamente bom na pesca como era anteriormente.

O livro também explica que “tudo o que nele existia era velho, com exceção dos olhos que eram da cor do mar, alegres e indomáveis”<sup>161</sup>. O fato de tudo nele ser velho, menos os olhos, demonstram que, embora o exterior dele estivesse frágil e desgastado, ele, interiormente, se sentia alegre e indomável; ainda acreditava que fosse capaz de todas as proezas que fazia na juventude, embora ninguém mais acreditasse nele.

- Santiago - disse-lhe o garoto quando desciam do banco de areia para onde o barco fora puxado -, eu gostaria de tornar a sair com você. Tenho ganhado algum dinheiro. O velho ensinara o garoto a pescar e por isso ele o adorava.

<sup>159</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 13.

<sup>160</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 13-14.

<sup>161</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 14.

- Não - respondeu-lhe o velho. - Você está num barco de sorte. Fique com eles.
- Mas lembre-se daquela vez em que passamos mais de oitenta dias sem apanhar coisa alguma e depois pescamos dos grandes, todos os dias, durante três semanas.
- Lembro-me muito bem - tornou o velho. - E sei que no período de má sorte você não me abandonou nem duvidou de mim.
- Foi papai quem me fez mudar de barco. Ainda sou um garoto e tenho de obedecer a ele.
- Eu sei - concordou o velho - É natural.
- Papai não tem muita fé.
- Não - tornou a concordar o velho. - Mas nós temos, não é verdade?<sup>162</sup>

Este trecho novamente demonstra a amizade entre os dois: Manolin querendo voltar a andar de barco com Santiago e Santiago, mesmo querendo a companhia dele, tinha a intenção de deixá-lo andar com outros pescadores, pois queria que ele prosperasse em suas aventuras pelo mar. A confiança entre amigos pode ser percebida quando ele diz “E sei que no período de má sorte você não me abandonou nem duvidou de mim”<sup>163</sup>. Manolin nunca havia duvidado da capacidade de Santiago, mesmo quando todos os outros pescadores da aldeia duvidavam.

O Velho e os pescadores da cidade tomavam cerveja e falavam sobre as pescarias na Esplanada, que era um bar das redondezas. Os outros pescadores estavam com pena do Velho e até mesmo faziam piadas sobre situação: “Sentaram-se na Esplanada e alguns pescadores começaram a fazer troça do velho, mas ele não se zangou. Outros, de mais idade, olharam para ele e sentiram-se tristes. Mas não o demonstraram”<sup>164</sup>.

Ainda demonstrando a amizade de ambos os personagens, o seguinte trecho fala sobre a vontade de Manolin de continuar ajudando o Velho, a despeito do que seus pais pensavam. O mesmo trecho demonstra também qual era a noção de um homem adulto para o Santiago - e para a época. Além disso, é possível perceber que Santiago andava muito pensativo, relembando sobre suas aventuras antigas:

- Santiago - começou o garoto.
- Que é? - perguntou o velho. Tinha o copo na mão e pensava nas suas aventuras de muitos anos atrás.
- Posso sair com o barco para apanhar sardinhas para você amanhã?
- Não, vá jogar beisebol. Eu ainda sei remar e o Rogério pode atirar as redes.
- Mas eu gostaria de ir. Já que não posso ir pescar com você, quero ajudar de algum jeito.
- Você me pagou uma cerveja - replicou o velho. - Agora já é um homem.<sup>165</sup>

Depois, enquanto a conversa continuava entre o Velho e Manolin, eles falam sobre a primeira vez que ambos andaram de barco pela primeira vez; Manolin, à época, tinha apenas

---

<sup>162</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 14.

<sup>163</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 14.

<sup>164</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 14.

<sup>165</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 15.

cinco anos. Já nesta primeira viagem, um peixe atacou o barco e quase o virou, e agora Manolin diz que lembra de tudo, ao dizer “Lembro tudo desde que saímos juntos pela primeira vez<sup>166</sup>”. Em seguida, o Velho então o olha com um olhar carinhoso, mesmo com sua aparência física cansada. Isto remete, portanto, à alma eterna, noção do cristianismo. Isto porque, mesmo que o corpo se canse, os sentimentos de Santiago continuavam intensos: “O Velho examinou-o com os seus olhos queimados pelo sol, muito carinhosos e confiantes<sup>167</sup>”. É possível entender como estava o psicológico do Velho quando o livro diz que “As suas esperanças e confiança nunca o tinham abandonado, mas agora estavam arrefecendo como a brisa quando se levanta no ar”<sup>168</sup>. Entretanto, mesmo perdendo as esperanças, ao mesmo tempo o Velho sabia que havia se tornado mais humilde, e isso era bom para ele: “Era demasiado simples para compreender quando alcançara a humildade. Mas sabia que a alcançara e sabia que não era nenhuma vergonha nem representava nenhuma perda do verdadeiro orgulho.”<sup>169</sup>. Nos momentos difíceis da vida, muitos traços psicológicos mudam, como o fato de a esperança do velho estar diminuindo e o fato de ele ter alcançado a humildade.

Novamente, isto remete ao cristianismo, porque há diversos versículos da Bíblia que falam sobre os momentos difíceis e como passar por eles - e como eles podem ser, na verdade, um aprendizado. Em Eclesiastes 7:14, está escrito “No dia da prosperidade alegra-te, mas no dia da adversidade considera; porque também Deus fez um em oposição ao outro, para que o homem nada descubra do que há de vir depois dele.”<sup>170</sup>. Este versículo explica que, assim como existem dias bons, também existem os dias maus, e é necessário ter paciência e confiança em Deus em ambos. Em Salmos 46:1-3, é explicado que as pessoas devem confiar em Deus em todos os momentos:

Deus é o nosso refúgio e a nossa fortaleza, auxílio sempre presente na adversidade. Por isso não temeremos, ainda que a terra trema e os montes afundem no coração do mar, ainda que estrondem as suas águas turbulentas e os montes sejam sacudidos pela sua fúria<sup>171</sup>.

Em Romanos 5:3-5, Paulo explica que, na verdade, os momentos de tribulação servem para ajudar às pessoas e que o caráter é forjado a partir destes momentos:

---

<sup>166</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 16.

<sup>167</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 16.

<sup>168</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 16

<sup>169</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 17

<sup>170</sup> **Antigo Testamento: BÍBLIA, A. T. ECLESIASTES.** In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 1067.

<sup>171</sup> **Antigo Testamento: BÍBLIA, A. T. SALMOS.** In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 919.

Não só isso, mas também nos gloriamos nas tribulações, porque sabemos que a tribulação produz perseverança, um caráter aprovado; e o caráter aprovado, esperança. E a esperança não nos decepciona, porque Deus derramou seu amor em nossos corações, por meio do Espírito Santo que ele nos concedeu.<sup>172</sup>

Portanto, o Velho, ao passar por todas as dificuldades, na verdade estava tendo seu caráter forjado - isto porque, não importando a idade, o ser humano está sempre em desenvolvimento e pode ainda aprender e mudar. Santiago, por exemplo, estava se tornando menos esperançoso e mais humilde. Quanto a isso, 2Coríntios 4:16-17 explica:

Por isso não desanimamos. Embora exteriormente estejamos a desgastar-nos, interiormente estamos sendo renovados dia após dia, pois os nossos sofrimentos leves e momentâneos estão produzindo para nós uma glória eterna que pesa mais do que todos eles.<sup>173</sup>

A descrição realista de Hemingway explica como era o cotidiano do velho: ele era miserável, e sua casa era construída com a madeira das palmeiras. Além disso, há elementos religiosos na casa de Santiago, o que mostrava que ele mesmo tinha crenças cristãs - mais especificamente, católicas; assim como Hemingway, que tinha influências católicas. O trecho demonstra que, na verdade, os elementos religiosos eram de sua esposa, o que é mais uma semelhança com o autor, que começou a ter influências católicas a partir de sua segunda esposa, Pauline. Voltando à história, o livro descreve a habitação de Santiago porque seu amigo Manolin ia com frequência à casa do velho para ajudá-lo no que precisasse.

Seguiram juntos pela rua em direção à cabana do velho e entraram pela porta que estava sempre aberta. O velho encostou à parede o mastro com as velas enroladas em volta e o garoto pôs a caixa e as outras coisas no chão. O mastro era quase da altura do único quarto da cabana, que era construída de *guano*, a resistente madeira das palmeiras-reais. Dentro só havia uma cama, uma mesa, uma cadeira e um canto no chão sujo, onde se podia cozinhar a carvão. Nas paredes castanhas do duro *guano* viam-se uma imagem colorida do Sagrado Coração de Jesus e uma outra da Virgem de Cobre. Ambas eram relíquias de sua mulher. Em tempos, houvera na parede uma fotografia da esposa, mas ele a tinha tirado porque se sentia muito só ao olhá-la todos os dias; agora estava escondida numa prateleira, debaixo de sua camisa lavada.<sup>174</sup>

Torna-se perceptível a menção sobre a imagem do Sagrado Coração de Jesus e da Virgem de Cobre. Começa-se aqui com o Sagrado Coração de Jesus. Esta imagem representa uma das três solenidades da Igreja Católica, e é comemorada na segunda sexta-feira após o *Corpus Christi*. Porém, é também cultivada nas primeiras sextas-feiras em cada mês do ano. Há diversas revelações para o Sagrado Coração de Jesus, e em todas estas revelações, foram freiras e beatas que relataram a experiência com o divino, entre elas Santa Lutgarde, Santa

<sup>172</sup> **Novo Testamento: BÍBLIA, N. T. ROMANOS.** In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 1853-1854.

<sup>173</sup> **Novo Testamento: BÍBLIA, N. T. 2CORÍNTIOS.** In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 1916.

<sup>174</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 19.

Gertrudes, Santa Margarida Maria Alacoque e Beata Maria do Divino Coração. Segundo as revelações que estas freiras tiveram, há 12 promessas divinas para quem seguir esta comemoração:

1. Dar-lhes-ei todas as graças necessárias ao seu estado de vida.
2. Estabelecerei a paz nas suas famílias.
3. Abençoarei os lares onde for exposta e honrada a imagem do Meu Sagrado Coração.
4. Hei-de consolá-los em todas as dificuldades.
5. Serei o seu refúgio durante a vida e em especial na hora da morte.
6. Derramarei bênçãos abundantes sobre todos os seus empreendimentos.
7. Os pecadores encontrarão no Meu Sagrado Coração uma fonte e um oceano sem fim de Misericórdia.
8. As almas túbias tornar-se-ão fervorosas.
9. As almas fervorosas ascenderão rapidamente a um estado de grande perfeição.
10. Darei aos sacerdotes o poder de tocarem os corações mais empedernidos.
11. Aqueles que propagarem esta devoção terão os seus nomes escritos no Meu Sagrado Coração e d'Ele nunca serão apagados.
12. Prometo-vos, no excesso de Misericórdia do Meu Coração, que o Meu Amor Todo-Poderoso concederá, a todos aqueles que comungarem na Primeira Sexta-Feira de nove meses seguidos, a graça da penitência final; não morrerão no Meu desgosto nem sem receberem os Sacramentos: o Meu Divino Coração será o seu refúgio de salvação nesse derradeiro momento.<sup>175</sup>

Provavelmente, Santiago mantinha a imagem do Sagrado Coração de Jesus para que seu lar fosse abençoado. Além disso, uma das promessas de Jesus é consolar as pessoas em todas as dificuldades e ser refúgio durante a vida e em especial na hora da morte - o que faz muito sentido na história, pois Santiago, nos momentos difíceis durante a pescaria relatada no livro, tem uma força que não se sabe de onde vem. Poderia ser a promessa de número quatro se revelando no momento de dificuldade.

A outra imagem que Santiago tinha em casa, a Virgem de Cobre, é uma representação da mãe de Jesus. Esta imagem é a padroeira de Cuba desde 1916. Sua menção na história é importante pois retrata com realismo a cultura cubana. Esta estátua esteve presente até mesmo em guerras cubanas e demonstrava também o apreço pelo cristianismo católico, tanto por parte de Hemingway quanto por parte de Santiago. Mais à frente, na história, percebe-se mais uma descrição da casa do velho, que demonstra o quanto ele era pobre. Sua almofada eram suas calças enroladas sobre um jornal, e o colchão eram apenas jornais:

O velho tirou as calças e foi para a cama às escuras. Enrolou as calças para fazer uma espécie de almofada e meteu o jornal dentro do rolo. Embrulhou-se na manta e deitou-se sobre o colchão, que consistia quase exclusivamente de velhos jornais ressequidos pelo tempo.<sup>176</sup>

---

<sup>175</sup> Introdução. **Associado Apostolado do Sagrado Coração de Jesus**. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20111129185520/http://www.asc.org.br/site/devocao/devocao.htm>>. Acesso em: 22. abr. 2024

<sup>176</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 27.

A disponibilidade de ajuda de Manolin e sua amizade fiel pode ser vista em diversos momentos, e um deles é quando o garoto oferece ajuda para tudo que o velho precisa, como no trecho a seguir:

- O que você tem para comer? - perguntou o garoto.
- Uma panela de arroz com peixe. Quer provar?
- Não. Vou comer em casa. Quer que acenda o fogo?
- Não, não é preciso.
- Posso levar a rede?
- Naturalmente.<sup>177</sup>

O garoto apresentava respeito até mesmo pelas *manias* do velho. Ele sabia que não existia nenhuma rede, e nem mesmo uma panela de arroz com peixe. Ainda assim, ele repetia essa mesma pergunta para o velho todos os dias, para que ele se sentisse bem. Esta era uma demonstração de empatia que o garoto tinha. Depois, o garoto, após pescar sardinhas, volta para trazer comida.

- O que é que você traz aí? - perguntou.
- O jantar - respondeu o garoto. - Vamos comer.
- Não tenho fome.
- Mas você precisa comer. Não pode ir à pesca sem comer.
- Já comi - murmurou o velho, levantando-se e dobrando o jornal. Depois começou a dobrar também a manta.
- Ponha a manta nas costas - disse o garoto. - E fique sabendo que, enquanto eu for vivo, você não irá à pesca sem comer.
- Então viva muito tempo e trate da sua saúde - redarguiu o velho. - E o que é que temos para comer?
- Feijão preto com arroz, bananas fritas e um pouco de guisado.<sup>178</sup>

Enquanto o garoto tentava ajudar de todas as maneiras que podia, o velho não queria ser um fardo para ele e costumava mentir que já havia comido. O garoto sabia que o velho não falava a verdade, por isso todos os dias, ia alimentar o amigo, sempre que precisasse. Ele costumava pegar comida e cervejas de graça na Esplanada.

O garoto tinha confiança no velho e com sua amizade verdadeira, não deixava de exaltar-lhe as qualidades, como no seguinte trecho ainda no início do livro, enquanto os dois conversam um dia antes de Santiago sair para pescar:

- Mas afinal, qual é o melhor treinador, o Luque ou o Mike Gonzales?
- Na minha opinião os dois são da mesma categoria.
- E o melhor pescador é você.
- Não. Conheço outros melhores.
- *Qué va!*<sup>179</sup> - exclamou o garoto. - Existem muitos pescadores bons e alguns mesmo ótimos. Mas como você não há nenhum.
- Obrigado. Gosto de ouvir você dizer isso e espero que não me apareça pela frente nenhum peixe grande demais para desmenti-lo.

<sup>177</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 20.

<sup>178</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 23.

<sup>179</sup> Expressão que, em espanhol, significa “sem chance!”.

- Não existe nenhum peixe grande o bastante para isso, se você ainda é tão forte como diz<sup>180</sup>.

Percebe-se, também neste trecho, o paralelismo que Hemingway utiliza. Ele era um grande leitor da Bíblia e por isso incorporava em seus escritos linguagens que o povo hebreu usava no Antigo Testamento. Os paralelismos são repetições linguísticas propositais para causar ênfase no que é dito. E, considerando que, antigamente, à época da Bíblia, os materiais escritos eram raros (ou às vezes demoravam décadas para escrever uma história que já eram há tempos contada oralmente), era necessário que houvesse a memorização de palavras e frases. Estes paralelismos de repetição ajudavam o povo antigo a citar textos oralmente. Outro motivo para que o paralelismo fosse usado era para que a história fosse contada mais dramática e lentamente, fazendo com que o ouvinte ficasse mais envolvido na história<sup>181</sup>.

Há vários tipos de paralelismos na Bíblia, e este trecho acima citado usa o *word-pair aumentativo*, que, a cada trecho, aumenta mais a informação sobre determinada situação. Como exemplo, há o seguinte versículo em Êxodo 15:4: “Lançou no mar as carruagens de Faraó e o seu exército; seus capitães escolhidos também foram afogados no Mar Vermelho”<sup>182</sup>. Primeiramente, há a palavra “mar” e, depois, “mar vermelho”. Em *O Velho e o Mar*, Manolin diz que há pescadores *bons* e, ao aumentar, diz que alguns são mesmo *ótimos*, mas que nenhum se comparava ao seu amigo. Outro trecho que contém paralelismo é quando o narrador descreve os sonhos do velho, que sentia saudade de sua juventude na África:

Adormeceu quase imediatamente e sonhou com a África de quando era garoto, com as extensas praias douradas e as areias brancas, tão brancas que feriam os olhos, e com os cabos que se erguiam majestosamente sobre o mar, e com as enormes montanhas castanhas. Agora vivia nessas costas todas as noites e, nos seus sonhos, ouvia o marulhar das ondas e via os barcos dos nativos que singravam as águas. Sentia o cheiro do alcatrão e dos cabos da coberta, e<sup>183</sup> parecia-lhe sentir o aroma da África que a brisa da terra trazia pela manhã<sup>184</sup>.

Há, neste trecho, dois tipos de paralelismo: o *word-pairs aumentativas*, citadas anteriormente, que demonstram um aumento da descrição (“areias brancas/tão brancas que feriam os olhos). Também há o paralelismo anafórico, que contém repetições de palavras de modo poético, como em Salmos 13:1: “Ó SENHOR, **por quanto tempo** me esquecerás? Para

<sup>180</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 26.

<sup>181</sup> COUGO, Caroline; SALDANHA, Marcelo. Os paralelismos em *O Velho e o Mar* e sua relação com o Antigo Testamento. **Revista TEAR Online**. São Leopoldo. v. 12. n.1. p. 37-52, jan.-jul. 2023.

<sup>182</sup> **Antigo Testamento: BÍBLIA**, A. T. ÊXODO. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 124.

<sup>183</sup> Grifo meu.

<sup>184</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 27-28.

sempre? **Por quanto tempo** esconderás tua face de mim?”<sup>185</sup>. No trecho de *O Velho e o Mar* citado anteriormente, há a repetição de “e” que dá a sensação de um número inimaginável de situações lindas que poderiam ser vistas na África. Estes sonhos eram para Santiago tão lindos e importantes que o deixavam feliz por dormir e poder sonhar, visitando lugares que outrora já havia visitado.

O velho gostava de beisebol, e acompanhava as partidas no jornal e no rádio. Naquele dia, ele tinha um jornal do dia anterior, que um personagem chamado Pedrito deu à ele. Pedrito é mencionado apenas no início e ao final da história. Talvez seja um dos poucos pescadores que não zombam de Santiago. Ou talvez ele só sentisse pena. De qualquer maneira, estes pequenos atos deixavam o velho feliz, porque assim ele poderia acompanhar seu esporte preferido. O garoto dividia com o velho a paixão pelo beisebol. Eles falavam das partidas juntos.

- Agora tenho de ir procurar sardinhas. Guardarei todas juntas, no gelo, as suas e as minhas, e amanhã cedo poderemos separá-las. Depois, quando eu voltar, você me contará o que eles dizem no jornal a respeito do beisebol, certo?
- Os Yankees não podem perder.
- Mas eu tenho um pouco de medo dos Indians de Cleveland.
- Tenha confiança nos Yankees, meu filho. Pense no grande DiMaggio.
- Tenho medo dos Tigers de Detroit e dos Indians de Cleveland.<sup>186</sup>

Embora já não fosse mais tão orgulhoso, Santiago tinha medo de virar mendigo. Ao conversar com o garoto, decidiu que iria comprar um bilhete de loteria que terminasse com o número oitenta e cinco, porque no dia seguinte seria 85 dias sem conseguir pegar nenhum peixe. Eles não tinham dois dólares e meio para comprar o bilhete, e o garoto, então, fala que qualquer pessoa emprestaria a ele essa quantia. Em seguida, o velho responde: “A mim também me emprestavam. Mas não quero pedir emprestado a ninguém. Primeiro, pede-se emprestado. Depois, pede-se esmola”<sup>187</sup>. Seu orgulho estava arrefecendo, porém ele ainda mantinha uma esperança, por mínima que fosse, de pegar um peixe ou de não precisar algum dia pedir esmola a outras pessoas.

Santiago ainda mantinha uma força física, o que demonstrava o quanto ele ainda era capaz de fazer grandes pescas e aguentar muitas coisas. Parte de suas proezas ainda podiam ser percebidas em seu porte físico:

Quando ele voltou, mais tarde, o velho Santiago estava dormindo e o sol já começava a baixar no horizonte. O garoto foi buscar a velha manta da cama e colocou-a sobre os ombros do velho. Eram ombros estranhos, ainda poderosos embora muito velhos,

<sup>185</sup> **Antigo Testamento: BÍBLIA**, A. T. SALMOS. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 890.

<sup>186</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 20-22.

<sup>187</sup> HEMINGWAY, 2021, 22.



e o pescoço também era ainda muito forte. Não se viam tanto as rugas quando estava dormindo assim, com a cabeça descaída para a frente. A camisa havia sido remendada tantas vezes que mais se assemelhava a uma vela, e os remendos, sob a ação do sol, tinham-se esbatido em diversos tons. A cabeça do velho era muito velha e, com os olhos fechados, não havia vida no seu rosto. Tinha o jornal estendido nos joelhos e o peso do braço impedia que a brisa da tarde o levasse. Estava descalço.<sup>188</sup>

Novamente, mais uma semelhança entre o personagem principal e Hemingway<sup>189</sup>. Mesmo após sofrer os dois acidentes de avião, que por último quase o impossibilitavam de se mover, Hemingway ainda tinha o porte físico robusto, como foi explicado no livro de Carlos Baker. Sempre foi uma pessoa fisicamente forte, desde a adolescência, e isto não mudou durante a velhice. Isto também demonstra o quanto Hemingway falava sobre si e como se sentia na obra. Durante a obra, muitas outras semelhanças entre o velho e Hemingway são encontradas, como o trecho em que o velho, ao lembrar do passado, diz que via os leões nas montanhas da África quando era garoto: “Quando eu tinha a sua idade, meu garoto, andava na proa de um navio que fazia carreira para a África e foi lá que vi leões nas praias, à noitinha”<sup>190</sup>. Esta lembrança recorrente na memória de Santiago também era recorrente em Hemingway. O autor amava a África, e gostava de ter contato com os animais, embora às vezes os caçasse.

Como o próprio Hemingway dizia que toda obra era, de alguma forma, autobiográfica, é fácil ver as semelhanças não apenas físicas entre ele e Santiago, mas também sentimentais. À época que Hemingway escreveu *O Velho e o Mar*, ele já não pensava tanto em mulheres e o amadurecimento lhe trouxe outra percepção da vida - assim como Santiago:

Havia muito tempo que não sonhava com tempestades nem com mulheres, nem também com grandes acontecimentos ou grandes peixes, ou lutas, ou desafios de força, nem mesmo com a sua mulher. Agora sonhava apenas com lugares e com os leões na praia. Os leões brincavam na areia como gatinhos e ele os amava tal como amava o garoto. Nunca sonhava com ele<sup>191</sup>.

A verossimilhança, tão valorizada por Hemingway, pode ser facilmente verificada na história. *O Velho e o Mar* é realista, principalmente ao trazer à história pessoas reais. Como exemplo disso, o velho, em uma conversa com o garoto, fala sobre o jogador de beisebol Dick Sisler.

- Nunca houve nada igual. Nunca vi ninguém lançar a bola tão longe quanto ele.

<sup>188</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 22-23

<sup>189</sup> Cabe reiterar aqui a importância de considerar as semelhanças entre autor e personagem sem, contudo, misturar os dois. Embora Hemingway tenha deixado um pouco de seus sentimentos em Santiago, há diferenças cruciais entre os dois, principalmente na personalidade explosiva de Hemingway e muitas outras características que são percebidas em biografias do autor. Nesta pesquisa, são sinalizadas algumas semelhanças, mas deve-se considerar que são poucas comparadas às diferenças.

<sup>190</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 25.

<sup>191</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 28.

- Lembra-se de quando ele costumava vir à Esplanada? Teria gostado de levá-lo para pescar, mas tinha vergonha de convidá-lo. Depois eu lhe pedi que o convidasse, mas também era muito tímido.
- Lembro perfeitamente. Foi um grande erro. Dick Sisler era bem capaz de ter querido vir conosco e então íamos ter essa lembrança boa pelo resto da vida.
- Eu gostaria de levar o grande DiMaggio para pescar - falou o velho Santiago. - Dizem que o pai dele era pescador. Talvez tivesse sido tão pobre como nós e pudesse compreender nossa vida<sup>192</sup>

Dick Sisler (1920-1998), que tinha cerca de trinta anos quando esta obra foi escrita, foi um jogador bem sucedido no beisebol, assim como DiMaggio (1914-1999), que jogava no *Yankees*, o que demonstra o quanto esta obra era parecida com a vida real. Outra verossimilhança que há na obra é a própria concepção de *homem* para os personagens. Em 1950, naturalmente havia uma concepção machista sobre a humanidade. Os homens deviam seguir um padrão rígido de comportamento e sentimento - e isso em parte causou muitos problemas para o próprio autor, que em sua juventude fazia muitas atividades que eram consideradas másculas, como usar o *boxe* para brigar com pessoas que criticavam suas obras. Talvez o Hemingway tenha escrito esta verossimilhança sem perceber, porque esta era a maneira que ele de fato via a vida. Como exemplo, Santiago, em certo momento, diz a Manolin que ao pagar uma cerveja para ele, já era um homem. A concepção de Santiago de homem era pagar uma cerveja para um amigo. Para o garoto, a concepção de homem era acordar cedo; quando o velho o busca cedo da manhã para que o garoto o ajude a montar o barco e sair para a pescaria, ele diz que sente muito por ter acordado Manolin tão cedo, ao que Manolin responde: “*Qué va!* [...] É o que um homem tem de fazer”<sup>193</sup>.

Santiago, no início da história, sentia-se triste, deprimido, muito semelhante ao livro de *Eclesiastes*, que é todo escrito com aflição e tristeza.

O velho bebeu o café lentamente. Não comeria nada durante o dia todo e sabia que devia tomá-lo. Havia muito tempo que comer o aborrecia e nunca levava almoço para o barco. Tinha uma garrafa de água na embarcação e não precisava de mais nada.<sup>194</sup>

O velho bebia o café lentamente, provavelmente pensando na sua vida e como as coisas mudaram. Comer era para ele algo que o aborrecia; ele não sentia mais prazer no que outrora o deixava feliz. De modo semelhante, Salomão, ao verificar o apetite incansável, afirma em *Eclesiastes* 6:7 que “Todo o trabalho do homem é para a sua boca, e contudo o seu apetite nunca se satisfaz.”<sup>195</sup>. É como se houvesse uma desilusão, porque mesmo que o homem trabalhe

---

<sup>192</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 25.

<sup>193</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 29.

<sup>194</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 30.

<sup>195</sup> **Antigo Testamento: BÍBLIA**, A. T. ECLESIASTES. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 1066.

muito, a fome nunca acaba. A falta de apetite é um sintoma da depressão, quando nada alegra uma pessoa, mesmo as coisas que antes a alegravam - e comer é algo tão essencial ao ser humano que sentir alegria ao comer é instintivo para que a pessoa consiga satisfazer uma necessidade básica de sobrevivência. Quando mesmo uma necessidade básica não alegra alguém, é porque sua situação psicológica não está de fato bem.

Seguindo a história, o garoto, embora proibido por seu pai de acompanhar o velho na pescaria, decidiu acordar cedo e ajudar o velho para que ele tivesse uma pesca bem sucedida no seu 85º dia sem capturar um peixe:

O garoto voltou com as sardinhas e a isca embrulhadas numa folha de jornal e desceram para o barco, sentindo as pedras da areia sob os pés descalços. Levantaram a embarcação e fizeram-na deslizar para a água.

- Boa sorte, meu velho.

- Boa sorte - respondeu o velho. Encaixou os remos nos suportes e começou a remar para fora do porto, envolto em escuridão.<sup>196</sup>

Ao começar sua jornada solitária para o mar naquela madrugada, Santiago observa o seu derredor e começa a relembrar de todas as informações que ele sabia sobre a parte do mar para a qual estava se dirigindo:

O velho sabia que ia muito para o largo; deixou o aroma da terra para trás e continuou a remar em direção ao agradável aroma da madrugada do oceano. Viu na água, enquanto remava, a fosforescência das algas do *Gulf* naquele ponto do oceano que os pescadores chamavam *o grande poço*, pois havia ali uma súbita profundidade de mil e trezentos metros onde se juntavam peixes de todas as espécies por causa do remoinho que a corrente fazia contra as altas paredes do fundo do oceano. Existiam ali grandes ajuntamentos de camarões e de peixes miúdos que serviam para isca e também, nos recantos mais profundos, aglomerados de parasitas que vinham à superfície durante a noite e serviam de alimento a todos os peixes que andavam por aquelas bandas<sup>197</sup>.

As reflexões do velho começaram logo no início de sua aventura no mar. Ele começou a pensar sobre as gaivotas menores, que ficavam em busca de alimento no mar, e raramente encontravam. Ele acaba se perguntando inclusive sobre o quanto algumas situações podem ser injustas:

[...] e o velho pensava: “As aves têm uma vida mais dura do que a nossa, excetuando as aves de rapina e as mais fortes. Por que existiriam aves tão delicadas e tão frágeis, como as andorinhas-do-mar, se o mar pode ser tão violento e cruel? O mar é generoso e belo. Mas pode-se tornar-se tão cruel e tão rapidamente, que aves assim, que voam mergulhando no mar e caçando com as suas fracas e tristes vozes, são demasiados frágeis para enfrentá-lo”<sup>198</sup>.

---

<sup>196</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 31.

<sup>197</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 31.

<sup>198</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 32.

Suas reflexões de início de pesca o direcionam a uma reflexão sobre o próprio mar. Ele, com o tempo e com a experiência de vida, começa a ter uma percepção diferente sobre as águas. Percebe que no começo, os pescadores sentem medo, mas depois, começam a se sentir mais confortáveis. Há aqueles que nunca deixam de ver o mar como inimigo.

O velho pensava sempre no mar como sendo *la mar*, que é como lhe chamam em espanhol quando verdadeiramente o querem bem. Às vezes aqueles que o amam lhe dão nomes vulgares, mas sempre como se fosse uma mulher. Alguns dos pescadores mais novos, aqueles que usam boias como flutuadores para as suas linhas e têm barcos a motor, comprados quando os fígados dos tubarões valiam muito dinheiro, ao falarem do mar dizem *el mar*, que é masculino. Falam do mar como de um adversário, de um lugar ou mesmo de um inimigo. Entretanto, o velho pescador pensava sempre no mar no feminino e como se fosse uma coisa que concedesse ou negasse grandes favores. mas o mar praticasse selvagerias ou crueldades era só porque não podia evitá-lo. “A lua afeta o mar tal como afeta as mulheres”, refletiu o velho.<sup>199</sup>

O autor, durante todo o livro, demonstra seu conhecimento da cultura cubana e da língua espanhola. Considerando que sua língua nativa era o inglês americano, que não tem distinção de gênero nas palavras, é impressionante como ele consegue fazer uma reflexão a partir de substantivos e artigos femininos e masculinos. O mar, no inglês, é *the sea*; o *the* pode ser o/a, não havendo reflexão de gênero passível de ser realizada. Na língua espanhola, entretanto, pode-se ver objetos e condições sem gêneros de modo a serem vistas como gêneros humanos. Para os países falantes de espanhol, *mar* é uma palavra ambígua e, portanto, permite ser usada como no feminino e no masculino. Em Cuba, entretanto, o artigo usado antes da palavra definia muito a visão e experiência das pessoas sobre o mar.

Embora seja conhecido que não há como generalizar uma pessoa pelo gênero, ainda assim, para Santiago - e para Hemingway - havia diferenças de personalidades para homens e para mulheres. Para a percepção da época, mulheres seriam mais sensíveis, amigáveis mas também influenciadas pela lua, com um temperamento que poderia ser instável. Homens, por sua vez, eram vistos como adversários e inimigos. Quem não se considerava amigo do mar e o temiam, chamavam-no de *el mar*. Quem se sentia amigo e amava o mar, o chamavam de *la mar*. Esta noção também influencia em uma crença que passou a surgir na Cuba a partir do sincretismo religioso - que influenciou também o catolicismo de Hemingway. A Iemanjá, conhecida no Brasil como a protetora dos mares e padroeira dos pescadores, segundo a crença nordestina, é mãe e esposa, amando os homens e os protegendo. Mas, se os deseja, os mata e torna-os seus esposos ao fundo do mar<sup>200</sup>. Em Cuba, entretanto, Iemanjá é chamada de *Yemayá*,

<sup>199</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 32

<sup>200</sup> BLASS, Leila Maria da Silva. Dois de fevereiro, Dia de Iemanjá, Dia de Festa no Mar. **Revista Nures**. São Paulo. n.5, p. 131-149, jan.-abr. 2007.

e é conhecida como a mãe de todos os filhos da terra, mas também inflexível, e isto explicaria os momentos em que os mares são revoltos<sup>201</sup>. Há uma possibilidade, também, de relacionar a importância do mar com diversos versículos bíblicos, como em Miqueias, que diz que Deus joga todos os pecados nas profundezas do mar, onde o ser humano não mais poderia encontrar. Durante toda a Bíblia, *peixe e mar* aparecem muitas vezes, tanto literal quanto simbolicamente, sendo noções importantes para a compreensão do cristianismo.

Enquanto tinha as reflexões sobre suas percepções sobre o mar, Santiago com a ajuda dos remoinhos da água, se viu mais longe do que esperava ao amanhecer. Ele decide ir pescar ao largo, que era onde se encontravam os peixes menores e, se tivesse sorte, encontraria um grande em seu meio. Logo após isso, há mais uma referência ao paralelismo hebraico. O paralelismo, desta vez, é de número, onde a narrativa vai acrescentando mais números a cada parte da frase para trazer mais detalhes e profundidade à narrativa:

Antes de ter nascido completamente a manhã, já tinha a isca na água, navegando ao sabor da corrente. Uma das linhas ia a setenta metros de profundidade, outra a cento e trinta, e uma terceira e uma quarta estavam mergulhadas nas águas azuis a cento e oitenta e a duzentos e quinze metros<sup>202</sup>.

Este trecho demonstra, além de um paralelismo numérico, um paralelismo aumentativo, pois a cada isca citada a profundidade é maior. A seguir, há dois parágrafos cheios de detalhes; parágrafos descritivos, que explicam a isca que Santiago estava utilizando para a pesca:

O jovem Manolin dera-lhe duas pequenas albacoras frescas, as quais estavam presas às duas linhas mais fundas; nas outras, tinha um peixe azul e outro amarelo que já tinha usado antes, mas que ainda estavam em boas condições, além das excelentes sardinhas para lhes darem aroma e poder de atração. Cada uma das linhas, da grossura de um lápis, estava atada a uma vara de madeira verde de forma que o menor esticão ou toque na isca faria a vara curvar-se; cada uma das linhas tinha, enrolados, dois cabos de setenta metros que podiam ser rapidamente ligados aos outros rolos, de maneira que, se necessário, um peixe pudesse dispor de quinhentos metros de linha para correr à vontade<sup>203</sup>.

Santiago, de fato, tinha muita técnica para fazer a pescaria. A narrativa conta que, diferentemente de outros pescadores, que jogavam a linha pela corrente marítima achando que estavam a cento e cinquenta metros enquanto estavam, na verdade em cem, Santiago tinha a técnica necessária para fazer uma boa pesca, pois mantinha a linha ao lado direito e perto do barco. Isto permitia que a linha da pesca fosse totalmente submersa e em mais profundidade.

---

<sup>201</sup> Rituales en Cuba: quién es Yemanyá, la misteriosa y temida diosa del mar. **Infobae**. Disponível em: <https://www.infobae.com/america/america-latina/2017/02/08/rituales-en-cuba-quien-es-yemaya-la-misteriosa-y-temida-diosa-del-mar/#:~:text=El%20sincretismo%20religioso%20determina%20que,sea%20fuente%20de%20la%20vida..>

Acesso em: 10 maio 2024.

<sup>202</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 33.

<sup>203</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 34.

Foi ao fazer isso que o velho percebeu que sempre fazia as pescas das melhores formas e com as melhores técnicas, mas não pescava há oitenta e quatro dias porque estava sem sorte.

O conhecimento que o velho tinha do mar o fez perceber que uma andorinha estava ao redor de uma área específica. Ele viu, pelo seu comportamento, que a andorinha não estava à procura à toa; ela realmente havia achado algo em meio a água. Então, ele decidiu ir até ela, lentamente, de acordo com a corrente e sem movimentar muito a linha de pesca.

A história continua mostrando a análise do velho sobre o mar: havia peixes e um cardume de dourados que a andorinha tentava pegar, mas não conseguia, porque estavam cobertos pelos peixes-voadores. A descrição continua descrevendo alguns animais marítimos, como algas e as fisálias, com sua forma púrpura e gelatinosa. A análise continua sobre o clima, o sol e as nuvens, demonstrando também o conhecimento do próprio autor. Toda esta descrição detalhada sobre os detalhes que envolvem a pescaria ocorre porque Hemingway tinha um conhecimento profundo sobre pescaria. Ele, por muito tempo, teve a pescaria como um *hobby*, principalmente durante o tempo que viveu em Cuba.

Durante este momento da narrativa, o velho começa a pensar sobre as tartarugas marinhas. Ele gostava das tartarugas verdes, e tinha desprezo amigável pelas tartarugas de carapaça amarela. Era um desprezo *amigável* porque ele sabia que as tartarugas amarelas comiam as fisálias, chamadas por ele de *agua mala*<sup>204</sup>, que tinham filamentos venenosos aos homens. Toda esta reflexão leva a um sentimento de Santiago: ele sentia compaixão das tartarugas, pelo fato de que seus corações continuavam a palpitar por muitas horas, mesmo após serem mortas e cortadas em pedaços. Nesta parte, Santiago, mesmo sendo um pescador e mesmo que por vezes tenha pescado algumas tartarugas, se compadece e pensa: “Eu também tenho um coração assim e os meus pés e mãos são como os dela<sup>205</sup>”. Isto demonstra a empatia do velho: ele consegue se pôr no lugar de uma tartaruga e vê que, na verdade, não é muito diferente dos animais.

Esta percepção de Santiago remete, inclusive, à Bíblia, onde há diversos relatos sobre animais. Em muitas passagens há metáforas sobre Deus em relação aos animais, como em Oseias 13:7-9<sup>206</sup>, onde Deus é comparado a um leão, leopardo ou urso. Em João 1:32<sup>207</sup>, o

---

<sup>204</sup> Em português, *água ruim* ou *água má*.

<sup>205</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 40.

<sup>206</sup> **Antigo Testamento: BÍBLIA**, A. T. OSEIAS. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 1414.

<sup>207</sup> **Novo Testamento: BÍBLIA**, N. T. JOÃO. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 1726.

Espírito Santo vem em forma de pomba e em João 1:29<sup>208</sup> Jesus é considerado como um cordeiro, que tira o pecado do mundo. Mesmo os versículos que mencionam os sacrifícios para tirar pecados das pessoas no Antigo Testamento não mostravam isso como uma boa prática, mas era uma maneira de demonstrar o quão horrível era o pecado para Deus, a ponto de ter que sacrificar um animal sem defeitos para obter perdão.

Quando Santiago se vê na tartaruga, ele reflete sobre como a humanidade e os animais são todos iguais. Os seres humanos têm semelhanças inclusive com as tartarugas, portanto, deve-se sentir empatia pelos animais, que também são criação divina. Isto remete à Teopoética, quando Rubem Alves dizia que via Deus ao seu redor em tudo: nos animais, nos passarinhos e em qualquer obra da natureza ao seu redor.

A narrativa continua com a andorinha ainda descrevendo círculos nos céus e, então, Santiago vê que haviam peixes *albacora* saltando ao ar. Ao descrever estes peixes, mais uma vez Hemingway utiliza o paralelismo aumentativo novamente:

Mas, enquanto o velho olhava, uma pequena albacora saltou no ar, deu uma reviravolta e tornou a mergulhar de cabeça, brilhando ao sol com suas escamas prateadas. Depois de ter mergulhado, apareceu uma outra e mais outra e depois muitas mais que saltavam em todas as direções, agitando a água e dando grandes saltos atrás de um cardume de pequenos peixes que agora se tornava visível. Estavam cercando o cardume e levando-o para onde queriam.<sup>209</sup>

Então, o velho conseguiu pescar seu primeiro peixe, uma albacora, após 84 dias. Ele, ao capturar o pequeno peixe e deixá-lo no barco, deu um pontapé no animal que estava se debatendo, atirando-o para a popa. O livro descreve isto como um ato de compaixão, pois o peixe estava sofrendo. Era uma albacora de uns três quilos, observação esta que ele não apenas pensou, mas também falou em voz alta.

Não se lembrava de quando começara a falar em voz alta quando estava sozinho. Nos velhos tempos costumava cantar quando estava só no mar e às vezes também cantava de noite quando estava ao leme na sua hora de vigia nas sumacas ou barcos de tartarugas. Talvez tivesse começado a falar em voz alta quando ficou sozinho, depois que Manolin fora trabalhar em outro barco. Mas não se lembrava. Quando ia pescar com o garoto, geralmente só falavam quando preciso. Só conversavam à noitinha ou então quando surpreendidos por uma tempestade ou mau tempo. Era uma virtude não falar desnecessariamente quando no mar e o velho pescador sempre pensara assim, respeitando essa norma. Mas, agora, muitas vezes exprimia os seus pensamentos em voz alta, pois isso não iria incomodar ninguém<sup>210</sup>.

<sup>208</sup> **Novo Testamento: BÍBLIA, N. T. JOÃO.** In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 1726.

<sup>209</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 41.

<sup>210</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 42-43.

Aqui há uma referência a Provérbios 17:28, que diz “Até um tolo, quando fica quieto é contado como sábio; e aquele que fecha seus lábios é estimado como um homem de entendimento.”<sup>211</sup> e Provérbios 10:19, que explica que “Na multidão de palavras não falta pecado, mas aquele que refreia os seus lábios é sábio”<sup>212</sup>. Santiago, então, passou a pensar no que outras pessoas diriam se o vissem falando sozinho, porém chegou a conclusão de que não importava a opinião deles:

Se os outros me ouvissem falando sozinho, julgariam que estou louco - disse alto. - Mas, como não estou louco, não me importo. Os ricos têm aparelhos de rádio nos seus barcos para ouvir música e notícias de beisebol<sup>213</sup>.

No ano em que o livro foi escrito, era considerado um luxo ter um rádio disponível para levar à pesca, pois isso diminuía a solidão de quem saía para pescar sozinho. Santiago conversava consigo mesmo agora. Porém, quando estava com o garoto falavam raramente, mas esta falta de conversa não causava a sensação de solidão porque tinha alguém vivenciando a mesma situação junto com ele, mesmo sem falar. Ficar em silêncio é um grande ato de amizade, pois duas pessoas só se sentem confortáveis no silêncio quando realmente há uma verdadeira intimidade.

Quanto à importância do silêncio na verdadeira intimidade e amizade, há uma passagem bíblica no livro de Jó. Jó estava em extremo sofrimento porque havia perdido tudo e sentia-se devastado quando seus amigos vieram visitá-lo:

Então, quando os três amigos de Jó ouviram sobre todo este mal que lhe sobrevieram, cada um veio de seu próprio lugar: Elifaz, o temanita, e Bildade, o suíta, e Zofar, o naamatita; porque haviam concordado em vir para prantejar com ele e consolá-lo. E quando eles levantaram seus olhos de longe, não o conheceram, levantaram sua voz e choraram, e cada um rasgou o seu manto e lançou pó sobre as suas cabeças em direção ao céu. Então, assentaram-se com ele no chão durante sete dias e sete noites; e ninguém lhe falou uma palavra, porque eles viram que sua dor era muito grande.<sup>214</sup>

Voltando à narrativa, o velho decide continuar se aventurando ao mar, embora o sol estivesse muito quente e ele já estivesse suando, porque era o octogésimo quinto dia e ele queria que houvesse uma boa pesca. Posteriormente, ele viu que uma das varas que estavam ao mar se dobraram violentamente. Pegando a linha, sentiu outro puxão. Logo, pela experiência, ele

---

<sup>211</sup> **Antigo Testamento: BÍBLIA**, A. T. PROVÉRBIOS. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 1034.

<sup>212</sup> BÍBLIA, 2021, p. 1022.

<sup>213</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 43.

<sup>214</sup> **Antigo Testamento: BÍBLIA**, A. T. JÓ. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 833-834



percebeu o que era: um espadarte<sup>215</sup> a cento e cinquenta metros de profundidade. Ele percebeu que o peixe estava comendo o atum-isca e as sardinhas que estavam no anzol, e desprende a mão da vara, para que o peixe não desconfiasse e continuasse a se alimentar da isca.

Neste momento, Santiago começou a conversar com o peixe, mesmo sabendo que não seria ouvido. “Vamos! [...] Dê outra volta. Cheire-as. Não são deliciosas? Coma-as todas agora e depois ainda lhe restará o atum. Duro, frio e saboroso. Não seja tímido, meu peixe. Coma-as”<sup>216</sup>. A esperança do velho era que o espadarte comesse as sardinhas que estavam na cabeça do peixe-isca. Uma vez que o espadarte comesse o peixe-isca albacora, ele seria, então, fígado. A história não descreve quantas linhas de pesca o velho tinha em volta de si no barco, mas eram mais de duas, pois ele tinha em cada canto do barco uma vara pendurada na vertical.

Torcendo para que o espadarte comesse as sardinhas, Santiago diz: “- Vai comê-las. [...] Deus o faça comê-las.”<sup>217</sup>. Aí é demonstrada a fé de Santiago. Ele acreditava em Deus e logo nesse começo de batalha com o peixe, já pensou que Deus pudesse ajudá-lo. A seguir, a história informa que “o peixe não trincou. Afastou-se de novo e o velho não sentiu mais nada”<sup>218</sup>. Neste momento, pode ter havido um desânimo em Santiago, mas ele não perdeu as esperanças, novamente falando sobre Deus: “Não é possível que tenha ido embora - murmurou o velho. - Deus sabe que não pode ter ido embora. Está dando uma volta. Talvez já tenha alguma vez mordido um anzol e esteja agora se lembrando disso”<sup>219</sup>.

Porém, Santiago voltou a sentir o peixe, e isso o deixou feliz; se sentia radiante com a pressão na linha, até que sentiu um puxão muito violento. Ele estava sentindo, então, quão pesado o peixe era. A linha foi correndo para baixo, e Santiago falou “Mas que peixe! [...] Agarrou o atum e está afastando-se com ele na boca”<sup>220</sup>. A religiosidade de Santiago era um tanto baseada em superstições também. Ele pensou “Depois há de parar, dar uma reviravolta e engoli-lo”<sup>221</sup>, pensou o velho pescador. Não disse isto em voz alta, porque sabia que, se dissesse uma coisa boa, talvez ela não acontecesse”<sup>222</sup>. É uma superstição popular comum que as pessoas tenham que guardar coisas boas para si.

---

<sup>215</sup> O espadarte, também conhecido como peixe-espada, é um peixe que pode atingir 4,5 metros e pode chegar a pesar 540 kg.

<sup>216</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 45.

<sup>217</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 45.

<sup>218</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 45.

<sup>219</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 46.

<sup>220</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 46.

<sup>221</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 46.

<sup>222</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 46.

Depois de dar mais linha ao espadarte, que estava se afastando com a isca, ele sentiu que finalmente o peixe havia parado. Percebeu, pelo movimento da linha, que finalmente o peixe havia mordido o atum que servia de isca. Ao torcer que o espadarte o comesse, o pensamento de Santiago foi um pouco violento, porém sincero, ao pensar “Coma-o de maneira que a ponta do anzol lhe espete o coração e o mate [...]. Venha à tona sem grandes dificuldades e deixe-me agarrá-lo com o arpão. Pronto. Está pronto? Já comeu bastante?”<sup>223</sup>. A partir de então, começa uma grande luta com o peixe:

- Agora! - exclamou em voz alta, agarrando a linha com as duas mãos e começando a puxar com força. Recuperou um metro de linha e depois puxou e tornou a puxar, estendendo cada braço alternadamente sobre a linha com toda a força dos músculos e todo o peso de seu corpo bem-equilibrado [*sic*] no banco. [...] Não aconteceu nada. O peixe deslocou-se lentamente e o pescador não conseguiu içá-lo nem um centímetro. A linha era forte e feita especialmente para suportar o peso de peixes grandes. O velho passou-a pelas costas e aguentou o peso do peixe, esticando-a tanto, que começaram a escorrer-lhe gotas de água pelas costas abaixo. Depois a corda começou a produzir uma espécie de assobio na água e ele continuou a segurá-la, esforçando-se para não ser cuspidado do barco e inclinando-se para trás a fim de resistir à pressão. O barco principiou então a mover-se lentamente para nordeste<sup>224</sup>.

Assim que Santiago começou a ser levado na direção que estava indo o peixe, ele começou a devanear seus pensamentos; navegando física e mentalmente. Sentiu-se sozinho e precisava de uma boa companhia para compartilhar os momentos bons e ruins com ele:

- Gostaria de ter o garoto aqui comigo - falou o velho em voz alta. - Estou sendo rebocado por um peixe e sou eu o poste ao qual está preso o reboque. Podia puxar mais a linha. Mas ela podia partir-se. Preciso aguentar enquanto puder e dar-lhe a linha quando for preciso. Graças a Deus que está avançando direito em vez de ir para o fundo<sup>225</sup>.

Diversos provérbios falam sobre amizade na Bíblia e a maioria deles poderiam muito bem descrever a amizade de Santiago e Manolin. Em Provérbios 17:17 lê-se “Um amigo ama em todo o tempo, e na adversidade nasce nasce um irmão”<sup>226</sup>. Manolin, portanto, provou-se um grande amigo, pois mesmo que Santiago estivesse em uma onda de azar, o garoto continuava disposto a ajudá-lo. Em Eclesiastes 4:9-10, há uma descrição que retrata muito bem esses momentos em que Santiago desejava tanto que o garoto estivesse com ele: “Melhor é serem dois do que um, porque têm melhor recompensa por seu trabalho. Porque se eles caírem, um

---

<sup>223</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 47.

<sup>224</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 47.

<sup>225</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 49.

<sup>226</sup> **Antigo Testamento: BÍBLIA**, A. T. PROVÉRBIOS. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 1033.

levantará o seu companheiro; mas ai do que estiver só quando cair, porquanto não haverá outro para ajudá-lo”.<sup>227</sup>

Mais um paralelismo segue com o desenrolar da história, no seguinte trecho: “Que fazer se ele for para o fundo é que não sei. O que hei de fazer se ele mergulhar ou partir disparado não sei. Mas farei alguma coisa. Há uma porção de coisas que posso fazer<sup>228</sup>”. Repete-se o **não sei**, para que o leitor perceba o sentimento de impotência que o velho sentia, portanto é o paralelismo de repetição. Depois, há também um paralelismo aumentativo, para mostrar que, mesmo que não soubesse o que aconteceria, ele tinha esperanças, falando **coisa** e depois **uma porção de coisas**. Ele não sabia o que faria se o enorme peixe o levasse para baixo, apenas sabia que faria algo.

Enquanto o velho era arrastado pelo espadarte, percebeu que, se continuasse desta maneira, o peixe certamente morreria.

Mas quatro horas depois o peixe continuava a nadar compassivamente para o largo, rebocando a embarcação, e o velho continuava firmemente instalado com a linha passada pelas costas e as duas mãos a segurá-la com quanta força tinham ainda seus velhos músculos<sup>229</sup>.

Santiago percebeu que ele havia fisdado o peixe ao meio-dia e já eram quatro horas da tarde, portanto ele estava batalhando há quatro horas sem nem ao menos ter visto o peixe; lutando com uma força desconhecida. O velho estava começando a se sentir cansado, portanto sentou-se finalmente no barco e tomou um gole de água de uma garrafa que ele havia levado. Ele tentava não pensar em nada, apenas aguentar. Este trecho é representativo porque diversas vezes na vida, as pessoas se encontram em situações tão difíceis que nem ao menos sabem o que falar ou pensar, só tentam *aguentar* da melhor maneira possível.

Mais adiante olhou para trás e verificou que já não via terra. “Não faz diferença”, pensou. “Para voltar [*sic*] posso sempre guiar-me pelo resplendor de Havana. Ainda faltam duas horas para o pôr do sol e pode ser que ele venha à tona antes disso. Senão, pode ser que venha para cima com a lua. E, se isso também não acontecer, pode ser que se decida vir à tona com o nascer do sol. Não tenho câibras e sinto-me forte. Quem tem o anzol na boca é ele. Mas que peixe deve ser para puxar desta maneira! Deve ter a boca fechada sobre o anzol. Gostaria de poder vê-lo. Gostaria de vê-lo uma vez só para saber o que tenho pela frente.”<sup>230</sup>

<sup>227</sup> **Antigo Testamento: BÍBLIA**, A. T. ECLESIÁSTES. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 1064.

<sup>228</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 49.

<sup>229</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 49.

<sup>230</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 50.

A resiliência de Santiago é perceptível neste momento. Não importava se ele tinha fome ou sede ou se estava há muitas horas lutando com o peixe e já ia amanhecer: não tinha câibras, portanto, podia aguentar. Anoi-teceu, finalmente, e com o anoitecer veio o frio, que secou o suor que o velho tinha nas costas. Ele já não via mais terra, estava totalmente rodeado por águas. Ele tinha algumas maneiras de aliviar seu cansaço: pegou o pano que antes cobria o anzol e atou-o em volta de seu pescoço, de modo que pudesse apoiar a vara com um pano servindo como almofada em seu ombro.

Durante o frio da noite e enquanto segurava a linha e era conduzido pelo espadarte, o pensamento de Santiago começou a se desligar um pouco da questão em que se encontrava, e isso significava que a ansiedade inicial estava diminuindo. Ele começou a pensar em seu esporte favorito:

“[...] Quais teriam sido hoje os resultados do beisebol nas ligas principais? Seria maravilhoso se eu tivesse um aparelho de rádio.” Depois disse: “Pense constantemente no peixe. Pense no que está fazendo. Você não deve distrair-se nem um minuto.”

E em voz alta:

- Gostaria tanto de ter aqui o garoto! Para me ajudar e para ver isto.<sup>231</sup>”

O velho não se permite distrair muito. Porém, reflete-se sobre o que o velho mais desejava naquele momento: ele queria um rádio para ouvir a partida de beisebol. Para muitos, mesmo em 1951, época em que se passava o livro, era algo normal ter tal aparelho; como os computadores hoje em dia. Ainda assim, há pessoas que não têm o que a maioria tem por falta de condições financeiras mesmo. É comovente pensar que quem tem muitas coisas, não dá valor para o que seria o maior desejo de outra pessoa. O velho, então, lembra do garoto e percebe que queria sua companhia; para ajudá-lo e para compartilhar daquela experiência. A experiência era demasiado impressionante para que ele a presenciasse sozinho. Ele atribui essa vontade de ter companhia também à sua idade:

“Pessoas da minha idade nunca deviam estar sozinhas”, pensou. “Mas é inevitável. Tenho de comer aquele atum antes que comece a luta, para estar forte. Lembre-se de que, mesmo que não tenha fome, você precisa comer de manhãzinha. Lembre-se”, repetiu-o em pensamento<sup>232</sup>.

Sem seu amigo por perto, o velho começa a ser seu próprio amigo. Ele mesmo se aconselha em pensamento a não deixar de comer, mesmo que não tenha fome, pois precisava estar forte para a luta. Costumava mentir para o garoto, dizendo que já tinha se alimentado para não incomodar o garoto; e porque comer o aborrecia. Agora, sem outra pessoa para lhe dizer

---

<sup>231</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 51.

<sup>232</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 51.

que se alimente, ele mesmo se conscientiza sozinho disso, provavelmente lembrando dos conselhos de Manolin. Era uma maneira de se manter na luta. Enquanto batalhava, ainda refletia sobre a existência humana na terra, e como há uma semelhança aos animais:

Durante a noite [*sic*] dois porcos-marinhos aproximaram-se do barco e o velho ouviu-os rolar na água e a soprar com força. Notou a diferença entre o soprar do macho e o da fêmea.

- São bons - murmurou o velho. - Brincam, implicam um com o outro e amam-se. São nossos irmãos, tal como os peixes-voadores<sup>233</sup>.

A empatia então começou a tomar conta do velho e ele parou para pensar no animal que havia capturado. Suas reflexões foram profundas e já não era mais um mero pescador fisingando um peixe; tratava-se agora de um amigo.

Depois começou a ter pena do enorme peixe que agarrara. “É maravilhoso e estranho, e quem saberá que idade tem?!”, pensou o velho. “Nunca pesquei um peixe tão pesado e tão estranho. Talvez seja muito inteligente para saltar. Podia acabar comigo se saltasse ou caso se lançasse numa disparada louca. Mas talvez já tenha sido enganado outras vezes e saiba que é assim que deve levar a cabo a sua luta. Não tem meios de saber que sou um único homem contra ele, nem que sou apenas um velho. Mas que grande peixe que é ele e que fortuna deve valer no mercado, se tiver boa carne. Agarra na isca como um macho e puxa como um macho, e na sua luta não há pânico. Terá algum plano ou estará tão desesperado como eu?”<sup>234</sup>

Observa-se que, quando o peixe parece lutar bravamente, o velho considerava uma característica de *macho*. Este é um pensamento tipicamente machista. Hemingway já havia mudado muito quando escreveu *O Velho e o Mar*, mas os estereótipos de gênero continuavam com ele. Talvez Hemingway fosse assim por causa da cultura em que foi criado e das noções da época ou talvez esta fosse uma característica própria; isto não há como ter certeza. Seja como for, agora o velho começa a admirar o peixe. Pensa na fortuna que ele pode valer, mas também pensa que o espadarte possa ser inteligente e corajoso, o que torna a batalha ainda mais emocionante. Santiago passara a entender os sentimentos e considerar os animais como irmãos a partir de sua experiência no mar. Ele já havia presenciado o amor de um espadarte macho por uma espadarte fêmea; ele sabia, pela sua percepção, o que os peixes poderiam estar sentindo. Isto é percebido no trecho em que Santiago começa a lembrar de uma pesca que ele fez junto com Manolin há um tempo atrás:

Lembrou-se da ocasião em que pescara um casal de espadartes. O peixe macho deixa sempre que a fêmea se alimente primeiro, e de fato assim fora: a fêmea mordeu a isca e, sentindo-se presa, encheu-se de medo, lançando-se numa luta selvagem e desesperada que depressa a cansou. Durante todo esse tempo [*sic*]o macho ficou ao lado dela, atravessando a linha e circundando-lhe em volta à tona da água. Andara tão perto, que o velho chegara a ter medo que ele cortasse a linha com a cauda tão aguçada

<sup>233</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 52.

<sup>234</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 52.

e quase tão grande como uma foice grande. Quando o velho a enganchou e lhe deu uma série de pancadas que a deixaram quase morta e, depois, com a ajuda do garoto, a içou para bordo, o macho ainda continuou junto ao barco. Depois, quando o velho estava limpando as linhas e preparando o arpão, deu um grande salto no ar, mesmo ao lado do barco, para ver onde estava a fêmea, e voltou a mergulhar nas profundezas, com as asas brancas, as barbatanas peitorais, completamente abertas. E ficou imóvel nessa posição. Era lindo, lembrava-se o velho pescador. E assim permanecera durante muito tempo, de barbatanas abertas, numa posição majestosa e sofrida. “Foi a coisa mais triste que vi desde que passei a pescá-los”, pensou o velho. “O garoto também ficou triste. Pedimos desculpas ao peixe fêmea e o cortamos depressa<sup>235</sup>.”

Naquele momento, o velho passou a entender que os animais, tanto como as pessoas, tinham sentimentos, amor, empatia. Ele lembrou o quão triste ficou ao perceber a tristeza do peixe macho e lembrou que o garoto estava compartilhando aquele momento com ele. Novamente, então, ele disse em voz alta que gostaria muito que o garoto estivesse ali. Em meio a estas emoções, Santiago passou a sentir tristeza ao perceber que ele havia traído o peixe, de alguma maneira. O peixe só estava tão longe e tão profundamente no mar porque não queria ser achado, e era justamente lá, com a isca, que o velho foi e o acertou:

“Porque, afinal, foi por causa da minha traição que ele se viu obrigado a escolher um rumo para onde fugir”, pensou o velho. “A sua escolha inicial fora se esconder nas águas escuras e profundas, para além de todos os laços, armadilhas e traições. A minha escolha fora ir procurá-lo onde jamais alguém ousara ir.” Sim, onde jamais alguém ousara ir. E agora estavam ligados um ao outro e assim se encontravam desde o meio-dia. E não havia ninguém para ajudar nem a um nem a outro<sup>236</sup>.”

O sentimento é de irmandade. Ninguém estava ali para ajudar o peixe. Ninguém estava ali para ajudar o velho. Ele se sentia um traidor por ter ido até o peixe e por tê-lo enganado. Passou até a reconsiderar o fato de ter se tornado um pescador. Logo, porém, ele pensa que foi para isso que havia nascido. O velho não explica por que teria nascido para pescar. Talvez fosse a única atividade que gostasse, talvez fosse uma maneira de lidar com a vida.

Pela terceira vez, o velho repetiu em voz alta que gostaria de ter o garoto ali com ele. Desta vez, porém, ele pensa de modo racional, e decide qual a melhor tática para resolver a situação no momento: “*Mas o garoto não está aqui, pensou. Você só tem a você mesmo e agora o melhor que tem a fazer é chegar àquela outra linha, no escuro ou não, cortá-la e depois ligar os dois rolos de reserva*<sup>237</sup>”.

O peixe deu um grande salto e jogou o velho ao fundo do barco, criando um talho debaixo de seu olho. Santiago começou a pensar porque o espadarte fez isso, então disse em

---

<sup>235</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 52- 53.

<sup>236</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 53.

<sup>237</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 54.

voz alta “Peixe [...], não o largo enquanto viver<sup>238</sup>”. Depois, recostou-se ao banco, sentindo frio e desejando que o sol nascesse logo, pensando “posso aguentar tanto tempo quanto ele<sup>239</sup>”. Sua determinação e resiliência demonstra fé, que ele já dizia ter desde o início da história. E sua fé não era apenas um sentimento de esperança que vinha em sua mente; era, também, um sentimento que o fazia agir, como está escrito em Tiago 2:17 “Assim é a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma”<sup>240</sup>. A fé e a crença em Jesus leva o crente a agir; seja fazendo boas obras e amando o próximo, ou agindo para realizar o que se deseja. A fé de Santiago o fazia agir de modo racional e prático, usando toda sua experiência e conhecimento de pesca e geografia para ir resolvendo os problemas que surgiam durante a batalha com o espadarte.

Finalmente amanheceu. O velho já estava há 24 horas no mar, tendo apenas tomado um gole de água durante o dia inteiro. O peixe ainda não estava cansado e não era levado pela corrente, estando ele ainda a navegar com suas forças. O velho, observando a inclinação da linha, percebeu que o peixe estava nadando perto à tona, o que poderia ser um indicativo de que ele iria saltar e lutar. Novamente, Santiago fala de Deus, como um pedido: “Deus queira que ele salte [...]. Tenho bastante linha para lhe dar.<sup>241</sup>” Ele pensa com suas técnicas de pescador e deseja que o espadarte salte “para que os sacos da espinha dorsal se encham de ar e ele não possa ir para o fundo e morrer lá embaixo<sup>242</sup>”. O ânimo de Santiago estava sendo renovado ao perceber que já era dia claro: “De todos os modos sinto-me agora melhor com o sol a aquecer-me e sem ter que olhá-lo de frente<sup>243</sup>”, como em Salmos 30:5, onde está escrito “Porque a sua ira não dura mais que um momento; em seu favor está a vida; o choro pode durar uma noite, mas a alegria vem de manhã”<sup>244</sup>.

O velho estava já sentindo respeito pelo seu adversário, dizendo em voz alta: “Peixe [...] eu gosto muito de você e o respeito muito. Mas vou matá-lo antes do fim do dia [...] Ou pelo menos assim espero<sup>245</sup>”. A companhia do velho naquela viagem eram os animais ao seu redor. Uma ave canora pousou em uma das linhas de pesca, e ele diz à ave, que estava tremendo de cansaço: “Não tenha medo, a linha está segura, bem segura [...] Bastante segura e quieta. Você

<sup>238</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 55.

<sup>239</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 55.

<sup>240</sup> **Novo Testamento: BÍBLIA**, N. T. TIAGO. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 2057.

<sup>241</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 56.

<sup>242</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 56.

<sup>243</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 56.

<sup>244</sup> **Antigo Testamento: BÍBLIA**, A. T. SALMOS. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 2057.

<sup>245</sup> HEMINGWAY, Ernest. **O Velho e o Mar**. Tradução: Fernando de Castro Ferro. 105ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021, p. 57.

não devia estar assim tão cansado depois de uma noite sem vento. Por que será que os pássaros vêm para cá?<sup>246</sup>”. Mais uma vez, é aplicado o paralelismo aumentativo para demonstrar que a cada vez que falava, poderia acalmar ainda mais o pássaro. Ele tinha cuidado até mesmo com o que falava para a ave, para não assustá-la. Mas ele sabia porque os pássaros iam até ali, em alto mar: “*Para alimentar os falcões, pensou ele, que vêm para o mar procurá-los. Mas não disse nada disto à avezinha, que de qualquer modo não podia compreender e que depressa travaria conhecimento com os falcões*<sup>247</sup>”.

Aceitando o destino da ave, o velho fala para ela repousar e depois seguir viagem e arriscar-se como qualquer homem, pássaro ou peixe. Este conselho do velho demonstra resignação ao destino de todos e da inevitabilidade das batalhas que cada ser há de passar. Ele novamente iguala sua existência a de outros animais, dizendo que os riscos da vida eram para todos, sendo homem, pássaro ou peixe. Os três estavam ali, batalhando na inevitabilidade dos problemas da vida.

A história continua, e relata que “o velho sentia-se melhor conversando com o pássaro, pois suas costas tinha se endurecido durante a noite e agora doíam de verdade<sup>248</sup>”. Deus também criou os animais com amor, e, como Rubem Alves diria, a presença do sagrado está no entorno do ser humano, sendo percebido nos animais e na natureza. Por isso, a relação entre humano e animais é edificante, como pode ser verificado no bem estar que a presença de um gato ou cachorro pode causar mental e fisicamente, e até mesmo ao coração. A relação entre ser humano e animal é o exemplo da harmonia de Deus. O velho, portanto, sentia-se melhor conversando com a ave; ele conseguia suportar melhor sua dor nas costas.

Em Gênesis 1:25, pode-se ler que “[...] fez Deus os animais da terra segundo a sua espécie, e o gado segundo a sua espécie e tudo que rasteja sobre a terra segundo a sua espécie; e Deus viu que isto era bom”<sup>249</sup>. Por este motivo, Santiago via os animais como seus irmãos e amigos, e conversava amigavelmente com eles. Ele pescava e comia animais apenas porque achava que deveria seguir o ciclo natural de alimentação; mas não fazia nada disso sem ter grandes sentimentos. Seu carinho por todos os animais era percebido no que dizia aos animais, como quando falou à ave: “Fique aqui na minha casa se quiser, avezinha. Lamento não poder

---

<sup>246</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 57.

<sup>247</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 57.

<sup>248</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 59.

<sup>249</sup> **Antigo Testamento: BÍBLIA**, A. T. GÊNESIS. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 8



çar a vela e levá-la para terra com a pequena brisa que está soprando. Mas agora estou com um amigo<sup>250</sup>”.

É possível fazer uma relação aos primeiros capítulos de Gênesis, especificamente em 1:29-30, onde não há indicações de um animal comer ao outro até que houvesse o que chamasse de queda; quando a humanidade se afasta de Deus. Inicialmente, Deus indicava a alimentação apenas das ervas: “E disse Deus: Eis que vos tenho dado toda erva que dá semente, que está sobre a face de toda a terra; e toda árvore na qual está o fruto de uma árvore que produz semente; para vós será para alimento<sup>251</sup>”. A primeira indicação de sacrifício de animais ocorre quando os seres humanos já não estavam mais no Jardim de Éden, com os sacrifícios de Caim e Abel. Talvez esta compaixão de Santiago se relacionasse ao sentimento inicial de irmandade entre todos os seres vivos. Esta compreensão aparece também quando Santiago diz “Já está cansado, meu peixe [...], e eu, Deus sabe, também estou<sup>252</sup>”. O velho fala que Deus, que os criou, sabe o quanto ambos estão cansados. A compaixão de Santiago pelos animais o fez desejar que a ave ainda estivesse ali: “Voltou à procura do pássaro porque gostara da sua companhia. Mas o pássaro tinha desaparecido<sup>253</sup>”.

Pela quarta vez, o velho fala em voz alta que gostaria que o garoto estivesse com ele. Ele havia se machucado no momento em que o pássaro desapareceu por causa do susto de outro puxão forte realizado pelo peixe. A fricção da linha havia ferido sua mão durante a pressão. Santiago decidiu lavar sua mão ferida na água do mar.

Teria gostado de conservar mais tempo a mão na água salgada, mas tinha medo de que o peixe desse outro esticão inesperado e levantou-se a custo, erguendo a mão para o sol. Fora apenas a fricção da linha que lhe ferira a carne. Mas era na parte mais necessária da mão. Sabia que precisaria usar as duas mãos até tudo acabar e não gostou de ter se ferido antes da luta final<sup>254</sup>.

Finalmente, o velho se alimentou do atum cru que havia pescado no início da viagem. Para comê-lo cru, porém, teve de continuar segurando a linha na qual o espadarte estava preso com uma das mãos, enquanto a outra cortava o atum que iria comer. Começou a sentir câibras na mão esquerda, que estava segurando a linha da pesca e, diante da dor, ele reclama em voz alta “- Que espécie de mão é esta? - perguntou com desprezo. - Toda cheia de câibras. Até

<sup>250</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 59.

<sup>251</sup> **Antigo Testamento: BÍBLIA**, A. T. GÊNESIS. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, 9.

<sup>252</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 59.

<sup>253</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 59.

<sup>254</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 60.

parece uma garra sem vida. Não presta para nada.<sup>255</sup>” Santiago começava a se irritar com seu próprio corpo, que não respondia da maneira que ele queria aos desafios. Sentia os limites da idade.

Como uma maneira de tentar abrir o apetite, Santiago pede a si mesmo por pensamento para que coma. “*Mastigue bem, pensou o velho, saboreie o suco. Não seria nada mau se pudesse comê-lo acompanhado de limão e sal*<sup>256</sup>”. Ele estava conseguindo comer após 24 horas de jejum. Além de falar consigo por pensamentos e às vezes em voz alta, agora Santiago passa a falar com partes de seu próprio corpo. “*Como é que você se sente, mão?* - perguntou ele à mão tomada de câibras, tão inerte que parecia de uma rigidez cadavérica. *Vou comer mais por sua causa. Comeu a outra parte do pedaço que cortara em dois. Mastigou lentamente e depois cuspiu a pele no mar. E agora, mão, está melhor? Ou ainda é muito cedo para isso? [...] Tenha paciência, mão* - disse ele. - *Estou comendo isto para lhe dar forças*<sup>257</sup>”.

Ele come não porque quer, nem porque gosta ou porque sente fome. Come exclusivamente para deixar forte seu corpo para a batalha que ele sabia que uma hora aconteceria. “*Gostaria de poder alimentar o peixe, pensou. Ele é como se fosse meu irmão. Mas tenho de matá-lo e ganhar forças para fazê-lo*<sup>258</sup>”. Mais uma vez, Santiago demonstra o que sentia e pensava em relação ao peixe, mas não podia ir contra o próprio objetivo dele no mar e sua própria natureza humana.

Santiago também começa a falar com Deus. Ele pede a Deus tudo o que não consegue resolver por conta própria, porque Deus, *o outro supremo*, é o único capaz de ajudá-lo em momentos tão difíceis. Começou a falar em voz alta “Deus mande essa câibra embora, pois não sei o que o peixe vai fazer e como é que vou combatê-lo<sup>259</sup>”. Estava ficando apreensivo por não saber como lidaria com o peixe se ele viesse à tona neste momento doloroso.

Esfregou a mão da câibra nas calças e tentou mover os dedos. Mas a mão não queria abrir-se. “Talvez se abra com o sol”, pensou. “Talvez se abra quando a carne forte do atum cru for digerida. Se não puder prescindir dela, tenho de abri-la, custe o que custar. Mas por enquanto não quero abri-la à força. Esperarei que se abra naturalmente e recupere a mobilidade por si própria. Afinal de conta, devo reconhecer que abusei dela durante a noite, quando foi necessário desprender e atar as diversas linhas<sup>260</sup>”.

---

<sup>255</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 61.

<sup>256</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 61.

<sup>257</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 61-62.

<sup>258</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 62.

<sup>259</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 62.

<sup>260</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 63.

Esta paciência com a própria mão, reconhecendo que ele era culpado por tal incapacidade, lembra uma das cartas de Paulo aos coríntios, especificamente em Coríntios 6:19, aconselhando-os a cuidarem de seus corpos, que é o templo do Espírito Santo. Esta noção dá a entender que Deus, estando em tudo e sendo onipresente, onisciente e onipotente, também está na humanidade, por isso o ser humano deve cuidar de si mesmo: “Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que está em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos?”<sup>261</sup>.

Santiago estava nessa batalha por ele mesmo também. Não queria deixar de acreditar que seu corpo era digno, e que ainda tinha a honra da juventude. Afinal, era zombado dos outros pescadores e isso atingiu sua própria auto-estima. Ele tinha ido tão longe ao mar no 85º dia sem pescar justamente para provar que era capaz. Não contente em ter conseguido pescar um atum, queria provar a si mesmo que conseguiria capturar este peixe, que ainda não estava vendo, mas que podia sentir a força.

“Detesto câibras”, pensou o velho pescador. ‘É uma traição do corpo. É humilhante ser atacado de diarreia devido a um envenenamento de ptomaínas ou, pela mesma causa, nos vermos obrigados a vomitar.’ Mas uma câibra, se não era humilhante ante os outros, humilhava-o diante dele mesmo, muito especialmente quando estava sozinho.<sup>262</sup>

Muitas dessas características podem ser percebidas também no próprio Hemingway. Já estava se sentindo mal ao ver que não era mais o jovem que fora, mas tudo piorou após seus acidentes de avião, quando ele realmente não conseguia mais se mover ou falar direito. Sentia-se envergonhado dessa condição. Hemingway transportava esse sentimento para o personagem Santiago, que sentia-se humilhado por ter câibras, diarreia, e vômitos - sintomas comuns ao corpo humano.

Este desejo pela perfeição e pelo bem estar corporal não ocorre apenas a algumas pessoas. Em Eclesiastes 3:11, está escrito que “Tudo ele fez formoso em seu tempo; também pôs o mundo em seus corações, para que nenhum homem possa descobrir a obra que Deus fez desde o princípio até o fim.”<sup>263</sup> Portanto, toda a humanidade tem um desejo pela perfeição e eternidade que Deus criou inicialmente, as quais busca-se atingir um dia. A ciência constantemente tenta se desenvolver para que as pessoas não enfrentem a velhice, tanto em

---

<sup>261</sup> **Novo Testamento: BÍBLIA**, N. T. 1CORÍNTIOS. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 1888.

<sup>262</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 64.

<sup>263</sup> **Antigo Testamento: BÍBLIA**, A. T. ECLESIASTES. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 1063.

questão de saúde ou aparência. Os cientistas e todas as outras pessoas sentem o mesmo que Santiago, que ficou tão chateado com a limitação de seu próprio corpo humano.

Outra necessidade humana que vinha aos pensamentos do velho, e que também demonstram a veracidade dos versículos bíblicos, é a necessidade humana de relacionamento. Interpretando a partir da Bíblia, pode-se dizer que Manolin conhecia a Deus verdadeiramente, talvez sem ter consciência disso, porque em 1João 4:7-8, lê-se: “Amados, amemo-nos uns aos outros; porque o amor é de Deus; e qualquer que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus; porque Deus é amor”<sup>264</sup>. Quando diz-se que o personagem Manolin conhecia a Deus, é porque ele tinha amor pelo próximo; e seu amor por Santiago é demonstrado diante de ações de favor, sem esperar nada em troca. Isto é visto quando Santiago pensa “*Se o garoto estivesse aqui, podia [sic] friccionar-me a mão e aliviar-me o antebraço, pensou. Mas espero ficar logo bom*”<sup>265</sup>. Manolin costumava fazer o que estivesse a seu alcance para ajudar, mesmo que não tivesse muito a oferecer, exatamente como Jesus pedia que fosse feito. Finalmente, entre câibras e sofrimento, o velho vê o peixe, que veio à tona:

A linha começou a erguer-se lenta e cautelosamente, e pouco depois a superfície do oceano agitou-se à proa do barco e o peixe apareceu. Apareceu à tona d'água e parecia nunca acabar. A água deslizava-lhe mansamente pelo enorme dorso. Brilhou à luz do sol. A cabeça e o dorso eram purpúreos e as barbatanas abriram-se, imensas, cor de violeta pálida. Tinha a espádua mais comprida do que um *bat* de beisebol, rematada com um estoque, e saiu da água completamente, tornando depois a mergulhar, suavemente, como um mergulhador. O velho viu a cauda em forma de foice desaparecer e começou a dar-lhe linha.<sup>266</sup>

Santiago percebeu que o peixe era, no mínimo, setenta centímetros maior do que o próprio barco em que estava. O velho teve de usar toda a sua técnica para que o peixe não levasse toda a linha e a partisse, portanto mantinha a linha o mais esticada possível, mas sem chegar ao limite. Entrementes, Santiago começa a pensar:

É um peixe enorme e tenho de dominá-lo. Não posso deixar que compreenda a força que possui, nem o que poderia fazer se aumentasse a velocidade. Se eu fosse ele, reuniria agora todas as minhas forças e começaria a correr com toda a velocidade até que qualquer coisa se partisse. Mas, graças a Deus, não são tão inteligentes como nós, que os matamos, embora sejam mais nobres e mais valiosos.<sup>267</sup>

É possível estabelecer um outro paralelo a este pensamento que o velho teve. De fato, Santiago tinha mais experiência do que o peixe, e, agindo em uma batalha, de maneira alguma

<sup>264</sup> **Novo Testamento: BÍBLIA**, N. T. 1JOÃO. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 2091.

<sup>265</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 64.

<sup>266</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 64-65.

<sup>267</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 65-66.

iria querer que o oponente saiba da força que tem. Ele continua elogiando os animais em seus pensamentos, constatando que são mais nobres e valiosos do que os humanos. Isto o faz condenar sua própria atitude de exploração, o que permite suscitar reflexões quanto à própria sociedade em que as pessoas vivem: nem sempre quem explora o outro por meio do capitalismo é de fato uma pessoa má, sem empatia; às vezes só está seguindo o sistema que já é assim. Porém, ao invés de criticar e fazer algo contra, acaba por aceitar e agir de acordo ao que já está estabelecido. Entretanto, os primeiros idealizadores, sim, eram tão gananciosos a ponto de não ter empatia, pois usaram de seus meios para que uns tivessem vantagens sobre outros, que não tinham acesso à educação.

Neste contexto de tentar entender como poderia vencer o peixe, Santiago percebe que, mesmo em pescas antigas com outras pessoas, nunca havia visto um peixe assim. Ainda que já tivesse pescado grandes animais de trezentos quilos, estava agora diante do maior peixe que já vira em sua vida, e sozinho. A admiração tomou conta de seu pensamento:

Por que teria saltado? Quase que diria que veio à tona d'água só para mostrar-me como é grande. Agora já sei, seja lá como for", pensou o velho. "Gostaria de lhe poder mostrar que espécie de homem sou eu. Mas, nesse caso, ele veria a cãibra que tenho. É melhor que ele julgue que valho mais para ter mais possibilidades do meu lado. Gostaria de ser aquele peixe e trocaria de bom grado a minha vontade e a minha inteligência para ter tudo o que ele tem.<sup>268</sup>

Seu deslumbramento atingira outro patamar: o velho gostaria de ser o peixe. Ele trocaria a inteligência e a vontade, que podem ser usadas para o mal, para ser aquele lindo peixe forte que navegava pelo mar. Ao meio-dia, passou a cãibra e a rigidez de sua mão esquerda. A religião cristã católica começou a aparecer em suas inclinações. Embora afirmasse que não tinha uma grande religião, seus atos e pensamentos sempre iam em direção ao catolicismo cristão: "*Não tenho grande religião - disse em voz alta. - Mas direi dez Padre-Nossos e dez Ave-Marias se pescar este peixe. Se o agarrar, prometo fazer uma peregrinação à Virgem de Cobre. Prometo.*<sup>269</sup>" Sua noção de religião era pautada muito em penitências e promessas. Ele estava invocando a Deus, pedindo que pescasse o peixe e, se assim acontecesse, ele faria algo que teoricamente agradaria a Deus. Muitas pessoas levam o cristianismo desta maneira, cumprindo promessas em troca de favores:

Começou a rezar quase mecanicamente. Às vezes estava tão cansado que nem podia lembrar-se das orações, e então costumava dizê-las muito depressa para se lembrar delas automaticamente. "As Ave-Marias são mais fáceis do que os Padre-Nossos", pensou.

- Ave-Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco. Bendita sois vós entre as mulheres, bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria Mãe de Deus, rogai

<sup>268</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 66.

<sup>269</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 67.

por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém. - E depois acrescentou: - Virgem bendita, rogai pela morte daquele peixe, embora seja tão belo<sup>270</sup>.

Esta era a maneira que Santiago tinha conhecimento de ter contato com o sagrado. Ele havia sido ensinado, culturalmente, que fazer as orações decoradas iriam fazer com que ele conseguisse o que queria. Mas mais do que isso, ele queria também um consolo diante daquela atribulação. Embora sua reza tenha sido decorada, era sincera, e o fez sentir-se melhor:

Depois de dizer as suas orações e sentindo-se agora muito melhor, mas sofrendo como antes, talvez mesmo um pouco mais, encostou-se ao banco e começou, mecanicamente, a mover todos os dedos da mão esquerda para que recuperasse a sua agilidade habitual<sup>271</sup>.

O sol já estava muito quente, e já era o segundo dia de batalha. O velho precisava se organizar, pois sua garrafa de água estava quase vazia e não tinha mais o que comer, portanto estava decidindo como faria para pescar um outro peixe comestível. Por este motivo, pôs mais uma isca na linha pequena que estava na popa do barco. Ele precisava se manter forte e pensou “preciso conservar todas as forças que me restam. Meu Deus, nunca pensei que ele fosse assim tão grande”<sup>272</sup>.

Seu orgulho, que no início do livro mostrava indícios de que diminuía, voltava aos poucos, junto com sua determinação. Santiago tinha também uma necessidade de demonstrar suas características másculas, porque para ele *ser homem* não dizia respeito apenas ao gênero; era uma honra, um estilo de vida que deveria manter. E, quando ele estava ocupado tentando provar sua masculinidade, não ficava tão triste, sentimento que o fazia lembrar o passado.

“Mas tenho de matá-lo”, murmurou o velho. “Em toda a sua grandeza e glória. Embora seja injusto. Mas vou mostrar-lhe o que um homem pode fazer e o que é capaz de aguentar. Eu disse ao garoto que era um velho muito estranho. Agora chegou a hora de prová-lo”. As milhares de vezes que já o demonstrara não significavam nada. Agora ia prová-lo de novo. Cada vez era uma nova vez e, quando o estava fazendo, o velho nunca pensava no passado. Gostaria que ele dormisse umas horas para que também eu pudesse dormir e sonhar com os leões”, pensou. “Por que é que os leões serão sempre a parte mais importante dos meus sonhos e a recordação que parece ter ficado mais profunda em minha memória? Não pense mais, velho”, disse. “Descanse um pouco encostado à madeira do banco e não pense em coisa alguma. Agora é o peixe que está trabalhando. Você, peixe, trabalhe o menos que puder”.<sup>273</sup>

Para o velho, a melhor parte de seus sonhos era quando ele via os leões da África, porque, naquele momento, durante o sono, ele conseguia esquecer todas as realidades duras da vida. Enquanto o barco continuava a avançar, ele se perguntava sobre como seria a visão do

---

<sup>270</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 67.

<sup>271</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 67.

<sup>272</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 68.

<sup>273</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 68.

peixe naquela escuridão marítima. Novamente lembra de sua juventude, quando conseguia ver tão bem quanto um gato na escuridão.

Santiago, cada vez mais se identificando com seu adversário, disse “*Se ainda não está cansado, peixe [...], você é, na verdade, um peixe muito estranho*”<sup>274</sup>. O velho também se considerava estranho, diferente, por diversos motivos. Um deles, citado no início da história, era sua visão. Perguntava-se como conservava a boa visão e fora à caça de tartarugas por muito tempo. Quando queria descansar, o velho pensava em assuntos que o faziam bem:

Sentia-se agora muito cansado e sabia que a noite se aproximava e procurava pensar noutras coisas. Pensou nas ligas principais - para ele eram as *Gran Ligas*. Sabia que os Yankees de Nova York enfrentavam nesse dia os Tigers de Detroit. “Este é o segundo dia em que fico sem saber os resultados dos jogos”, pensou. “Mas preciso ter confiança e ser digno do grande DiMaggio, que faz tudo com perfeição mesmo com a dor da espora do osso no calcanhar. O que será uma espora do osso? *Una espuela del hueso*. Nós não temos disso [*sic*]. Será tão doloroso como a espora de um galo de briga cravada num calcanhar? Não creio que mesmo o DiMaggio pudesse aguentar a perda de um olho ou de ambos e continuar a lutar como o fazem os galos de briga. O homem não vale lá muito comparado aos grandes pássaros e animais. Eu por mim gostaria muito mais de ser aquele peixe lá embaixo na escuridão do mar”<sup>275</sup>.

Os pensamentos de Santiago iam de um tópico a outro: de beisebol a animais e até mesmo à superioridade dos animais em relação aos homens. Mesmo DiMaggio, seu grande ídolo no beisebol, não se compara a um galo de briga, ainda que jogue com a espora do osso machucada. É incrível a força emocional e psicológica do velho, que mantinha o foco já há dois dias no mar e se permitia devanear de vez em quando, sem se desesperar. Porém, de repente, começa a pensar no único momento em que não gostaria de ser o peixe espadarte: se aparecesse um tubarão. Quanto a isso, ele diz em voz alta “Se aparecerem tubarões, que Nosso Senhor tenha piedade dele e de mim”<sup>276</sup>. Os tubarões eram tão assustadores que só restava ao velho implorar a piedade de alguém mais poderoso do que ele e todos: o Nosso Senhor, como ele dizia. Entretanto, o velho continuava a pensar. E uma das reflexões que teve a seguir incluía novamente o DiMaggio, comparando-o a si mesmo:

“Será que o grande DiMaggio poderia aguentar um peixe durante tanto tempo quanto o que eu vou levar para aguentar este? Tenho a certeza de que poderia, e até talvez melhor, pois é jovem e vigoroso. E também porque o pai dele era um pescador. Mas talvez a espora do osso o machuque demais.”

- Não sei, nunca tive uma espora do osso como ele<sup>277</sup>.

---

<sup>274</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 69.

<sup>275</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 69-70.

<sup>276</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 70.

<sup>277</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 70.

Mesmo o velho tinha dificuldade de se pôr no lugar de outra pessoa. Ele não tinha como saber como o DiMaggio lidaria em seu lugar, porque ele não tinha o mesmo problema. Porém, novamente a idade entra em pauta, pois DiMaggio era jovem e vigoroso.

Era o segundo anoitecer do velho no mar. Ele só tinha a si mesmo e suas lembranças e pensamentos para ajudá-lo naquele momento, sozinho ao mar. Para tomar coragem e permanecer resiliente, Santiago começou a relembrar de seu passado e de seus feitos notáveis da juventude. Em especial, ele lembrou da queda de braço mais memorável de sua vida:

O velho Santiago recordou, para tomar mais coragem, aquela vez, em Casablanca, na taberna, quando disputara uma queda de braço com um negro enorme de Cienfuegos, que era o homem mais forte das docas. Havia ficado um dia e uma noite com os cotovelos assentes sobre um traço de giz feito na mesa, os antebraços eretos e as mãos apertadas. Cada um deles tentava forçar a mão do outro a descer sobre a mesa. Na sala, alumada por lampiões de querosene, havia muitas apostas entre os assistentes, que entravam e saíam, e durante todo aquele tempo ele estivera com o olhar fixo no braço e na mão do negro e também no seu rosto. Depois das primeiras oito horas tiveram de mudar de árbitros de quatro em quatro horas para que estes pudessem dormir. As unhas dos dedos dele, como também as do negro, tinham-se tornado roxas. [...] As apostas pendiam ora para um, ora para o outro e variavam durante toda a noite. Os assistentes alimentavam o negro com rum e davam-lhe cigarros já acesos<sup>278</sup>.

Suas lembranças motivadoras sempre eram da juventude, quando ele era forte e demonstrava sua masculinidade vencendo outros homens; o que mais uma vez é um retrato do próprio autor em sua obra. Observa-se o quanto a sociedade reproduzia o racismo na época; o adversário de Santiago na época é descrito somente como *negro*. Ele não diz o nome do homem nem detalhes - somente que ele era atleta e muito forte. E aquela batalha não era uma batalha qualquer: era uma queda de braço que havia durado quase dois dias inteiros. Ambos não fizeram nada além de ficar horas tentando derrotar o outro. Os apostadores iam dormir e acordavam e ambos estavam na mesma posição. Santiago, na época, não era o velho; ele era *Santiago, el campeón*. Era admirado por todos ao seu redor e nunca perdia um desafio, de modo que com o tempo decidiu parar com as disputas, por saber que sempre venceria:

Então o negro, depois do rum, fazia um esforço tremendo e de uma feita quase derrotara o velho, que naquela ocasião não era velho, mas sim Santiago, *El Campeón*, forçando-lhe a mão a ceder alguns centímetros. Mas Santiago resistira e levava de novo a mão à posição vertical. Estava certo de que podia bater o negro, embora este fosse um grande atleta e muito forte. E quando surgiu a luz do dia e os apostadores gritavam para que fosse dado empate e o árbitro já estava abanando a cabeça, o velho reunira todas as energias que lhe restavam e forçara a mão do negro para baixo, mais para baixo, até encostá-la à madeira da mesa. O desafio começara num domingo de manhã e terminara numa segunda-feira de madrugada. Muitos dos apostadores tinham pedido um empate porque precisavam ir para o trabalho nas docas, onde carregavam sacos de açúcar ou fardos mais pesados da *Companhia de Carvão Havana*. De outra forma estariam todos de acordo em que a disputa continuasse. De qualquer modo,

---

<sup>278</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 70-71.



Santiago pusera termo à coisa antes que os trabalhadores tivessem de ir às suas fainas. Durante muito tempo, depois disso, toda a gente o tratara por *O Campeão* e na primavera houvera um desafio de desforra. Mas dessa vez houve poucas apostas e o velho venceu sem dificuldade, pois abalara a confiança do negro de Cienfuegos no primeiro encontro. Mais tarde tivera outros desafios com outros homens e, depois, abandonara tais disputas. Compreendera que podia vencer qualquer um deles se realmente desejasse e chegara à conclusão de que lhe podiam estragar a mão direita para a pesca. Tentara, com a mão esquerda, alguns desafios de experiência. Mas a mão esquerda fora sempre uma traidora e nunca fazia o que ele desejava, razão por que jamais confiava nela<sup>279</sup>.

Santiago sentia que estava mais fraco, já não era mais *el campeón*. Entretanto, interiormente, ele tinha a mesma força, e por isso lembrava de seus feitos antigos de modo a motivá-lo a vencer mais esta batalha. O velho continuava sendo carregado pelo peixe, de vez em quando tentando puxar a linha mais forte, enquanto pensava em mais muitas outras questões que vinham à sua mente. Ele se perguntava como seria voar em um avião, quando avistou um voando ao longe. Se perguntou também por que os peixes mais rápidos do mar tinham dorsos purpúreos. Ele não sabia também se os peixes dourados ficavam com listras purpúreas na lateral devido à velocidade com que nadavam ou devido à fome. Estava escurecendo o segundo dia quando o velho conseguiu, com uma outra vara que estava disposta ao mar, pescar um dourado. Agora ele tinha mais um peixe para se alimentar.

“Estou aprendendo o que devo fazer”, pensou. “Ou pelo menos esta parte da tarefa. Além disso, lembre-se de que ele ainda não comeu desde que mordeu aquela isca e é um peixe enorme que precisa de muito alimento. Eu comi um atum pequeno, inteiro. Amanhã comerei o dourado.” Chamava-o *dorado*. “Talvez fosse melhor comer um pedaço agora, quando o limpasse. Será pior de comer do que a albacora. Mas, afinal, nada há que seja fácil na vida.”<sup>280</sup>

O velho, em meio a tantas filosofias, lembranças e fome, continuava utilizando de seu conhecimento estratégico. Ele sabia que comer o peixe dourado seria pior do que comer a albacora, porque tinha um gosto ruim. Porém, ele demonstra resignação e resiliência quanto às adversidades da vida porque sabia que nada era fácil no mundo. Em Eclesiastes 1:13, Salomão, o homem que pediu sabedoria a Deus, escreve uma de suas conclusões sobre a vida: “E dediquei o meu coração a buscar e a procurar pela sabedoria no que diz respeito a todas as coisas que são realizadas debaixo do céu; esta enfadonha ocupação Deus deu aos filhos do homem, para que nela se exercitem”<sup>281</sup>.

Entretanto, mesmo o velho chegando a uma conclusão equivalente à de Salomão, de que não há nada fácil na vida, continua demonstrando força e determinação em meio aos

<sup>279</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 71-72.

<sup>280</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 74.

<sup>281</sup> **Antigo Testamento: BÍBLIA, A. T. ECLESIASTES.** In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 1060.

problemas e, ao mesmo tempo, empatia com seu adversário: “- Como se sente, meu peixe? - perguntou em voz alta. - Eu me sinto bem, a mão esquerda está melhor e tenho comida para mais uma noite e um dia. Carregue o barco, peixe.”<sup>282</sup>

Nada estava fácil na situação de Santiago: estava no meio do mar, sofrendo de frio e calor, sem nenhum amigo por perto, lutando contra um peixe bem maior do que seu próprio barco, sem dormir e tendo comido somente um atum no dia anterior, quando também passou a sofrer com cãibra. Ainda assim, ele se mantém otimista e diz que está **bem**, porque a mão esquerda melhorou e conseguiu uma comida. Como foi explicado aqui anteriormente, a própria Bíblia diz que nosso caráter é forjado em meio às adversidades. Em Tiago 1:3-4, lê-se “sabendo disto, que a prova da vossa fé opera a paciência. Que a paciência, no entanto, realize a sua obra perfeita, para que sejais perfeitos e completos, sem vos faltar coisa alguma”<sup>283</sup>.

Quando o ser humano está em sérios problemas, ele ou ela amadurece, porque começa a valorizar pequenas situações ou condições que anteriormente não eram percebidas. Como exemplo disso, durante a enchente do Rio Grande do Sul deste ano, diversas pessoas relataram em suas redes sociais o quanto valorizavam a cama que tinham, que não era percebida antes da calamidade, porque constataram que muitas pessoas haviam perdido tudo. A água faltou na maioria das casas da cidade, mas havia gratidão por haver eletricidade. E, se não havia eletricidade, a gratidão era pela comida disponível.

Certamente Santiago se sentia aliviado porque sua mão esquerda já estava melhor, entretanto, o motivo de suas falas também se devia ao fato de querer demonstrar força para o adversário, sendo esta uma estratégia comum em batalhas. Santiago tinha a linha de pesca atravessada em suas costas e tinha uma sonolência acumulada de dois dias; também apresentava um ferimento na mão direita. Mas estava grato e sabia que tinha vantagem sobre o peixe porque a mão esquerda já estava sem cãibra e as pernas estavam bem; e ainda estava aguentando ser ter de comer mais.

Santiago aproveitava todas as companhias que pudesse: falava com o peixe, com o pássaro que tinha pousado em uma de suas linhas de pesca, consigo mesmo, com sua mão, e agora, com as primeiras estrelas aparecendo ao céu. Sentia-se contente pelo conforto das amigas distantes que ainda apareceriam. Pensando nisso, o velho começa a se sentir grato por tudo que Deus havia feito, mesmo as batalhas que a humanidade enfrenta: “ - O peixe também é meu

---

<sup>282</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 74.

<sup>283</sup> **Novo Testamento: BÍBLIA**, N. T. TIAGO. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 2055.

amigo - disse em voz alta. - Nunca vi ou ouvi falar de um peixe desse tamanho. Mas tenho de matá-lo. É bom saber que não tenho de matar as estrelas.”<sup>284</sup>

Deus não dá à humanidade uma batalha maior do que ela possa suportar, por isso cada aspecto do mundo tem sua função e seu lugar, como demonstra Neemias 9:6:

Tu, só tu, és SENHOR; tu fizeste o céu, o céu dos céus, com todo o seu exército, a terra e todas as coisas que nela estão, os mares, e tudo o que nele está, e tu a todos preservas; e o exército do céu te adora.<sup>285</sup>

Em Salmos 19:1 está escrito que “os céus declaram a glória de Deus; e o firmamento mostra o trabalho das suas mãos.”<sup>286</sup> Tudo está de acordo, e Santiago percebe isso ao pensar “*Imagine o que seria se um homem tivesse de tentar matar a lua todos os dias [...] A lua corre depressa. Mas imagine só se um homem tivesse de matar o sol. Nascemos com sorte*”<sup>287</sup>.

A compaixão e a admiração pela natureza e os animais é linda. Ele enfrenta com resignação a necessidade de ter de matar o peixe e em nenhum momento questiona este ciclo da vida de Deus, de acordo com Gênesis 1:26-28:

E disse Deus: Façamos um homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e que eles tenham domínio sobre os peixes do mar, e sobre as aves do céu, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre toda a coisa rastejante que rasteja sobre a terra. Assim Deus criou o homem a [sic] sua própria imagem, à imagem de Deus o criou; macho e fêmea ele os criou.<sup>288</sup>

Porém, mesmo entendendo este ciclo, ele ainda considera que os seres humanos não eram dignos de comer aquele peixe puro e imponente, demonstrando novamente uma grande admiração pelo marlim:

Depois teve pena do enorme peixe que não tinha nada para comer, mas a sua determinação de matá-lo jamais arrefeceu, mesmo naquele momento de compaixão. “Quantas pessoas ele irá alimentar? Mas serão merecedoras de um peixe assim? Não, claro que não. Ninguém merece comê-lo, tão grande a sua dignidade e tão belo o seu modo de agir. [...] Não compreendo estas coisas”, pensou ele. “Mas é bom que não tenhamos de tentar matar a lua, o sol ou as estrelas. Já é ruim o bastante viver no mar e ter de matar os nossos verdadeiros irmãos.”<sup>289</sup>

---

<sup>284</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 75.

<sup>285</sup> **Antigo Testamento: BÍBLIA**, A. T. NEEMIAS. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 796.

<sup>286</sup> **Antigo Testamento: BÍBLIA**, A. T. SALMOS. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 895.

<sup>287</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 75.

<sup>288</sup> **Antigo Testamento: BÍBLIA**, A. T. GÊNESIS. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 4.

<sup>289</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 75-76.

Enquanto o velho pensava em novas estratégias, observava o comportamento do peixe e lembrava-se de seus detalhes que Santiago pôde ver quando o marlim veio à tona. Durante este devaneio, Santiago chega à conclusão de que a dor do anzol para aquele grande peixe era mínima. O que mais poderia incomodá-lo era a sensação de fome, que provavelmente desconhecia.

Ainda é um peixe muito forte e eu notei que o anzol estava preso a um canto da boca e ele a tem conservado fechada durante todo esse tempo. A dor do anzol não conta. A dor da fome - e nisso defronta-se com uma sensação que desconhece - é que é tudo<sup>290</sup>.

O medo do desconhecido é um dos maiores medos da humanidade; justamente por não saber o que está acontecendo em momentos novos, ou medo por não saber o que pode acontecer. Na Psicologia, o medo é relatado como intrínseco ao ser humano. Todos os medos estão relacionados ao maior medo da humanidade, que é a morte. Como foi explicado anteriormente, o ser humano nasceu com o anseio pela eternidade, e tudo que é desconhecido causa aflição. A eternidade está no coração do homem e da mulher, segundo o livro de Eclesiastes, e por isso o ser humano não quer morrer. O medo do desconhecido também leva ao maior medo da humanidade, que é o *deixar de existir*. O peixe conseguia lidar com a dor do anzol, mas com o medo da sensação desconhecida da fome é que seria difícil.

Após pensar sobre a situação do espadarte, o velho descansou, mas muito relativamente, como o próprio livro relata, porque ainda estava aguentando a linha em seus ombros. Ele percebe, então, que precisa estar pronto para dar a linha com as duas mãos caso o peixe faça algum movimento suspeito. Ao pensar nisso, ele fala consigo mesmo, dando um conselho carinhosamente.

- Mas você ainda não dormiu, meu velho - disse o pescador. - Já se passaram meio e uma noite, e agora outro dia e você ainda não dormiu. Precisa descobrir uma forma de poder dormir um pouco se o peixe estiver calmo. Se não dormir, pode ficar tonto ou perder a vista, de que tanto vai precisar<sup>291</sup>.

Em “meio dia e uma noite, e agora outro dia”, novamente nota-se um paralelismo de repetição, muito presente na Bíblia. O velho aconselha a si mesmo de modo carinhoso para se sentir menos solitário naquela situação tão assustadora. O paralelismo continua de forma bastante poética no parágrafo a seguir, que demonstra o pensamento do velho:

Mas agora ainda tenho a mente bem clara. Muito clara. Estou tão claro como as estrelas, minhas irmãs. Mas, mesmo assim, preciso dormir. As estrelas dormem e a lua e o sol também dormem e mesmo o oceano também dorme às vezes, nos dias em

<sup>290</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 76.

<sup>291</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 77.

que não há corrente e em que fica muito calmo. Mas lembre-se de que precisa dormir. Procure um meio que lhe permita dormir, mas de maneira que acorde se a linha se mover. Agora vá à popa e prepare o dourado. É muito perigoso ferrar os remos à proa, se vai dormir<sup>292</sup>.

Há paralelismo de repetição e aumentativo com a palavra *dorme* e *clara*. Ele pensa, de forma poética, que sua mente está bem clara, e aumenta a intensidade, dizendo que está *muito clara*. Aumenta ainda mais a intensidade ao expressar que sua mente está *tão clara como as estrelas*, suas irmãs. Seus pensamentos provavelmente estavam em delírio devido à fome e à falta de água, entretanto, mesmo delirando, o que ele pensava não deixava de ser uma verdade metafórica. Tanto as estrelas quanto os seres humanos são criações de Deus, e, portanto, há a possibilidade de se considerar irmão dos animais, das estrelas, das lua... Novamente a teopoética entra em ação: há poesia e arte em toda criação; Deus está em tudo.

O velho finalmente decide comer o peixe dourado recentemente pescado. Com uma riqueza de detalhes, o livro descreve todo o processo de alimentação de um peixe cru, incluindo a maneira de cortá-lo:

As estrelas estavam agora muito brilhantes e enxergava o dourado com facilidade. Enterrou-lhe a faca na cabeça e puxou-o mais para junto de si. Pôs um pé em cima do peixe e fendeu-o rapidamente, da cabeça à cauda. Depois largou a faca e limpou-o com a mão direita, deixando-o bem limpo, arrancando-lhe as barbatanas. Sentiu o pesado e escorregadio estômago na mão e abriu-o ao meio. Lá dentro encontrou dois peixes-voadores. Estavam frescos e duros, e o velho estendeu-os na coberta, atirando as tripas e as barbatanas para o mar. Mergulharam na água, deixando um rasto [*sic*] fosforescente atrás de si. O dourado estava frio e tomara uma cor cinzento-pálida à luz das estrelas. O velho esfolou um dos lados do peixe, firmando a cabeça com um pé. Depois, voltou-o e esfolou o outro lado cortando duas tiras laterais da cabeça à cauda<sup>293</sup>.

Outra das dificuldades do velho era o gosto do peixe cru - mais especificamente o peixe dourado cru. Após se alimentar, ele disse em voz alta: “Que bom peixe é o dourado quando cozido [...]. Mas cru, como é horrível e repugnante! Nunca mais venho para o mar sem sal ou limão.<sup>294</sup>”. Embora o velho estivesse em situações tão difíceis e precárias, ele não deixava de se cobrar, sempre exigindo de si melhores condições físicas e mentais. Talvez ele fosse sempre assim, e por isso foi tão bem sucedido a ponto de ser chamado de *Santiago, el campeón* na juventude. Porém, essa mesma cobrança que o levava ao sucesso também era responsável por deixá-lo tão infeliz e frustrado consigo mesmo, como pode ser visto no seguinte trecho:

“Se eu fosse inteligente, teria espalhado água pelo convés durante todo o dia e ela, secando, deixaria um pouco de sal”, pensou o velho pescador. “Acontece que quando

<sup>292</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 77.

<sup>293</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 77-78.

<sup>294</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 79.

apanhei o dourado já era quase noite. Mas, apesar disso, foi um descuido imperdoável. É verdade que o mastiguei bem e não senti nenhuma náusea.”<sup>295</sup>

Quando a autocobrança estava muito alta, o velho tinha maneiras de acalmar a ansiedade e as preocupações, e isto ele fazia quando falava consigo mesmo de modo carinhoso e compreensivo: “ - Vai haver mau tempo daqui a uns três ou quatro dias - disse o velho. - Mas não hoje nem amanhã. Agora, meu velho, deite para dormir um pouco, enquanto o peixe está calmo e descansando”<sup>296</sup>. Finalmente, depois de dois dias, o velho adormeceu. Para isso, deitou-se perto da proa do barco e ajustou sua mão esquerda de modo que a direita ficasse com mais pressão ao segurar a linha. Ao adormecer, ele sonhou primeiro com porcos-marinhos acasalando, depois com sua própria aldeia e sua cama sentindo frio e, finalmente, com leões. Ele, pela primeira vez em dois dias, sentia-se completamente feliz e confortado. A narrativa explica que “a lua já tinha se erguido no céu havia muito, mas ele continuou a dormir e o peixe continuava a puxar, arrastando o barco por entre os túneis de nuvens”<sup>297</sup>.

O velho acordou com uma sacudida. Percebeu que sua mão esquerda estava sangrando abundantemente. E, neste momento, o peixe saltou e caiu pesadamente e, logo depois, saltou mais duas vezes enquanto o barco avançava em grande velocidade. O momento era importante. A esperada batalha havia começado.

Não podia ver o peixe saltando e só ouvia o oceano abrindo-se e o estrondo das pesadas ondas ao cair. A velocidade da linha cortava-lhe as mãos, ferindo-o bastante, mas já sabia que isso ia acontecer e procurou conservar a linha nas partes calejadas da mão, não permitindo que corresse pela palma ou pelos dedos.<sup>298</sup>

Santiago, embora estivesse atento à batalha, não deixava de usar suas estratégias, deixando a linha já nas partes calejadas, porque assim que doeria menos. Lê-se mais um paralelismo de repetição, quando o velho novamente sente falta do garoto: “Se o garoto estivesse aqui, podia molhar os rolos de linha. [...] Se o garoto estivesse aqui. Sim, se o garoto estivesse aqui.”<sup>299</sup> A batalha era intensa e exigia concentração e foco por parte do velho. Por isso, ele cedia mais linha para o peixe lentamente:

A linha corria e corria para o mar, só que um pouco mais devagar agora, e ele fazia o peixe pagar por cada centímetro de linha que lhe dava. Enfim, conseguia levantar a cabeça de debaixo da proa e libertar-se um pouco da pressão que o esmagava de encontro à amurada. Pôs-se de joelhos e depois se levantou lentamente. Estava cedendo linha, mas cada vez menos. Moveu-se a custo para se aproximar dos rolos de

---

<sup>295</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 79.

<sup>296</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 80.

<sup>297</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 81.

<sup>298</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 82.

<sup>299</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 82.

linha, de maneira que pudesse tocar com o pé no rolo que não podia ver. Ainda havia muita linha e agora o peixe tinha que puxar também por toda aquela linha orrera para o mar naqueles últimos minutos<sup>300</sup>.

Santiago começou a perceber que o peixe já havia saltado mais de doze vezes e que não poderia mais morrer ao fundo do mar, que seria um lugar de onde Santiago jamais poderia içá-lo. O velho começou a se perguntar o que havia feito com que o peixe tivesse começado a lutar de forma repentina. “Teria sido a fome que o desesperou ou ter-se-ia assustado com qualquer coisa na escuridão da noite? Talvez tivesse sentido medo de repente. Mas era um peixe tão calmo e tão forte, e parecia tão confiante e corajoso. É estranho”<sup>301</sup>. Esta reflexão do velho leva a pensar que não é necessário temer um adversário aparentemente mais forte, pois nunca se pode saber a fraqueza que ele pode ter. Mesmo alguém em alta posição social pode ter inseguranças, sentimento que faz parte da humanidade. O peixe aparentava ser confiante e corajoso, mas algo de repente o fez temer e se desesperar durante a batalha. Santiago nunca saberia o que causou temor ao peixe lá embaixo das águas, poderia apenas imaginar o que fosse: poderia ter sido fome, susto ou apenas algum medo específico.

Durante um dos puxões do peixe, Santiago havia caído e seu rosto fora de encontro ao resto de dourado comido que tinha no barco. Temia ter náuseas, o que seria uma desvantagem para ele durante a batalha, portanto, ainda segurando a linha, lavou seu rosto com a água do mar. O peixe estava finalmente ficando cansado. Ele já não mais carregava o velho e o barco; agora só se deixava levar pela corrente. Após lavar sua mão no mar, ele a analisou e disse em voz alta: “Não está em muito mau estado [...]. E a dor não tem importância para um homem.”<sup>302</sup> Santiago reafirmava sua masculinidade o tempo todo, talvez porque isso o ajudasse, de alguma forma, a aguentar. Para ele, um dos ideais da masculinidade é não sentir dor.

Santiago continuava falando com sua mão. Sempre se decepcionou com a mão esquerda, porque ela nunca colaborou muito com ele. Hoje em dia, sabe-se que uma pessoa pode ser ambidestra se dedicar-se a treinar a mão menos habilidosa todos os dias, seja escrevendo ou escovando os dentes; enfim, qualquer ação diária. Santiago não sabia disso, e sentia desprezo pela mão que não respondia do modo como ele queria:

“Por que não nasci com duas mãos boas?”, pensou o velho. “Talvez seja eu o culpado, por não treinar esta mão como devia. Mas Deus sabe quantas oportunidades ela tem

---

<sup>300</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 82.

<sup>301</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 83.

<sup>302</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 83.

tido de aprender. Não se portou assim tão mal durante a noite e somente teve uma câibra. Se tornar a ter câibra, deixe que a linha a corte à vontade.<sup>303</sup>

O velho sabia que o fato de culpar a mão esquerda, falar com ela e responsabilizá-la por não colaborar era uma certa falta de lucidez. Ao perceber que já não estava tão lúcido, pensou em comer o resto do peixe dourado que havia sobrado no barco. Porém, decidiu que não iria fazer isso, porque lhe causaria náuseas após ter manchado seu próprio rosto com o peixe cru. Ele, como um experiente pescador, sabia que a falta de lucidez poderia ser menos pior do que a náusea, que o deixaria sem forças. Porém, o velho não deixou de se alimentar, pois tinha um outro peixe-voador capturado ali no barco que ele havia esquecido.

“O sol estava nascendo pela terceira vez desde que se fizera ao mar quando o peixe começou a nadar em círculos.”<sup>304</sup>. O peixe finalmente estava morrendo. Quando um peixe começa a nadar de maneira circular, é uma indicação de que algo não está bem. O velho começou a usar de seus artifícios neste momento tão importante da batalha.

Apenas sentia uma pequena perda de pressão na linha e começou a puxá-la com a mão direita. Estava esticada, como sempre, mas quando chegou ao ponto em que podia partir-se o peixe começou a ceder. O velho passou a linha por cima da cabeça e dos ombros, e com as duas mãos começou a puxar segura e suavemente. Empregava as duas mãos num movimento oscilatório e tentava pôr grande parte da força no corpo e nas pernas. Suas velhas pernas e as costas não paravam de balançar com as oscilações dos puxões<sup>305</sup>.

Mesmo com o peixe circulando, não seria assim tão fácil capturá-lo. Seus círculos eram lentos e distantes, devido a sua grande força e tamanho. Havia passado duas horas desde este novo amanhecer e o velho sabia que devia apenas aguentar, todo molhado de suor. Ele sabia que os círculos ficariam mais curtos e que o peixe uma hora iria se aproximar mais do barco. O velho estava com a visão turva com pontos negros, e seus olhos e o ferimento do rosto queimavam devido ao sal da água. Além disso, sentia-se muito fraco, e isto era o que mais o preocupava.

- Seria absurdo que eu traísse a mim próprio e morresse com um peixe destes nas mãos - disse. - Agora que estou quase dando cabo dele e que tudo está correndo bem, só peço que Deus me dê forças para aguentar. Rezarei uma centena de Padre-Nossos e uma centena de Ave-Marias. Mas não posso rezar agora. “É como se já os tivesse rezado”, disse. “Mas rezarei mais tarde.”<sup>306</sup>

A honra novamente vem à mente do velho. Se ele morresse no meio da batalha, seria algo absurdo. Ele não podia se deixar ser derrotado neste momento. Neste momento, o velho se

<sup>303</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 84.

<sup>304</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 85.

<sup>305</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 85.

<sup>306</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 86.



depara com a preocupação última, que Paul Tillich mencionava. Ele estava se sentindo fraco, com dor e sua visão já começava a ficar embaçada. Mas ele não podia morrer. E a única estratégia que tinha era rezar. Tudo que ele podia fazer, estava fazendo, usando de todas as técnicas possíveis, se alimentando da maneira que podia, estando alerta quando necessário. Porém, ele dependia de Deus agora, e sentia que precisava invocá-Lo por meio de palavras. O velho tinha plena noção do que precisava fazer, mas ao mesmo tempo sabia o que o peixe precisava também e, de certa forma, se compadecia dele: *“Preciso evitar que a dor dele aumente, pensou o velho. A minha, não importa. A minha, eu posso suportar. Mas a dor dele pode enlouquecê-lo”*.<sup>307</sup>

O velho estava sem câibra, mas estava novamente tonto. Pensava “[...] Ele não tardará a vir à tona e eu poderei resistir. Tenho de aguentar. Não posso sequer pensar em fraquejar”<sup>308</sup>. A resiliência de Santiago era tanta que ele não queria nem ao menos pensar em desistir. O peixe tinha um movimento constante: ele circulava um pouco próximo e um pouco distante, e essa necessidade de ficar segurando a linha, recuperando-a quando o peixe se aproximava e disponibilizando mais quando ele se afastava, estava deixando-o exausto. Percebia que nunca estivera tão cansado assim durante toda a sua vida. Durante estes círculos do peixe, Santiago começou a pensar por qual caminho iria após a batalha terminar; decidiu que iria para o sul e poente. Mais uma vez, ele pensava sobre o ideal masculino: “Um homem nunca se perde no mar e a minha ilha é grande”<sup>309</sup>.

O peixe ia no seu terceiro círculo quando o velho o viu aparecer à tona d’água. Viu primeiro uma sombra escura que levou uma infinidade de tempo a passar por debaixo do barco. Quase não podia acreditar no seu comprimento.

- Não! - exclamou o velho. - Não é possível que tenha esse tamanho todo<sup>310</sup>.

A partir do momento que Santiago viu o peixe pela segunda vez, agora mais de perto, percebeu os detalhes de sua aparência, e agora entendia que o peixe era ainda muito maior do que havia percebido na primeira vez que o havia visto.

Mas era de fato gigantesco e, quando acabou de descrever o círculo, veio à superfície apenas a uns trinta metros do barco, e o velho Santiago viu a enorme cauda completamente fora d’água. Era mais comprida do que a lâmina de uma grande foice e adquirira um tom violeta sobre o mar azul-escuro. Agitava-se violentamente e, quando o peixe começou a nadar quase à tona, o velho examinou-lhe o volumoso corpo e as manchas purpúreas na pele. Trazia a barbatana dorsal fechada, mas as peitorais estavam completamente abertas, agitando a água convulsivamente em

<sup>307</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 87.

<sup>308</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 87.

<sup>309</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 88.

<sup>310</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 88.

movimentos desordenados. Neste círculo, o velho conseguiu ver perfeitamente os olhos imensos do peixe [...] <sup>311</sup>.

Durante os círculos que o peixe fazia, o velho decidiu fazê-lo se aproximar mais. Sua ideia era ter o peixe tão próximo que pudesse acertá-lo no coração. Santiago conseguiu puxá-lo um pouco para mais perto, com a ajuda de todos os seus sentidos e seus membros corporais. Ele punha toda a sua força em cada parte de si, pensando que tudo deveria colaborar para ele conseguir. Isto ocorre também em todas as situações humanas diárias: para uma vida saudável, corpo e mente devem estar em bom estado para suportar qualquer adversidade.

Sentia agora muita tontura e estava a ponto de perder os sentidos, mas conseguiu aguentar o peixe com toda a força que ainda lhe restava. “Consegui”, pensou ele. “Talvez consiga agarrá-lo desta vez. Puxem, mãos”, continuou a pensar. “Aguentem, pernas. Faça-me o favor de conservar-se lúcida, cabeça. Aguentem para me fazer um favor. Nunca me traíam. Desta vez vou agarrá-lo” <sup>312</sup>.

Porém, após se aproximar um pouco, logo o peixe se afastou novamente. Totalmente frustrado e chateado com a situação, Santiago gritou “Peixe! Peixe, de qualquer modo você tem de morrer. Acha que precisa matar-me também?” <sup>313</sup>. Este era um grito cheio de sentimentos e um grande desabafo, porque o velho estava há dias sofrendo com esta pesca. Ele sabia que o peixe estava machucado e provavelmente não sobreviveria, mas estava preocupado que ele próprio fosse morrer na batalha. Santiago se acalmou e pensou que gritar não o ajudaria em nada; precisava ser racional. A seguir, seu pensamento foi de encontro à própria admiração do velho pelo adversário: “Você está me matando, peixe. [...] Mas tem todo o direito de fazê-lo. Nunca vi nada mais bonito, mais sereno ou mais nobre do que você, meu irmão. Venha daí e mate-me. Para mim tanto faz quem mate quem, por aqui” <sup>314</sup>.

A este ponto da batalha, já não importava quem matava e quem morria; Santiago já estava completamente rendido à admiração que sentia pelo peixe. Porém, isso não era uma desistência. É um respeito que ele sente, mesmo se não conseguisse sair desta batalha vivo. Logo, o velho percebeu que a briga também era entre ele e sua própria mente, tendo em vista que, por algum momento, considerou a possibilidade de morrer. “Já agora, velho Santiago, você está ficando com a cabeça muito confusa. Você precisa conservar-se lúcido. Conserve-se lúcido e aprenda a sofrer como um homem. Ou como um peixe.” <sup>315</sup> Para o velho pescador, o peixe era um exemplo de força e resiliência a ser seguido.

---

<sup>311</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 89.

<sup>312</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 90.

<sup>313</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 91.

<sup>314</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 91.

<sup>315</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 91.

Ele dizia à sua própria mente “desperte”. Estava tão confuso que pensou apenas “Eu não sei [...] Eu não sei. Mas tentarei mais uma vez<sup>316</sup>”. Neste meio tempo o velho quase desmaiou duas vezes, mas mantinha-se pensando que, mesmo que não soubesse o que fazer ou se ganharia a batalha, ainda assim, ele deveria continuar tentando. A seguir, o texto contém um paralelismo de repetição com *tentou mais uma vez* e *tentarei mais uma vez*. O texto dá um efeito de persistência no leitor a partir destes paralelismos, fazendo com o que o leitor guarde estas palavras em sua mente.

Tentou mais uma vez e, quando conseguiu virar o peixe de lado, sentiu-se de novo quase desmaiando. O peixe endireitou-se e afastou-se lentamente, com a grande cauda batendo no ar. “Tentarei mais uma vez”, prometeu o velho, embora tivesse agora as mãos ensanguentadas e só pudesse ver bem por instantes. Tentou outra vez e sucedeu exatamente o mesmo. “Assim”, pensou ele e sentiu-se desmaiando mesmo antes de recomeçar a puxar. “Vou tentar outra vez”<sup>317</sup>.

O velho já tinha usado toda a sua capacidade física, portanto decidiu apenas esquecer a dor e reunir as poucas forças que restavam em seu corpo, apelando apenas para o orgulho, pois não queria se dar por vencido de jeito nenhum. Finalmente, o pescador conseguiu puxar o peixe inteiramente, que “começou a passar na água, longo, profundo, largo, prateado, com manchas purpúreas, interminável.”<sup>318</sup> Por fim, o velho finalmente conseguiu derrotá-lo com o resto de força que ainda conservava:

O velho soltou a linha, pôs-lhe o pé por cima, erguendo o arpão tão alto quanto lhe era possível, e cravou-o para baixo com toda a força, aquela força para a qual acabara de apelar. Conseguiu espetar o peixe de lado, junto da grande barbatana peitoral que se erguia no ar quase à altura do peito de um homem. Sentiu o ferro entrar e apoiou-se nele, empurrando-o para baixo, e deixando que o peso do seu corpo fizesse o arpão enterrar-se mais e mais profundamente. Então o peixe voltou à vida já com a morte nele e ergueu-se no ar mostrando o seu enorme comprimento e a sua enorme largura e todo o seu poder e toda a sua beleza. Parecia flutuar no ar, por cima do velho. Em seguida caiu n’água com um estrondo que lançou uma torrente de água sobre o barco e o pescador<sup>319</sup>.

Quando o velho se deparou com a cena do peixe morto na água, com a água manchada pelo seu sangue, ele tapou seu próprio rosto com as mãos, pedindo a Deus que sua mente se conservasse lúcida naquele momento, porque agora teria mais um trabalho árduo. Ele diz em voz alta “Eu sou um velho muito cansado. Mas matei este peixe que era meu irmão e agora tenho de fazer o trabalho dos escravos.”<sup>320</sup> Ele não poderia pôr o peixe para dentro da

---

<sup>316</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 91.

<sup>317</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 92.

<sup>318</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 92.

<sup>319</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 92.

<sup>320</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 95.

embarcação, senão afundaria. Por isso, ele decidiu encostar o peixe ao barco, prendê-lo, e ir em direção à costa.

Começou a puxar o peixe para trazê-lo para junto da embarcação e poder passar-lhe um cabo pelas barbatanas e pela boca, e também atar bem a cabeça ao costado. “Quero vê-lo bem”, pensou o velho, “e tocá-lo e senti-lo. É a minha única fortuna. Mas não é por isso que quero senti-lo. Parece-me que lhe senti o coração quando empurrei o arpão pela segunda vez. Vou trazê-lo agora para junto do barco e atá-lo forte, passando-lhe um laço pela cauda e outro pelo meio para encostá-lo bem”<sup>321</sup>.

O velho continuou a falar consigo mesmo, dizendo “trabalha, velho”<sup>322</sup>, porque a luta havia terminado, mas ele ainda tinha muito a fazer. Quando prendeu o peixe ao barco, quase não conseguia acreditar em seu tamanho. Ele passou a pensar sobre o quanto poderia lucrar com o peixe: “Com o tamanho que tem, deve pesar mais de quinhentos quilos. Talvez muito mais. Quanto renderá, se aproveitar dois terços a sessenta centavos o quilo?”<sup>323</sup> Outro pensamento que o ocorreu foi que o grande DiMaggio se orgulharia dele.

Santiago conseguiu ajustar o barco e se dirigiu ao sudoeste. Ele sabia que estava indo em direção ao caminho certo pelos ventos alísios que mexiam na vela. Conseguiu pegar uns camarões e foi comendo enquanto voltava para casa. Ele estava preocupado que aquilo fosse apenas um sonho, então olhava para as mãos e sentia suas costas apoiadas à costa. Quando é um sonho, as mãos nunca ficam normais; sempre tem mais dedos do que o costume. Portanto, verificar a mão é um teste de realidade que Santiago fazia, pois quase não acreditava que havia ganhado aquela batalha.

Agora sabia que o peixe estava de fato ali e as mãos e as costas não eram nenhum sonho. “As mãos curam-se depressa”, pensou o velho. “O sangue limpou-as e o sal da água fará com que cicatrizem. A escura água do golfo é o melhor remédio para isso. Tudo o que preciso fazer é conservar a cabeça lúcida. As mãos cumpriram e estamos navegando bem. Com a sua boca fechada e a enorme cauda erguendo-se no ar, navegamos os dois como irmãos.” Começou a sentir-se de novo tonto e perguntou a si próprio: “Será ele que me está arrastando ou serei eu que o estou rebocando? [...]”. Mas estavam navegando os dois juntos, ligados um ao outro, e o velho pensou: “Deixe que seja ele que esteja rebocando, se isso lhe agrada. Só consegui ser melhor do que ele por uma traição e ele não me desejava nenhum mal”<sup>324</sup>.

O velho sentia-se culpado por ter pescado o peixe; considerava todo o processo de pesca uma traição, e sentia que o espadarte era mais nobre que ele. O fato de ele pensar que o peixe estaria se agradando de rebocá-lo, porém, era uma indicação de falta de lucidez, pois o peixe já

---

<sup>321</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 95-96.

<sup>322</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 96.

<sup>323</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 97.

<sup>324</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 98-99.

havia morrido. Entretanto, continuavam navegando. O que Santiago temia, porém, aconteceu: o peixe foi atacado por um tubarão:

Estavam navegando bem e o velho molhava as mãos na água e tentava manter-se lúcido. Por cima deles viam-se cúmulos e cirros, e o velho sabia que isso queria dizer que a brisa duraria a noite toda. O velho pescador olhava constantemente para o peixe para ter a certeza de que era de verdade. Já havia decorrido uma hora quando o primeiro tubarão o atacou. O esqualo não viera por acaso. Viera das profundezas da água, quando a nuvem escura de sangue se espalhou pelo mar que tinha uma milha de profundidade. O tubarão subira depressa, sem o menor cuidado, e, quando veio à tona da água, brilhou inesperadamente ao sol. Em seguida tornara a mergulhar no mar e começara a nadar em perseguição da embarcação e do peixe<sup>325</sup>.

Era um tubarão *mako*, muito ágil, que, mesmo que às vezes perdesse a pista do barco e do peixe, logo a achava novamente. O tubarão foi descrito como um animal que tudo nele era lindo, com exceção das mandíbulas, pois tinha o dorso azul, a barriga prateada e a pele macia. Era muito parecido com um peixe-espada, desconsiderando, novamente, a mandíbula.

Tratava-se de um peixe habituado a alimentar-se de todos os outros peixes, mesmo dos que fossem também muito fortes e estivessem bem-armados, pois nenhum deles podia resistir a tão terrível inimigo. Agora aumentara a velocidade, pois sentira o cheiro da presa que perseguia, e a sua barbatana dorsal cortava a água celeremente<sup>326</sup>.

Ao ver o tubarão se aproximando, Santiago percebeu que era um animal muito perigoso e que faria qualquer coisa que quisesse. O velho pescador já se sentia com a mente desanuviada e lúcida, e por isso sabia que tinha poucas esperanças. Seu pensamento era de que realmente era tudo bom demais para durar. Pensamento típico de quem não acredita na própria sorte e que já vê a vida de modo negativo por ter se acostumado com as más situações. O velho agiu rapidamente, ao ver que o tubarão pegando um pedaço do peixe:

O arpão penetrou no ponto em que a linha entre os olhos se cruzava com a linha que vinha direta do nariz. Essas linhas não existiam. Só se viam a grande cabeça azul e os imensos olhos e o ruído das mandíbulas enormes e selvagens. Mas o cruzamento dessas linhas imaginárias determinava a localização do cérebro, e o velho acertou-o em cheio. Acertou-o, empunhando o arpão com aquelas duas mãos em carne viva e pondo nele todas as forças que conseguiu reunir. Acertou-o, sem grande esperança, mas com firme decisão<sup>327</sup>.

O narrador repete a expressão *acertou-o* para deixar claro o quão incrível era o fato de que Santiago acertou de primeira o cérebro do tubarão; esse paralelismo imprime uma grandeza poética no ato. Porém, embora tivesse sido de fato um grande feito, o tubarão havia abocanhado

---

<sup>325</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 99.

<sup>326</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 99-100.

<sup>327</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 100.

uns quinze quilos de carne; o peixe estava sangrando e portanto atrairia outros tubarões. A empatia do velho pelo peixe pode ser percebida no seguinte trecho:

Não lhe agradava olhar para o peixe agora que estava mutilado. Quando o tubarão mordeu o peixe, era como se tivesse mordido a ele próprio. “Mas matei o tubarão que atacou o meu peixe”, pensou o pescador. “E era o maior *dentuso* que vi até hoje. E Deus sabe que tenho visto muitos e grandes. Era bom demais para durar. Gostaria que, afinal, houvesse sido tudo um sonho e que nunca tivesse pescado o peixe e que estivesse agora na minha cama em cima dos meus velhos jornais.”<sup>328</sup>

A decepção de Santiago era tamanha que agora o que ele desejava era que não tivesse nem pescado o peixe e nem saído para essa aventura. Parecia, para ele, que seria melhor não ter feito tudo o que fez se fosse para perder depois. Logo, porém, o ideal de masculinidade de Santiago falava mais alto, e ele corrigia a si próprio, dizendo em voz alta: “Mas o homem não foi feito para a derrota [...]. Um homem pode ser destruído, mas nunca derrotado”<sup>329</sup>.

Durante o medo de ser atacado novamente, Santiago continuava se distraíndo com os pensamentos: pensou que a única coisa que lhe restava era pensar e beisebol. Então, se lembrou do grande DiMaggio, jogador que tem esporas no osso e continua jogando. Se perguntou se o DiMaggio teria se impressionado com o que ele fez, acertando um tubarão mesmo com as mãos machucadas. Ele começa a se comparar e isso demonstra insegurança, mas também mostra a grande admiração que ele tem pelo jogador. Mantendo-se otimista, ele dizia em voz alta: “Pense em qualquer coisa mais agradável, meu velho [...]. Cada minuto que passa o leva para mais perto da costa. Você navega mais depressa com a perda daqueles quinze quilos”<sup>330</sup>. O velho se aproximava da correnteza e temia a chegada de mais tubarões. Porém, continuava tentando manter a esperança.

“É uma estupidez não ter esperança”, pensou. “Além disso acho que é um pecado perder a esperança. Mas não devo pensar em pecados. Já tenho problemas demais para começar a pensar em pecados. Para dizer a verdade, também não compreendo bem o que são os pecados. Não os compreendo nem sei bem se acredito neles. Talvez fosse um pecado ter matado o peixe. Suponho que sim, embora a carne fosse para me conservar a vida e para alimentar muita gente. Mas então tudo é pecado. Não pense no pecado, meu velho. É demasiado tarde para isso e há pessoas cujo ofício é esse. Deixe que sejam eles a pensar nos pecados. Você nasceu para ser um pescador, tal como o peixe nasceu para ser peixe. S. Pedro era pescador, assim como o era o pai do grande DiMaggio”. Mas o velho gostava de pensar em todas as coisas que o cercavam e, como não tinha nada para ler e nem sequer possuía um aparelho de rádio, pensava muito e continuava a pensar nos pecados. “Mas você não matou o peixe apenas para conservar-se vivo e o vender para alimento”, pensou ele. “Matou-o por orgulho e

---

<sup>328</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 102.

<sup>329</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 102.

<sup>330</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 103.

porque é um pescador. Amava o peixe quando estava vivo, afinal ainda o ama morto. Se o ama, com certeza que não foi pecado matá-lo. Ou será ainda pior?<sup>331</sup>”

Santiago, de tanto pensar, por não ter rádio nem ninguém para conversar, começou a se preocupar com o possível pecado que cometera ao matar o peixe. Para amenizar a possibilidade de haver pecado, começou a pensar que o apóstolo João também era um pescador. E pensou também que não tinha culpa de matar o peixe, pois o peixe nasceu para ser peixe e ele, pescador. Porém, quanto mais pensava, mais preocupado ficava, pois não o matou apenas para se manter vivo e o vender, mas também por orgulho. A humanidade sofre com esses pensamentos e com os pecados; muitas vezes tenta-se amenizar alguma má ação com perspectivas boas que podem decorrer dela, mas, quando o próprio ser humano se confronta e é sincero consigo mesmo, percebe que a maioria das escolhas são feitas para orgulho próprio, e então uma grande tristeza e decepção consigo mesmo toma conta.

De uma maneira ou outra, a humanidade sempre tenta relativizar e amenizar sua própria culpa de algo que faz de errado. O velho, para consolar a si próprio, pensa que, de alguma maneira, tudo mata, assim como pescar o mata ao mesmo tempo que o faz viver. Pescar o mata emocionalmente, o faz ficar triste consigo mesmo, mas era o que o mantinha vivo, porque era uma das únicas atividades de que gostava. Então, pensando sobre o que o fazia bem, ele pensa no garoto: “O garoto é que me mantém na vida [...]. Não devo ter muitas ilusões.”<sup>332</sup> De fato, quando o desânimo tomava conta do velho, era o garoto que fazia com que ele seguisse em frente, ajudando com tudo que pudesse.

O velho comeu um pedaço do peixe que sobrava de uma das mordidas do tubarão e via que a carne era de primeira qualidade, de ótimo sabor e sumarenta. Sabia que conseguiria vender pelo preço mais alto do mercado. Agora, porém, vinham mais dois tubarões para atacar o espadarte. Diferentemente dos tubarão *mako*, que foi o primeiro a atacar e que Santiago admirava, agora se tratavam de tubarões *galanos*, que o narrador descreve da seguinte maneira:

Eram tubarões idosos, malcheirosos, assassinos e comedores de carne podre, e, quando tinham fome, eram capazes até de morder os remos ou o leme de um barco. Eram estes tubarões que costumavam cortar pernas e as barbatanas das tartarugas quando dormiam à tona d’água, e, se tivessem fome, atacaram um homem na água mesmo que ele não tivesse o cheiro do sangue de peixe<sup>333</sup>.

Os dois tubarões morderam e comeram uma parte do peixe e o velho conseguiu, com muito esforço, acertar e matar os dois. Depois deste susto, o velho disse: “Gostaria tanto que

---

<sup>331</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 104.

<sup>332</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 105.

<sup>333</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 106.

isto tudo fosse um sonho e que nunca o tivesse pescado. Tenho muita pena de você, meu peixe. Não queria que as coisas se passassem assim”<sup>334</sup>. O velho passou a sentir cada vez pior com tudo o que estava acontecendo, e até mesmo evitava a olhar para o peixe:

Parou de falar e não quis tornar a olhar para o peixe, Coberto de sangue e imundo, o peixe parecia ter a cor de prata enodada das costas de um espelho e mesmo assim as suas manchas ainda se ressaltavam.

- Não devia ter vindo tanto para o largo, peixe [...]. Nem você nem eu. Desculpe-me, peixe<sup>335</sup>.

Durante esta nova batalha, o velho começa a pensar que precisava ter uma pedra para afiar a faca, e quase se recrimina por tê-la esquecido. Entretanto, ele usa da própria sabedoria para se auto-consolar: “Sim, você devia ter trazido muitas coisas. [...] Mas não as trouxe, velho. Agora não é o momento de pensar naquilo que você não tem. Pense antes no que pode fazer com aquilo que tem”<sup>336</sup>. Porém, numa demonstração de falta de lucidez, ele responde em voz alta à sua própria mente: “Você está sempre me dando conselhos [...]. Estou farto de conselhos”<sup>337</sup>.

Agora, o peixe mutilado pelos dois últimos tubarões estava largando um rasto para outros tubarões; como “uma longa estrada no mar”<sup>338</sup>. Diversas vezes, a mente de Santiago o fazia lamentar-se pelo peixe que podia alimentar um homem durante o inverno inteiro. Entretanto, sua própria sabedoria interna o aconselhava a ser forte e resistir, não pensando nisso naquele momento: “Não pense mais nisso. Fique descansando e conserve as mãos em forma para defender o que resta da sua carne. [...] Não tenho nenhum ferimento que seja perigoso. Pode ser que o sangue impeça a mão esquerda de voltar a ter uma cãibra”<sup>339</sup>. Sua sabedoria também demonstrava um certo otimismo, quando conseguia enxergar o lado bom das situações e sentir gratidão. Estes pensamentos positivos remetem a alguns versículos bíblicos, como Josué 1:9, onde se lê: “Não tenho eu te ordenado? Sê forte e de boa coragem; não temas, tampouco fiques desanimado, pois o SENHOR teu Deus é contigo, por onde quer que fores”<sup>340</sup>.

<sup>334</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 108.

<sup>335</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 108.

<sup>336</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 109.

<sup>337</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 109.

<sup>338</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 109.

<sup>339</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 109.

<sup>340</sup> **Antigo Testamento: BÍBLIA**, A. T. JOSUÉ. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 345.



Romanos 8:28 também traz um otimismo ao ler que “[...] todas as coisas trabalham juntamente para o bem daqueles que amam a Deus.”<sup>341</sup>.

Como Santiago já esperava, um novo tubarão da espécie dos anteriores veio ao encontro do peixe. Ele só o matou, sem pensar muito. Agora, neste ataque, ele havia perdido a faca: “Só me resta o gancho. [...] Mas não servirá para nada. Tenho dois remos, o leme e o pequeno martelo<sup>342</sup>”. A perseverança, também uma virtude bíblica, pode ser observada quando ele quase desanimou, mas ainda assim não desistiu, enquanto pensava: “Agora estou derrotado [...]. Sou muito velho para conseguir, com marteladas, matar um tubarão. Mas continuarei a lutar enquanto tiver os dois remos, o martelo e o leme”<sup>343</sup>.

Há uma linda poesia na frase dita a seguir pelo velho, que contém paralelismo de repetição e uma reflexão filosófica sobre o cansaço. Ele teve muito esforço físico para derrotar o peixe e agora matar os tubarões que estavam acabando com sua grande vitória recente, mas o maior cansaço era diferente: “Você está cansado, velho. [...] Está cansado por dentro<sup>344</sup>”. Porém, finalmente havia os matado e agora, enfim, teve um momento de descanso após entender sua exaustão espiritual e mental, e “os tubarões não voltaram a atacar até o pôr do sol”<sup>345</sup>.

Após o pôr do sol, dois outros tubarões *galanos* vieram e o velho conseguiu atacá-los com o martelo, que mais parecia um machado. Ao ver que eles não morreram, o velho novamente pensa em sua condição como um homem de idade avançada.

“Não esperava mesmo conseguir matá-los”, pensou. “Teria conseguido, nos velhos tempos. Mas, mesmo assim, eu os feri bastante e nenhum deles deve sentir-se muito bem. Se tivesse um cajado maior, que pudesse segurar com as duas mãos, teria matado o primeiro, com certeza. Mesmo sendo um velho<sup>346</sup>”.

Enquanto brigava com os dois peixes, Santiago começou a pensar nas luzes de Havana que logo veria ao se aproximar das praias. Ele começa a repensar sobre suas relações: mesmo tendo sido desacreditado pelos pescadores, considerava-os boas pessoas. Como em Mateus 6:14, que explica que o Pai Celestial perdoará quem perdoar o próximo<sup>347</sup>, e como Jesus, enquanto pregado na cruz, ainda assim pedia a Deus que perdoasse a quem os fazia mal: “Então,

<sup>341</sup> **Novo Testamento: BÍBLIA, N. T. ROMANOS.** In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 1860.

<sup>342</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 110.

<sup>343</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 110.

<sup>344</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 110.

<sup>345</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 110.

<sup>346</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 112.

<sup>347</sup> **Novo Testamento: BÍBLIA, N. T. MATEUS.** In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 1554.

disse Jesus: Pai, perdoa-lhes, porque eles não sabem o que fazem”<sup>348</sup>. Muitas vezes, o ser humano faz mal ao seu próximo sem saber a dimensão da dor que estão causando e sem saber das consequências que isso terá para quem sofre.

“Já devo estar bastante perto”, pensou o velho pescador. “Espero que ninguém se tenha afligido demasiado. Só o garoto é que deve estar preocupado, naturalmente. Mas tenho certeza de que Manolin confia em mim. Alguns dos pescadores de mais idade também devem estar preocupados. E talvez muitos outros. O pessoal da minha aldeia é gente boa”<sup>349</sup>.

O velho decide ainda continuar a falar com o peixe, que agora já era metade do que era. Ele pede desculpas e assume toda a responsabilidade sobre o que tinha acontecido, dizendo “meio peixe [...] peixe que você já foi. Sinto muita pena de termos chegado a isto. A culpa foi minha. Arruinei a nós dois. Mas matamos alguns tubarões, você e eu, e ferimos muitos outros”.<sup>350</sup> Nestes poucos trechos recentes, o velho demonstrou gratidão, perseverança, compaixão, perdão e agora humildade. Ele tinha muitas virtudes de Jesus Cristo, e isto não podia ser apenas visto nas imagens que tinha em casa, mas em suas próprias atitudes.

Santiago decidiu que lutaria até morrer se precisasse, caso os tubarões atacassem novamente durante a noite. Por um momento, demonstrando novamente a insegura lucidez, pensou que já pudesse estar morto.

Mas agora já estava escuro e não se via nenhum resplendor nem luzes, só sentia o vento e a força insistente da vela, e julgou que talvez já estivesse morto. Juntou as mãos e sentiu as palmas. Não estavam mortas e podia sentir a dor da vida ao abri-las e fechá-las. Encostou-se para trás de encontro à popa e verificou que não estava morto. Os ombros diziam-lhe bem, com a dor que irradiavam<sup>351</sup>.

Santiago lembrou-se que tinha que rezar todas as orações que havia prometido se conseguisse pescar o peixe. Bem, ele havia pescado, mas agora estava-o perdendo e estava muito cansado, portanto adiou as rezas. Embora muitas vezes seu pensamento fosse como uma voz de sabedoria, muitas vezes era como um peso acusador para o velho, apontando a ele o que ele havia feito de errado, principalmente quando ele tinha alguma esperança. De modo a rebater estes pensamentos que por vezes eram negativos, o velho respondia em voz alta.

Deitou-se na popa com o leme seguro debaixo do braço e ficou à espera de ver no céu o resplendor da cidade. “Mesmo assim trago metade do peixe”, pensou o velho. “Pode ser que tenha a sorte de trazer a parte da frente. Mereço ter um pouco de sorte. Não... Você violou a sua sorte quando se afastou tanto da costa”

<sup>348</sup> **Novo Testamento: BÍBLIA**, N. T. LUCAS. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 1714

<sup>349</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 112.

<sup>350</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 113.

<sup>351</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 113.

- Não seja tão estúpido. [...] Não adormeça e preste atenção ao leme. Ainda pode ser que venha a ter muita sorte. Gostaria de comprar um pouco de sorte se houvesse algum lugar onde a vendessem<sup>352</sup>.

Finalmente, por volta das dez horas da noite, o velho viu as luzes da cidade. Logo estaria na corrente. Percebeu que os tubarões poderiam voltar a atacar antes que ele chegasse à cidade, “mas o que é que um homem pode fazer contra eles no escuro e sem armas?”<sup>353</sup>. Santiago sentia-se dolorido e os ferimentos o magoavam juntamente com o frio noturno. Ele ainda tinha esperança de não precisar voltar a lutar.

Mas pela meia-noite teve de lutar e desta vez sabia que a luta era inútil. Vieram todos juntos e o velho só conseguia distinguir as barbatanas na água e a fosforescência que produziam quando se atiravam ao peixe. Pegou no cajado e começou a bater a torto e a direito, ouvindo o barulho das mandíbulas arrancando pedaços de carne e sentindo a embarcação estremecer a cada vez que os tubarões mordiam o peixe. Lançava e tornava a lançar o cajado com desespero àquilo que apenas podia sentir e ouvir, e depois sentiu alguma coisa agarrar no cajado e levá-lo ao mar<sup>354</sup>.

Porém, lutando com toda a garra e com tudo o mais que tinha, o velho deparava-se com outros tubarões atacando o peixe inteiro e todos juntos, mordendo grandes pedaços de carne. Santiago soube que tudo havia acabado quando um dos tubarões trincou a cabeça do peixe. Agora ele só tinha o leme para utilizar como arma de defesa.

Bateu com o leme na cabeça desse tubarão quando o viu com as mandíbulas agarradas à cabeça do peixe, que não queria soltar. Bateu uma, duas, três vezes. Ouviu o estalo do leme que se partia e continuou a atacar a fera com o pedaço de madeira que lhe ficara na mão. Sentiu que acertara em cheio e desfechou outra pancada. O tubarão largou a presa e voltou-se de lado. Era o último tubarão do compacto grupo que desfechava aquele ataque. Afastaram-se todos, pois já não havia mais nada para comer<sup>355</sup>.

Depois de se sentir derrotado com aquele último ataque dos tubarões, que após comerem tudo o que havia do peixe já iam saindo de perto, usou o leme para dirigir o barco e foi para a costa. Navegou rápido, considerando que a embarcação estava leve, e “ia sem pensamentos nem sentimentos de nenhuma espécie<sup>356</sup>. Sua tristeza e decepção eram tão grandes que ele chegou em um estado de pensar nem sentir nada, como ocorre quando alguém chega a sentir um grande vazio; uma tristeza incapacitante.

O velho pescador já ultrapassara todas as forças e conduzia a embarcação para o posto de abrigo instintivamente, da melhor maneira que lhe era possível. Durante a noite alguns tubarões atacaram a carcaça, mas afastaram-se ao verificar que já não lhe

---

<sup>352</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 113- 114.

<sup>353</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 114.

<sup>354</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 115.

<sup>355</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 115-116.

<sup>356</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 116.

restava nenhuma carne. O velho não lhes deu a menor importância. Na realidade, não dava importância a nada, exceto à direção da embarcação. Só reparava na leveza e na velocidade do barco, agora que não tinha de arrastar o peso do peixe<sup>357</sup>.

Todas as emoções e sentimentos negativos haviam tomado conta do velho. Chegou ao ponto que tudo perdeu o sentido: por que havia ido pescar? por que ficou tanto tempo no mar? por que lutou por tantas horas com o peixe, vencendo-o e se sentindo tão culpado por isso tantas vezes? por que lutou tanto com os tubarões? Estes questionamentos o levaram a um vazio existencial. Ele estava navegando agora no automático, fazia tudo desta maneira porque nada mais fazia sentido. Isto se traduz ao que o narrador chama de *não dar importância a nada*. Na verdade, tinha se importado demais; tanto que passou a não se importar mais. Ele chegou finalmente ao estado que Salomão estava quando escreveu em Eclesiastes que tudo era vaidade na vida; era tudo como se fosse em vão: “Portanto odiei a vida, porque o trabalho que se faz debaixo do sol é doloroso para mim; porque tudo é vaidade e angústia de espírito”.<sup>358</sup>

Mesmo com todas estas batalhas, pelo menos Santiago sabia que estava chegando à terra firme. Sabia onde estava e era fácil agora chegar à sua praia. Começou a pensar em seus grandes amigos da natureza, e chegou à conclusão de que o vento, o mar e a cama eram seus melhores amigos. “A cama é minha amiga. De cama é que eu preciso. Espero por ela com uma grande impaciência. É fácil quando se está vencido”.<sup>359</sup> Ele ansiava pela cama porque estava cansado, mas também porque estava triste e dormir é uma boa maneira de escapar um pouco da dura realidade. O livro descreve finalmente a chegada de Santiago à Havana:

Quando a embarcação entrou no pequeno porto, as luzes da Esplanada estavam apagadas e o velho sabia que já estavam todos deitados. A brisa tinha-se levantado e agora já soprava com bastante força. Dentro da baía, porém, o mar estava muito calmo e o velho apontou a embarcação para uma mancha de cascalho, mesmo por debaixo das rochas da praia. Não havia ninguém para ajudá-lo e por isso foi com dificuldade que arrastou o barco para terra, deixando-o a meio da praia, pois não conseguiu levá-lo mais longe. Depois passou um cabo à volta de uma rocha e deixou-o bem seguro.<sup>360</sup>

Finalmente, o velho, ao colocar o mastro às costas e subindo as rampas que davam até sua aldeia, percebeu como era grande seu cansaço. Olhou para trás e viu o seu barco que fora deixado na praia, e, com os reflexos das luzes da rua, avistou

a grande cauda do peixe, erguendo-se bem mais alto do que a popa da embarcação. Viu a linha branca da espinha dorsal, despojada de carne, a escura massa da cabeça

<sup>357</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 116.

<sup>358</sup> **Antigo Testamento: BÍBLIA**, A. T. ECLESIASTES. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 1062.

<sup>359</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 117.

<sup>360</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 117.

com a espada projetando-se na escuridão e o grande vazio provocado pela falta da rica carne do peixe.<sup>361</sup>

Ao recomeçar a andar, o velho caiu com o mastro sobre seus ombros, o que lembra a caminhada de Jesus Cristo à crucificação, quando ele caía com a cruz nas costas. O velho já não conseguia levantar-se, portanto sentou-se e ficou olhando para a estrada e para um gato que havia passado. Durante toda a caminhada, Santiago teve de levantar-se cinco vezes até chegar à sua cabana. Ao chegar em casa, bebeu uma garrafa de água e adormeceu coberto com sua manta e com a cabeça apoiada no rolo de jornais que utilizava como travesseiro.

Dormia ainda quando, pela manhã, o garoto espreitou pela porta. O vento soprava com tanta força que impedira os barcos de pesca de sair para o mar. Manolin tinha-se levantado mais tarde e fora em seguida para a cabana do velho, como fazia todas as manhãs. O garoto viu que o velho respirava, observou-lhe então as mãos e começou a chorar. Saiu para a rua sem fazer o menos ruído e afastou-se para ir buscar café. Durante todo o caminho não parou de chorar<sup>362</sup>.

Manolin confiava no velho, porém, todos os dias que Santiago estivera fora, Manolin foi à sua cabana para se certificar se ele não havia chegado. O garoto mais uma vez foi à cabana e agora chorava, talvez de alívio que o velho chegou e estava vivo ou talvez por sentir pena de tamanha exaustão e sofrimento. Talvez chorasse pelos dois motivos.

O garoto viu que muitos pescadores da aldeia se encontravam ao redor do barco de Santiago, medindo com um pedaço de linha o esqueleto que estava amarrado ao barco. Os pescadores, ao verem Manolin, perguntaram como estava o velho, e o garoto respondeu apenas “Dorme. Não o incomodem”<sup>363</sup>. O garoto estava chorando e nem se importava que os homens notassem. Percebe-se um exemplo de confiança da própria masculinidade. Ou talvez a dor do garoto fosse tão grande que era maior do que qualquer orgulho masculino. Os pescadores chegaram à conclusão de que o peixe media cinco metros e cinquenta da cabeça à cauda. O garoto já sabia que este seria mais ou menos o tamanho do peixe e foi à Esplanada pegar uma térmica de café para o velho.

O proprietário da Esplanada demonstrava estupefação dizendo “Mas que peixe aquele! Nunca se viu um peixe assim”<sup>364</sup>. Para o garoto, parecia futilidade ficar discutindo o tamanho do peixe considerando que o velho estava quase à beira da morte e havia arriscado sua própria vida. Isto é semelhante ao próprio cotidiano atual: quando acontece alguma tragédia, alguns comentam e filmam, e outros de fato ajudam e se preocupam.

---

<sup>361</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 118.

<sup>362</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 119.

<sup>363</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 119.

<sup>364</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 120.

O cuidado de Manolin era tão grande que ele ficou ao lado do velho observando-o dormir e buscou lenha para esquentar o café. Aguardou até o velho acordar e deu-lhe uma caneca cheia. A primeira coisa que Santiago disse foi “Venceram-me, Manolin. [...] Venceram-me, de verdade”<sup>365</sup>. O garoto lamentava o cansaço de Santiago, sua debilidade, e o fato de ter ganhado uma batalha tão difícil e depois ter perdido o maior peixe já visto pelos pescadores. Porém, embora lamentasse, demonstrava uma racionalidade e agia a partir do que conseguia fazer. Perguntou ao velho o que deveriam fazer com a cabeça e a espada, ao que Santiago respondeu que a cabeça poderia ser dada ao pescador Pedrito para usá-la como isca. O garoto aceitou a proposta do velho de ficar com a espada do peixe, e informou que andaram à procura do velho aquele tempo todo, com a guarda costeira e aviões. O velho, ao responder que o barco era pequeno demais em comparação com a imensidão do oceano, percebeu como era bom falar com alguém realmente, ao invés de falar sozinho como havia feito nos últimos dias.

Manolin disse que agora eles iriam voltar a pescar juntos e Santiago respondeu que não tinha sorte. A resposta do garoto foi “que a sorte vá para o diabo! [...] Eu levarei a sorte comigo”<sup>366</sup>. Ele não se importava com o que ninguém falava e muito menos se o velho realmente não tinha sorte, pois valorizava mais a amizade do que qualquer outra questão, o que se assemelha muito a Provérbios 17:17, onde lê-se que “um amigo ama todo o tempo, e na adversidade nasce um irmão”<sup>367</sup>.

Decidiram, por fim, que iriam pescar juntos, principalmente porque Manolin disse que ainda tinha muito a aprender. A verdadeira amizade e a humildade são observadas no seguinte diálogo:

- Deite-se, meu velho, que eu vou buscar a sua camisa lavada. E alguma coisa para comer.
- Traga alguns jornais dos dias em que andei pelo mar - pediu o velho.
- Preciso curá-lo quanto antes [*sic*], pois ainda tenho muito que aprender e você pode me ensinar. Sofreu muito?
- Bastante - respondeu o velho.
- Trago já os jornais e comida - disse o garoto. - Descanse bem, meu velho. Irei também à drogaria buscar qualquer coisa para as suas mãos<sup>368</sup>.

Novamente, ao sair da cabana, o garoto chorou. A história termina com uma descrição de um acontecimento inusitado: dois turistas americanos, um homem e uma mulher, estavam na Esplanada, vendo a espinha branca comprida flutuando no maré; era o que sobrara do

---

<sup>365</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 120.

<sup>366</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 122.

<sup>367</sup> **Antigo Testamento: BÍBLIA**, A. T. PROVÉRBIOS. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021, p. 1033.

<sup>368</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 122-123.

espadarte que Santiago havia pescado. A mulher perguntou para o garçom o que era aquilo. O garçom tentou responder em espanhol o que havia sucedido com o peixe, que o deixou naquele estado: “*tiburón*”. A mulher disse, então, a partir de um mal-entendido linguístico: “Não sabia que os tubarões tinham caudas tão belas e tão bem-formadas”, ao passo que o companheiro respondeu que também não sabia. Esta cena final é representativa e até mesmo crítica por mostrar que uma batalha tão grande na vida de alguém pode ser um nada para outra pessoa. O que remete àquela famosa frase de conhecimento comum: “seja gentil, você não sabe o que o outro está passando”. Isto demonstra a importância da empatia, de ver o mundo além da própria visão e do próprio contexto, principalmente porque o ser humano tem o costume de menosprezar não apenas outros seres humanos, mas também a natureza e o meio ambiente, achando que a tudo pode subjugar.

Enquanto dois americanos ricos estavam lá sem entender nada, o velho estava na cabana, dormindo novamente, “com o rosto escondido no monte de jornais que lhe servia de almofada. O garoto estava sentado a [*sic*] seu lado, observando-o. O velho sonhava com leões”.<sup>369</sup> Apesar de tantas decepções e emoções que o velho tinha passado, tudo voltou a ser como era antes, e ele agora estava novamente contente, sonhando com os leões. E talvez verificasse mais tarde que, se não enriqueceu, ao menos superou a si mesmo e recuperou seu orgulho próprio, ganhando novamente o respeito da aldeia e pescando um peixe depois de tantos. No entanto, talvez percebesse, após algum tempo, que, na verdade, seu maior valor estava na amizade e no amor que ele recebia de seu amigo Manolin.

---

<sup>369</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 124.





## 5 CONCLUSÃO

O elemento sagrado está presente na obra. Há diversos argumentos que corroboram esta afirmação. Primeiramente, a própria vida Hemingway. O autor de *O Velho e o Mar* tinha a verossimilhança como uma das premissas de sua escrita, e elementos de sua própria vida apareciam com frequência em suas obras, fato que não negava. Ernest Hemingway, tal como Santiago, era católico. O autor lia a Bíblia frequentemente, e há relatos de seu biógrafo Carlos Baker que ele mantinha sua Bíblia ao lado de sua cama, consultando-a diariamente.

A leitura tão frequente das escrituras sagradas leva a outro ponto da presença do sagrado na leitura: o próprio texto. Hemingway, propositalmente ou não, trouxe a Bíblia para *O Velho e o Mar* a partir de sua escrita, o que foi feito através dos paralelismos. A poesia hebraica do Antigo Testamento da época utilizava as repetições de palavras e frases com alguns objetivos, um deles como um meio de enfatizar acontecimentos importantes. Hemingway, da mesma maneira, utilizava repetições de palavras e orações para causar emoção e demonstrar poeticamente a profundidade dos atos e sentimentos de Santiago. Os paralelismos são frequentes na obra, o que causa no leitor uma lembrança da escrita do Antigo Testamento.

O sagrado, além de estar no formato da escrita, também está nas próprias palavras e pensamentos do personagem principal. Frequentemente, Santiago pedia a ajuda de Deus e prometia fazer rezas se conseguisse alcançar seus objetivos, bem de acordo com seu próprio modo de ser cristão. Por cinco vezes durante a narrativa, Santiago falou ou pensou *Deus sabe*, sempre em momentos em que sentia-se agoniado. Por treze vezes ele menciona *Deus* e a expressão *Graças a Deus* ocorre duas vezes, isto sem contar as vezes que ele rezou durante a luta. Santiago fez algumas orações durante momentos cruciais da batalha, entre elas *Ave Maria*. Depois, ele lembrava-se sempre de fazer outras orações que ele havia prometido caso pescasse o peixe.

A presença de Deus estava em toda a narrativa, de modo teopoético. Santiago por muitas vezes durante a batalha só conseguia continuar por causa de sua fé. Havia uma confiança, uma esperança que não era dele e que o fazia perseverar e continuar lutando mesmo quando estava perdendo os sentidos. Chega um momento que nem o orgulho mais era motivação suficiente para seguir lutando, porque ele passa a reconhecer que o peixe é melhor e mais nobre do que ele em vários sentidos. Porém, há uma força motriz divina que não o deixa desistir e uma preocupação última que o mantém lutando.

A partir da Estética da Recepção e da Teopoética foi possível fazer algumas interpretações que a história permite. Ambas as teorias defendem que a obra literária contém

vazios que podem ser completados pelo leitor - e o próprio Hemingway também dizia que deixava lacunas em suas histórias. Uma interpretação é que Hemingway estava descrevendo o próprio momento em que estava passando, no qual se sentia mais maduro e mais sábio. A partir desta premissa, os 84 dias que Santiago estava sem pescar referiam-se aos dez anos que Hemingway não conseguia publicar uma obra de sucesso, pois havia dez anos que ele havia publicado *Para Quem os Sinos Dobram*. E a vitória final de Santiago, assim como a recuperação de sua confiança e orgulho, são parecidas com o êxito de Hemingway de ganhar o prêmio Nobel. Esta foi a sua última obra e foi também considerada a obra prima. Da mesma maneira que a vitória de Santiago teve também um dissabor final, o prêmio Nobel de Ernest Hemingway não foi tão bom para ele, pois, no alto de seus problemas psicológicos, começou a sentir-se incapacitado e ainda mais exigente consigo mesmo, porque nada que escrevesse parecia bom o suficiente para quem tinha tal prêmio.

É possível também fazer uma relação com o livro de Eclesiastes, da Bíblia. Salomão, mais velho após escrever Provérbios, demonstra seu amadurecimento e também sua tristeza. Ele, em alguns momentos, não via mais sentido na vida e muitas vezes sentia que era mais feliz em sua juventude, mas ao mesmo tempo, percebia tudo que fez para aproveitar, afinal, não o trouxe felicidade genuína. Da mesma maneira, Santiago lembrava-se de quando era considerado o *El Campeón*. Ao comparar com o presente momento em que se encontrava, se perguntava onde havia ido aquela força e tenta encontrá-la repetidamente. As tristezas de Santiago se assemelham aos pensamentos descritos em Eclesiastes.

A partir da Teologia da Cultura, foi possível observar a manifestação do sagrado em uma obra considerada secular, provando que Deus não se encontra somente na igreja, mas em todo o contexto humano. Não há no livro intenção nenhuma de evangelizar, mas o elemento sagrado está presente em todos os momentos, seja na linguagem, na escrita e nos sentimentos expressados pelo velho e sentidos pelo leitor. Esta antropologia teológica é percebida também nos momentos de maior aflição do velho, que clamava por Deus em cada momento que parecia não haver saída, demonstrando a preocupação última da humanidade.

Enquanto acontece a leitura, o leitor tende a sentir os mesmos sentimentos do velho, devido à escrita detalhada, simples e verossímil. *O Velho e o Mar* leva o leitor a relembrar momentos em que sentiu exatamente o mesmo que Santiago, porque a obra traz um simbolismo no qual cada pessoa pode assemelhar o mar, o peixe e os tubarões a alguma situação de sua vida. O mar pode ser um ambiente ou contexto que leva a algum desafio, o peixe é a vitória a ser conquistada e os tubarões são os acontecimentos ou condições que tentam impedir o ser humano de conseguir seu maior objetivo. Por vezes, na vida, o peixe é capturado e há um final

feliz e às vezes os tubarões o destroem. Porém, como a Bíblia ensina, tudo coopera para o bem dos que amam a Deus. Mesmo quando uma batalha é perdida, ainda assim há motivos para se sentir feliz, a partir da graça de Jesus. Quando Santiago perdeu o peixe para os tubarões, ele ainda tinha o que comemorar: ele havia vencido a batalha, ele tinha seu amigo e tinha seus sonhos com os leões. E os maiores triunfos nem sempre podem ser vistos por outras pessoas.

A partir do método de correlação, foi possível fazer uma leitura teológica, que permitiu a análise teológica e literária do sagrado, o que permitiu as diversas interpretações, reflexões, comparações e relações aqui descritas. Algumas emoções são intrínsecas ao ser humano, e a busca pelo eterno e pelo sagrado é uma delas, como demonstra este livro.

O final da história também remete aos sentimentos mais valiosos da humanidade; sentimentos pelos quais não é necessário pagamento algum: amor, amizade, esperança e perseverança. De alguma maneira, todos estes sentimentos são retratados na Bíblia. Ao terminar a leitura, quem lê pode enfim perceber que o que mantinha Santiago feliz era o amor de Manolin, que o amava por quem ele era e o servia sem esperar nada em troca, assim como Jesus ordenou que a humanidade fizesse. O livro é muito admirado principalmente porque demonstra, em sua essência, o maior mandamento de todos, que é o amor.

*O Velho e o Mar* permite diversas outras pesquisas, e que são aqui recomendadas. É possível analisar a história a partir da jornada do herói. Sugere-se também correlações com outras áreas, como Antropologia, Filosofia, Sociologia, Linguística, Sociologia e Psicologia. Recomenda-se uma pesquisa que dê conta do ideal de masculinidade da época e as referências ao gênero feminino na obra. Quanto à Teologia, também há a possibilidade de fazer um paralelo entre Eclesiastes e *O Velho e o Mar*. Muitas outras pesquisas podem ser feitas a partir do livro, porque a história, embora curta, tem uma grande profundidade e isso inspira outras análises, sentimentos e reflexões.



## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A Festa de Maria**, 7. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

ALVES, Rubem. **O Poeta, o Guerreiro, o Profeta**. Petrópolis: Vozes, 1992.

ALVES, Rubem. **Rubem Alves Essencial: 300 pílulas de sabedoria**, 1. ed. São Paulo: Planeta, 2015.

ALVES, Rubem. **Variações sobre a Vida e a Morte ou o Feitiço Erótico-herético da Teologia**. São Paulo: Loyola, 2005.

**Antigo Testamento: BÍBLIA**, A. T. ECLESIASTES. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021.

**Antigo Testamento: BÍBLIA**, A. T. ÊXODO. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021.

**Antigo Testamento: BÍBLIA**, A. T. GÊNESIS. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021.

**Antigo Testamento: BÍBLIA**, A. T. JÓ. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021.

**Antigo Testamento: BÍBLIA**, A. T. JOSUÉ. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021.

**Antigo Testamento: BÍBLIA**, A. T. NEEMIAS. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021.

**Antigo Testamento: BÍBLIA**, A. T. OSEIAS. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021.

**Antigo Testamento: BÍBLIA**, A. T. PROVÉRBIOS. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021.

**Antigo Testamento: BÍBLIA**, A. T. SALMOS. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021.

BAKER, Carlos. **Ernerst Hemingway: o Romance de uma Vida**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1971.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Teopoética: uma maneira de fazer Teologia? **Interações: Cultura e Comunidade**, vol. 11, núm. 19, jan-jun. 2016.

BINGEMER, Maria Clara; VILLAS BOAS, Alex. **Teopoética: Mística e Poesia**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2020.

- BLASS, Leila Maria da Silva. Dois de fevereiro, Dia de Iemanjá, Dia de Festa no Mar. **Revista Nures**. São Paulo. n.5, p. 131-149, jan.-abr. 2007.
- BRAKEMEIER, Gottfried. **O Ser humano em Busca de Identidade**: Contribuições para uma antropologia teológica. 3ª ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2002.
- COUGO, Caroline; SALDANHA, Marcelo. Os paralelismos em *O Velho e o Mar* e sua relação com o Antigo Testamento. **Tear Online**. São Leopoldo, v. 12, n. 1, p. 37-52, jan.-jul. 2023.
- CUNHA, Carlos Alberto Motta. Teologia de Fronteira: aportes do método de correlação de Paul Tillich. **Revista Eletrônica Correlatio**, v. 15, n. 2. p. 27-51, dez. 2016.
- DONNE, John. **Meditações**: Devoções para ocasiões emergentes. São Paulo: Editora Landmark, 2007. Meditação XVII.
- FLORES, Fabrício Mateus. **A Estética da Recepção em um jogo como obra de arte**: A análise de *The Witcher 3: Wild Hunt*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras: Português) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS): São Leopoldo, 2019.
- GIBELLINI, Rosino. **A teologia do século XX**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- GOLIN, Luana Martins. A Teopoética em Rubem Alves. **Estudos de Religião**, v. 31, n. 2, p. 240-259. maio-ago 2017.
- GUIMARÃES, Filipe (org.). **Arqueologia da Religião**: método e interpretação do produto artístico da religião. Macapá: UNIFAP, 2018.
- HAIGHT, Roger. **Dinâmica da teologia**. São Paulo: Paulinas, 2004.
- HAWKING, Stephen. **Breves Respostas para Grandes Questões**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.
- HEMINGWAY, Ernest. **O Velho e o Mar**. Tradução: Fernando de Castro Ferro. 105ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.
- Introdução. **Associado Apostolado do Sagrado Coração de Jesus**. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20111129185520/http://www.asc.org.br/site/devocao/devocao.htm>>. Acesso em: 22. abr. 2024
- ISER, Wolfgang. **O Ato da Leitura**: uma teoria do efeito estético, vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1996.
- ISER, Wolfgang. **O Ato da Leitura**: uma teoria do efeito estético vol. 2. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- MACIEIRA, João Arthur Basile. **Ernest Hemingway entre a Literatura e a História**. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2021.

MANZATTO, Antônio. **Teologia e Literatura**: Reflexão teológica a partir da Antropologia contida nos romances de Jorge Amado. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

MARIANO, Alex Villas Boas Oliveira. **Teologia e Literatura como Teopatodiceia**: Em busca de um pensamento poético teológico. 2013. 491 f. Tese (Doutorado em Teologia) - Programa de Pós-graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, 2013.

MOLTMANN, Jürgen. **Experiências de Reflexão Teológica**: caminhos e formas da teologia cristã. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

**Novo Testamento: BÍBLIA, N. T. 1CORÍNTIOS**. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021.

**Novo Testamento: BÍBLIA, N. T. 1JOÃO**. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021.

**Novo Testamento: BÍBLIA, N. T. 2CORÍNTIOS**. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021.

**Novo Testamento: BÍBLIA, N. T. APOCALIPSE**. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021.

**Novo Testamento: BÍBLIA, N. T. JOÃO**. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021.

**Novo Testamento: BÍBLIA, N. T. LUCAS**. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021.

**Novo Testamento: BÍBLIA, N. T. MARCOS**. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021.

**Novo Testamento: BÍBLIA, N. T. MATEUS**. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021.

**Novo Testamento: BÍBLIA, N. T. ROMANOS**. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021.

**Novo Testamento: BÍBLIA, N. T. TIAGO**. In: Bíblia King James 1611. Tradução de BV Books Editora. 4ª Edição. Niterói - RJ. Editora BV Books, 2021.

PAULINO, Clademilson. **Liberdade e Sofrimento**: Um diálogo entre Juan Luis Segundo e Guimarães Rosa. Campinas: Editora Saber Criativo, 2019.

REBLIN, Iuri Andréas. **Outros Cheiros, Outros Sabores... O pensamento teológico de Rubem Alves**. São Leopoldo: Oikos, 2014.

Rituales en Cuba: quién es Yemanyá, la misteriosa y temida diosa del mar. **Infobae**. Disponível em: <<https://www.infobae.com/america/america-latina/2017/02/08/rituales-en-cuba-quien-es-yemaya-la-misteriosa-y-temida-diosa-del->

